

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

ALINE MARLA DE MOURA PIAU TREVISAN

**METODOLOGIA PARA O ENSINO DE FILOSOFIA: UMA
PROPOSTA DE REVISTA DIGITAL**

**SÃO CARLOS – SP
2025**

ALINE MARLA DE MOURA PIAU TREVISAN

**METODOLOGIA PARA O ENSINO DE FILOSOFIA: UMA
PROPOSTA DE REVISTA DIGITAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PROF-FILO) para obtenção do título de Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos.

Orientadora Profa. Dra. Adriana Mattar Maamari

SÃO CARLOS – SP
2025

Trevisan, Aline Marla de Moura Piau

Metodologia para o ensino de Filosofia: uma proposta de revista digital / Aline Marla de Moura Piau Trevisan -- 2025.
138f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Adriana Mattar Maamari

Banca Examinadora: Rouseane da Silva Paula Queiroz, Jefferson Luis Brentini da Silva

Bibliografia

1. Filosofia. 2. Aprendizagem significativa. 3. Tecnologias digitais. I. Trevisan, Aline Marla de Moura Piau. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação Profissional em Filosofia

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Aline Marla de Moura Piau Trevisan, realizada em 19/03/2025

Comissão Julgadora:

Documento assinado digitalmente
gov.br ROUSEANE DA SILVA PAULA QUEIROZ
Data: 20/03/2025 10:23:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Rouseane da Silva Paula Queiroz (UERN - Caicó)

Documento assinado digitalmente
gov.br JEFFERSON LUIS BRENTINI DA SILVA
Data: 20/03/2025 07:31:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Jefferson Luis Brentini da Silva
(Secretaria da Educação do Estado de São Paulo /SP)

Documento assinado digitalmente
gov.br ADRIANA MATTAR MAAMARI
Data: 10/04/2025 00:42:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Adriana Mattar Maamari
(UFSCar-SP)

Expresso meu agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela concessão da bolsa de estudos, que foi essencial para a realização desta dissertação de mestrado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo privilégio de participar do Programa PROF-FILO/UFSCar, uma experiência enriquecedora que fortaleceu minha vocação como educadora e ampliou minha capacidade de contribuir de forma significativa em sala de aula.

À minha querida e abençoada família, que esteve presente em cada etapa desta jornada, oferecendo apoio, incentivo e amor incondicional para a realização deste grande sonho.

Registro, com gratidão, o esforço e a dedicação de meu amado esposo e de meu filho, que caminharam ao meu lado durante todo o percurso, colaborando de forma essencial para que este dia especial se concretizasse.

À minha amada mãe, que sempre me apoiou com palavras de encorajamento e celebrou, com entusiasmo, cada uma de minhas conquistas.

Manifesto meus sinceros agradecimentos a todos os professores do Programa PROF-FILO, em especial à minha orientadora, Profa. Dra. Adriana Mattar Maamari, cujo apoio, dedicação e excelência em suas aulas iluminaram meu caminho, inspirando-me a enfrentar o desafio de ensinar de forma pragmática e com um olhar diferenciado para o ensino de Filosofia.

Agradeço, de forma especial, aos professores Roseane da Silva Paula Queiroz e Josailton Fernandes, do Programa PROF-FILO (UERN/Caicó), cujos ensinamentos valiosos marcaram profundamente minha trajetória acadêmica.

Por fim, estendo minha gratidão ao professor Jefferson Luis Brentini da Silva, pelas contribuições em minha banca de qualificação, e às amigas de trabalho, cuja presença, apoio e amizade foram fundamentais nos momentos desafiadores e nas conquistas ao longo da realização desta pesquisa.

RESUMO

O ensino de Filosofia no ensino médio enfrenta desafios significativos, como a desvalorização da disciplina e o distanciamento dos estudantes em relação à prática filosófica no cotidiano. Diante disso, este trabalho teve como objetivo demonstrar como a prática do ensino de Filosofia pode ser ressignificada por meio de metodologias ativas, utilizando ferramentas digitais para promover a criticidade e a autonomia dos alunos. Para alcançar esse propósito, foram estabelecidos três objetivos específicos: resgatar, fortalecer e desenvolver a criticidade dos estudantes por meio de debates filosóficos aplicados ao cotidiano; implementar metodologias ativas para engajar os alunos no processo de ensino-aprendizagem; e utilizar ferramentas digitais para fomentar a autonomia e a participação ativa dos estudantes. A pesquisa, de natureza aplicada, adotou o estudo de caso com turmas do ensino médio de uma escola pública estadual do interior de São Paulo. O caminho implementado visou possibilitar o engajamento dos estudantes, utilizando a sala de aula invertida, o uso de dispositivos digitais e a criação de uma revista digital pelos alunos. Foram coletados dados com professores e alunos por meio de entrevistas. O referencial teórico fundamentou-se em autores como Dewey (1959; 1979; 2002), que concebe a educação como prática reflexiva e emancipatória; Deleuze (2009), com a criação de novos conceitos; Gallo (2009; 2012), que vê a Filosofia como criação de conceitos a partir de problemas filosóficos; Prensky (2008; 2010), que discute o uso das TICs e os nativos digitais no ensino; Ausubel, Novak e Hanesian (1983), que propõe a teoria da aprendizagem significativa; Bacich e Moran (2018), com a criação de um espaço de aprendizado interativo; e Foucault (1979; 1999), com suas análises sobre as relações de poder e saber no ambiente educacional. Os resultados indicam que os estudantes apresentaram um engajamento bastante satisfatório, tendo em vista que 98% concluíram a revista digital. Além disso, eles assumiram o protagonismo ao apresentar o trabalho final para a comunidade escolar e relataram maior envolvimento e interesse em questões filosóficas contemporâneas. Conclui-se que o ensino de Filosofia, mediado por metodologias ativas e ferramentas digitais, facilita a aprendizagem significativa e o desenvolvimento crítico dos alunos.

Palavras-chave: Aprendizagem significativa. Filosofia. Tecnologias digitais. Metodologias ativas.

ABSTRACT

The teaching of Philosophy in high school faces significant challenges, such as the devaluation of the subject and the students' detachment from philosophical practice in everyday life. In this context, this study aimed to demonstrate how the practice of teaching Philosophy can be redefined through active methodologies, using digital tools to promote students' critical thinking and autonomy. To achieve this goal, three specific objectives were established: to rescue, strengthen, and develop students' critical thinking through philosophical debates applied to daily life; to implement active methodologies to engage students in the teaching-learning process; and to use digital tools to foster students' autonomy and active participation. This applied research adopted a case study approach with high school classes from a public state school in the interior of São Paulo. The implemented approach aimed to enable student engagement through flipped classroom strategies, the use of digital devices, and the creation of a digital magazine by the students. Data were collected from teachers and students through interviews. The theoretical framework was based on authors such as Dewey (1959; 1979; 2002), who conceives education as a reflective and emancipatory practice; Deleuze (2009), with the creation of new concepts; Gallo (2009; 2012), who views Philosophy as the creation of concepts based on philosophical problems; Prensky (2008; 2010), who discusses the use of ICTs and digital natives in education; Ausubel, Novak and Hanesian (1983), who proposes the theory of meaningful learning; Bacich and Moran (2018), with the creation of an interactive learning environment; and Foucault (1979; 1999), with his analyses of power and knowledge relations in the educational environment. The results indicate that students demonstrated highly satisfactory engagement, with 98% completing the digital magazine. Furthermore, they took on a leading role by presenting the final project to the school community and reported greater involvement and interest in contemporary philosophical issues. It is concluded that the teaching of Philosophy, mediated by active methodologies and digital tools, facilitates meaningful learning and the development of students' critical thinking.

Keywords: Meaningful learning. Philosophy. Digital technologies. Active methodologies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sequência do material digital	45
Figura 2 – Sequência do material digital	45
Figura 3 – Sequência do material digital	46
Figura 4 – Sequência do material digital	46
Figura 5 – Sequência do material digital	47
Figura 6 – Sequência do material digital	47
Figura 7 – Sequência do material digital	47
Figura 8 – Sequência do material digital	48
Figura 9 – Exposição da revista para a comunidade local.....	109
Figura 10 – Sala organizada para acolhimento dos alunos da 1. ^a série do ensino médio	110

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Interação por meio de metodologia ativa e tradicional	118
Gráfico 2 – Engajamento por meio de metodologia ativa e tradicional	119
Gráfico 3 – Dificuldade em aprender conforme tipo de aula.....	120

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Conteúdo e objetivos das atividades	106
Quadro 2 – Atividades propostas e descrição	107
Quadro 3 – Planejamento da revista digital	110

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CGPAC	Ciências Humanas, Sociais e Aplicadas
CMSP	Centro de Mídias do Estado de São Paulo
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IEP	Índice de Efetividade Pedagógica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PEI	Programa de Ensino Integral
PROF-FILO	Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Seduc	Secretaria da Educação
Seduc-SP	Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
TDIC	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UnB	Universidade de Brasília
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 DESAFIOS E PROBLEMAS DE SE ENSINAR FILOSOFIA	19
2.1 DISPOSITIVOS E PLATAFORMAS DIGITAIS PARA CONTROLE DO TRABALHO DOCENTE	29
2.2 MATERIAL DIGITAL SEDUC-SP E O PANORAMA PARA A PRÁTICA DE ENSINO	40
3 MÉTODOS E TÉCNICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DE PRÁTICA DE ENSINO DE FILOSOFIA EM SALA DE AULA.....	52
3.1 CONTEXTO	56
3.2 TEMAS	57
3.3 PROBLEMA	58
3.4 OBJETIVO(S)	63
3.5 METODOLOGIA	64
3.6 RESULTADOS.....	67
3.7 CONCLUSÃO	68
4 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLOGIAS APLICADAS COM DISPOSITIVO MÓVEL	89
4.1 POSSIBILIDADES E IMPASSES DOS DISPOSITIVOS MÓVEIS.....	102
5 REVISTA DIGITAL EM ENSINO DE FILOSOFIA E EXPERIÊNCIAS EM SALA DE AULA.....	105
5.1 ENTREVISTAS COM PROFESSORES E ALUNOS	114
5.1.1 Professores	115
5.1.2 Alunos	117
5.1.3 À guisa de síntese.....	121
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
REFERÊNCIAS	126
ANEXO	131

1 INTRODUÇÃO

Ensinar Filosofia no Ensino Básico brasileiro é relevante e fundamental na busca da autonomia e da criticidade dos estudantes para a vida. O desafio presente tem como ponto central a necessidade de reformulação de práticas para o envolvimento da geração atual.

O principal desafio deste trabalho é apresentar uma produção acadêmica que esteja associada à prática docente, no sentido de não se limitar a mais algumas reflexões sobre educação, um “falar sobre” que não se comunica com o “fazer” em sala de aula. Na leitura de algumas pesquisas sobre educação e ensino, consideramos como um obstáculo a distância entre a teoria e a prática, entre *falar de* um ensino possível e efetivamente *realizar* esse ensino.

Deparamo-nos, então, com as teorias presentes no campo educacional e as inúmeras investigações sobre educação e ensino, e é inevitável indagar se tudo isso seria possível, ou melhor, como ensinar sem parecer excessivamente teórico. Diante disso, precisamos adotar e vivenciar novas práticas em sala de aula.

Portanto, é necessário buscar alternativas que favoreçam o ensino-aprendizagem dos saberes e fazeres filosóficos, com vistas ao cotidiano do aluno, apresentando, por meio de problemas filosóficos já estudados em outros momentos históricos, correntes e perspectivas filosóficas, possibilidades de solucionar os dilemas do seu dia a dia.

Em minha prática como professora de Filosofia do ensino médio, percebo que a Filosofia permite que isso aconteça por meio de interações, diálogos e fundamentos teóricos. Para tanto, os jovens precisam de orientação e mediação para o desenvolvimento de sua criticidade, haja vista que, na contemporaneidade, existe um conjunto de elementos que provocam alienação, e a criticidade é afetada por redes sociais, sistemas políticos e religião, que reforçam estruturas sociais e levam à cegueira em relação aos próprios direitos.

Diante dessas situações, cabem métodos como caminhos para demonstrar aos jovens seus potenciais e o que devem fazer para resolver seus problemas, de forma proativa e engajada, em prol da consolidação de seus saberes e de sua formação.

Por meio de metodologias apresentadas em sala de aula, na qual leciono em uma cidade do interior do Estado de São Paulo, tenho observado maior envolvimento

dos alunos diante das questões filosóficas. Diante disso, pretendo, nesta dissertação, buscar subsídios que possam potencializar o processo de ensino-aprendizagem de Filosofia para os alunos da rede estadual de São Paulo.

Com base nisso, e nas experiências em sala de aula, trabalho com estratégias que promovem o interesse dos alunos pelos problemas específicos do seu meio social. Nessa direção, os argumentos de Dewey (1979) enfatizam uma educação progressista, que deve ser centrada no aluno e adaptada às suas necessidades e interesses, a fim de cultivar curiosidades fundamentais para os seres humanos.

O autor destaca, também, a aprendizagem por meio da experiência ativa e participativa, em que os alunos são estimulados a questionar e descobrir por si mesmos. Assim, o método abordado para tornar essa aprendizagem relevante para o aluno precisa ser constantemente refletido, de modo a transformá-la em uma experiência educativa significativa e importante para sua vida. Nas palavras de Dewey (*op. cit.*), é preciso

[...] primeiro, que o aluno esteja em uma verdadeira situação de experiência – que haja uma atividade contínua a interessá-lo por si mesma; segundo, que um verdadeiro problema se desenvolva nesta situação como um estímulo para o ato de pensar; terceiro, que ele possua os conhecimentos informativos necessários para agir nessa situação e faça as observações necessárias para o mesmo fim; quarto, que lhe ocorram sugestões para a solução e que fique a cargo dele desenvolvê-las de modo bem ordenado; quinto, que tenha oportunidades para pôr em prova suas ideias, aplicando-as, tornando-lhes clara a significação e descobrindo por si próprio o valor delas (Dewey, 1979, p. 179-180).

Nessa proposta, as aulas, nos dias atuais, precisam de um olhar diferenciado sobre como podem impactar o estudante, não se limitando à mera transmissão de conteúdo, com o professor como centro da aprendizagem. O objetivo é implicar o aluno no processo, despertando sua curiosidade e promovendo a descoberta. Percebo que o cenário educativo ainda apresenta fragilidades, especialmente no que diz respeito à preocupação com um ensino que trabalhe conteúdos de forma significativa. Muitas vezes, o planejamento foca apenas a transmissão de informações, resultando em um baixo envolvimento do aluno.

Destacamos, nesse contexto, a importância do método da reflexão, que deve ser planejado com foco no aluno, considerando o que foi aprendido e quais

conhecimentos foram consolidados. Essa situação implica diretamente o processo de aprendizagem, uma vez que, sem estratégias reflexivas, os alunos tendem a adotar uma postura passiva no ambiente escolar.

Com base nisso, Dewey (1979) posiciona-se contra o ensino tradicional, no qual a passividade e o autoritarismo predominam. Em sua argumentação, defende que a educação deve ser direcionada para a aprendizagem ativa e a experimentação, permitindo a interação entre os estudantes e colaborando para a construção de um contexto significativo. Nessa proposta, os estudantes se sentem parte do processo, sendo essencial o desenvolvimento de metodologias com o objetivo de possibilitar aos jovens o interesse pela vida, de modo que, por meio do acesso à educação, alcancem sua emancipação e autonomia. Dewey (1979) defende que essa conexão entre teoria e prática promove uma aprendizagem mais eficaz, relevante para a preparação dos indivíduos para a vida em sociedade.

Os métodos trabalhados junto aos jovens devem, assim, proporcionar discussões que contribuam para a construção da autonomia. As aulas tornam-se, assim, favoráveis para a relação dos alunos com o mundo, permitindo que o professor atue como mediador, incentivando os envolvidos a assumirem responsabilidades em seu contexto, por meio da discussão de normas para a convivência no ambiente da sala de aula e do cumprimento das regras estabelecidas por eles, visando a boa convivência.

A partir do momento em que os alunos são convidados a participar das decisões que serão benéficas para todos, o professor consegue, nesse processo, conquistar seus alunos, compreendendo que a sala de aula deve ser um espaço prazeroso. Nesse ambiente, criam-se vínculos por meio da cooperação do grupo, à medida que cada um passa da perspectiva do “um” para o “todos por um”.

Como um atributo específico e instrumento essencial da disciplina, o espaço da sala de aula torna-se cada vez mais vivo para o desenvolvimento do pensamento, proporcionando aos alunos um ambiente onde possam discutir questões e problemas relacionados ao seu cotidiano. Nesse sentido, Dewey (2002, p. 26) afirma:

[...] a instituição escolar tem, assim, a possibilidade de associar-se à vida, de tornar-se uma segunda morada da criança, onde ela aprende por meio da experiência direta, em vez de ser apenas um local onde decora lições, visando, de forma abstrata e remota, uma vivência futura hipotética. Isto é, a escola tem a oportunidade de se converter

em uma comunidade em miniatura, uma sociedade embrionária (Dewey, 2002, p. 26).

Sendo o papel da instituição possibilitar o envolvimento com a “segunda morada”, que é a sala de aula, este espaço deve ser entendido como o lugar onde o estudante aprende por meio da experiência direta, estabelecendo conexões significativas para sua vida. É importante dar espaço para que os estudantes se posicionem e tragam consigo diversas experiências significativas para sua formação.

A escola necessita reciclar e repensar como o aluno se sente presente e participa de cada aula. Como educadores, devemos refletir sobre o método planejado, buscando formas de fazer com que o aluno se sinta pertencente ao processo. É necessário mudar a rota quantas vezes for preciso para garantir que todos estejam engajados e envolvidos no mesmo ambiente de aprendizagem. Ou seja, o educador deve ter um olhar atento para identificar o momento oportuno de ajustar sua prática, reconhecendo que, em muitos casos, os alunos precisam assumir um papel mais ativo, colocando-se no centro da aprendizagem.

Nesse sentido, pensar em metodologias para o ensino de Filosofia na escola pública brasileira abre possibilidades para a construção de práticas significativas, permitindo a problematização de questões relevantes a partir das investigações dos alunos, no caso deste estudo, da 2.^a série do ensino médio.

Para contribuir com esse desafio, utilizamos os conceitos de Gallo (2009; 2012), que propõem a invenção de práticas no campo educacional, especialmente no que diz respeito às metodologias aplicadas ao ensino médio. Essas práticas indicam possíveis materializações do ensino, compreendidas como experiências de pensamento conceitual.

Levando em consideração o sistema estrutural da escola, é necessário realizar ajustes para tornar as aulas mais atrativas e baseadas no contexto próximo dos educandos. Além disso, utilizamos as contribuições teórico-metodológicas de Foucault (1979), que descreve a sociedade disciplinar, destacando a importância da experiência transformadora e da valorização do pensamento crítico.

No âmbito do aperfeiçoamento dos métodos de ensino, é fundamental refletir sobre os desafios e riscos presentes na atualidade, orientando o trabalho docente para práticas mais significativas e alinhadas às demandas contemporâneas.

Consideramos, ainda, McLuhan (1996), teórico da área da comunicação, que defende que os meios modernos aprimoram o corpo humano e suas habilidades, transformando o mundo em uma “aldeia global” ao quebrar fronteiras culturais, sociais e de outras naturezas. Mesmo que, em sua época, esses meios ainda não fossem totalmente viáveis, McLuhan previu o futuro, compreendendo os meios de comunicação como extensões do homem. Os meios, para McLuhan (*op. cit.*)

[...] são agentes que produzem acontecimentos, uniões híbridas que geram liberação de energia e mudança; assim promovem novas formas de pensar e agir. As novas tecnologias e os novos meios pelos quais cada um se amplia e prolonga-se constituem ações com repercussão na sociedade como um todo (McLuhan, 1996, p. 82).

Para a pesquisa, demonstramos como os jovens da nova era, ao se apropriarem das tecnologias, desenvolvem um fascínio que pode ser associado à experiência do pensamento, contribuindo para a constituição da formação do sujeito. Os meios tecnológicos atuam como agentes que produzem acontecimentos, liberam energia e promovem mudanças significativas.

Apropriar-se das novas tecnologias em sala de aula torna-se uma estratégia para despertar o interesse dessa geração, possibilitando uma cultura mais conectada e participativa. Além disso, tais tecnologias atuam como extensões das capacidades humanas, favorecendo o processo educacional, o ensino e a aprendizagem, bem como o fortalecimento da experiência do pensamento.

No entanto, no que diz respeito à utilização das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) na intervenção em sala de aula, é importante ressaltar que novos métodos para fazer coisas velhas não são suficientes para melhorar a educação. As mudanças precisam ocorrer na postura dos formuladores de políticas, gestores e educadores, pois, apesar da presença de diversas ferramentas tecnológicas nas salas de aula, há pouco incentivo para o estímulo da criatividade dos estudantes, o que limita o potencial do processo educativo. O ensino, quando de forma mecanizada, contribui para o desinteresse de grande parte dos jovens em relação a questões que atendam às suas necessidades reais.

Conforme McLuhan (1996), a tecnologia cria um ambiente humano e novo, cujos impactos positivos podem ser aproveitados por meio de um acordo entre professores e alunos, destacando pontos benéficos que permitam a essa geração

acessar meios de grande valia para seu contexto.

Nesse sentido, acreditamos que essa nova era de jovens, que possui domínio sobre tecnologias digitais, pode utilizá-las de forma a superar seus próprios limites, transformando não apenas suas realidades individuais, mas também o ambiente ao seu redor. Cabe a nós, profissionais da educação, oferecer condições que possibilitem aos alunos o acesso a recursos que despertem seus interesses e promovam novas formas de aprendizagem.

No entanto, sabemos o quanto a utilização indevida da tecnologia, aliada à ausência de limites, pode levar essa geração a um cenário caótico, chegando, em alguns casos, a um verdadeiro abismo. Para atrair e engajar os jovens, é fundamental atuar por meio da mediação e da promoção de conceitos que os estimulem a buscar mudanças significativas em suas vidas. Nesse contexto, a tecnologia pode ser um valioso aliado, tanto para essa quanto para as futuras gerações. Todavia, não podemos ignorar o desafio de gerenciar adequadamente o uso da tecnologia e de criar, para os jovens, maneiras de utilizá-la de forma positiva, permitindo que desenvolvam autonomia e liberdade de expressão. Nesse sentido, a regulação adequada do uso desses recursos torna-se essencial, como propõe a Lei n.º 15.100/2025 (Brasil, 2025), que estabelece diretrizes para o uso do celular em sala de aula.

Nessa perspectiva, nós, profissionais da educação, devemos priorizar projetos voltados para questões que garantam a acessibilidade a tecnologias de comunicação, promovendo um diálogo que vá além da sala de aula e incentive discussões sobre causas sociais, permitindo que cada estudante, em seu contexto, contribua para a construção de sua cidadania.

Seguindo essa linha de pensamento, não podemos deixar de oferecer aos jovens conectados à aldeia global condições para interpretar criticamente o meio em que vivem, demonstrando a necessidade contínua do pensamento reflexivo para o desenvolvimento de sua condição humana.

Vivendo em um mundo cada vez mais interconectado por esses meios, podemos dialogar sobre sua utilização, mostrando como eles transformam nossa relação com o tempo e o espaço. Além disso, é importante alertar, em sala de aula, sobre os possíveis efeitos prejudiciais dessas tecnologias, na medida em que moldam uma era e influenciam a forma como os jovens pensam e interagem com o mundo.

Nessa linha de pensamento, a tecnologia pode ser trabalhada de maneira consciente, oferecendo oportunidades a essa nova geração de jovens, por meio da comunicação, para discussões sobre fatos relevantes que garantam mudanças e propósitos para a vida. Prensky (2010) argumenta que nativos digitais e imigrantes podem aprender juntos e contribuir para o futuro. Em outras palavras, a tecnologia em nossas aulas pode funcionar como suporte para um novo paradigma de ensino, pois oferece aos alunos uma variedade de recursos que possibilitam o aprendizado de conteúdos relevantes, com o educador atuando como guia, enquanto os estudantes assumem um papel mais ativo no processo.

Para que a experiência em sala de aula com o uso da tecnologia seja bem-sucedida, faz-se necessário que seu uso seja planejado de forma crítica e significativa. Para tanto, não deve ser inserida sem um objetivo e planejamento; seu uso deve ser mediado e orientado por normas estabelecidas. Nesse contexto, existem desafios em sua utilização quando não há mediação adequada, visto que muitos jovens ainda demonstram resistência a regras para seu uso. Para superar tais desafios, deve-se trabalhar a finalidade e os princípios que orientam sua aplicação.

Frente a isso, percorremos, neste trabalho, o pensamento de alguns autores em busca de alternativas possíveis para motivar o interesse dos estudantes e transformar a sala de aula em um ambiente de experiências por meio de metodologias de ensino. No ensino de Filosofia, Silvio Gallo (2002; 2009; 2012), inspirando-se no pensamento de Nietzsche (2003) e Deleuze (1997), propõe uma metodologia na qual a Filosofia se torna uma atividade de criação de conceitos, elaborados a partir de problemas, concluindo ser necessário focarmos as aulas em torno de questões filosóficas.

Considerando o processo investigativo e a problemática relacionada à mudança na prática docente, seguimos por caminhos que demandam um olhar mais atento para uma didática baseada na criação de conceitos. Assim, nossa pesquisa tem como ponto de partida a adoção de metodologias que possibilitam aos estudantes a construção de seus próprios conceitos. Buscamos metodologias com potencial de aproximar os estudantes da prática filosófica, superando a distância entre o ensino e o cotidiano dos alunos. Evidenciamos como a prática pode ser resignificada por meio de metodologias ativas e do uso de tecnologias digitais, com o objetivo de resgatar a capacidade crítica dos estudantes através de debates filosóficos.

2 DESAFIOS E PROBLEMAS DE SE ENSINAR FILOSOFIA

O cenário presente nas escolas nos últimos cinco anos revela o desinteresse dos jovens em apropriar-se dos saberes da Filosofia e de sua relação com o meio social. Tal desinteresse foi agravado sobretudo no período pós-pandemia da covid-19, quando muitos estudantes precisaram procurar trabalho devido à situação financeira de suas famílias, o que dificultou sua participação nas atividades escolares.

Nesse contexto, os estudantes se aproximaram das mídias digitais, e os professores tiveram que adaptar seus métodos de ensino para as redes conectadas, em um tempo de incertezas e angústias tanto para os alunos quanto para os docentes. Muitos jovens desistiram dos estudos, não participaram das aulas remotas e, conseqüentemente, houve um aumento da evasão escolar.

Diante dessa realidade, a escola precisou reajustar suas práticas pedagógicas e tecnológicas para aproximar os alunos conectados às telas. Os efeitos desse período geraram impactos duradouros na prática educativa, que ainda enfrentamos hoje, na busca pela superação das perdas educacionais.

Nesse contexto, precisamos favorecer o engajamento dos educandos no processo de aprendizagem e, dessa mesma forma, ressignificar os saberes da Filosofia, dado que a missão da disciplina é resgatar os jovens do senso comum, proporcionando-lhes a compreensão crítica e libertária das questões relacionadas à sua existência e à ação humana.

A presença da disciplina de Filosofia nos currículos da Educação Básica brasileira é, sem dúvida, de grande relevância. Todavia, a pertinência de sua obrigatoriedade tem sido cada vez mais questionada nos debates político-pedagógicos do país. Embora o legado da tradição filosófica justifique sua permanência, há um ponto central que precisa ser destacado: a necessidade de oferecer às novas gerações instrumentos cognitivos e conceituais que lhes permitam exercer a atividade filosófica e, dessa forma, compreender os fenômenos da contemporaneidade de uma perspectiva desnaturalizada, fundamentada na cientificidade e na criticidade. Assim, destaca Maamari (2017):

[...] o ensino de Filosofia deve priorizar uma formação proativa do sujeito. As práticas presentes no contexto do Ensino Médio brasileiro, com a volta do ensino de Filosofia, deveriam direcionar-se a esta

finalidade, visando, ao longo do processo educativo, à formação de sujeitos, críticos e participativos frente ao país em que se encontram inseridos e capazes de construir conceitos que lhes permitam pensar sobre si e sobre seu mundo (Maamari 2017, p.1).

De acordo com os instrumentos e métodos recomendados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017), que define os direitos de aprendizagem da Educação Básica brasileira, o objetivo de aprendizagem é promover a interação social, aproximando os saberes e as vivências em nossa prática educativa, o que representa um grande desafio.

O principal desafio consiste em o professor conseguir despertar o interesse dos alunos por conteúdos que se apropriem de sua linguagem e se tornem significativos. Para superar esse desafio, destaco minha experiência como professora na rede da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (Seduc), onde atuo como professora em Ciências Humanas, Sociais e Aplicadas (CGPAC). Por meio de minha experiência no Programa de Pós-Graduação Mestrado PROF-FILO¹, tenho desenvolvido práticas em sala de aula que buscam reduzir o distanciamento em relação ao ensino de Filosofia, direcionando pesquisas e práticas para o engajamento dos estudantes.

Ao longo desse percurso, tenho realizado pesquisas e aprofundado fundamentos teóricos, promovendo, para a sala de aula, experiências que visam ao encantamento, à participação ativa e ao envolvimento dos alunos. Essas práticas são baseadas no contexto e nas necessidades dos jovens, partindo de problemas que incentivam investigações teóricas ancoradas em sua realidade.

Dessa forma, tenho buscado um direcionamento das aulas voltado para a prática da vida, permitindo que os alunos reconheçam a importância da Filosofia e de seu ensino em suas trajetórias pessoais e sociais.

Minha primeira formação foi em Licenciatura em História, em 2004, e, logo em seguida, surgiu o desejo de contemplar o ensino por meio da minha paixão pela Filosofia, no ano de 2010. Com o passar dos anos, busquei aperfeiçoar minha formação contínua, complementando meus estudos com o curso de Pedagogia e, posteriormente, com a Pós-Graduação em Filosofia e Sociologia.

Em 2023, passei a atuar no Programa de Ensino Integral (PEI) do Estado de São Paulo, com uma jornada de trabalho de nove horas. Estou no segundo ano como

¹ Estabelecido por meio da Portaria Normativa n.º 17, de 28 de Dezembro de 2009.

Professora Coordenadora de Área de Ciências Humanas, Sociais e Aplicadas (CGPAC), acumulando uma carga horária de 16 horas como professora do ensino médio, lecionando as disciplinas de Filosofia, Sociologia e Itinerários Formativos: Liderança, Filosofia e Sociedade Moderna. Exercendo essas funções com muita alegria, sou motivada pela esperança e pela busca constante de práticas que potencializem um ambiente escolar vivo e harmonioso.

Na minha prática docente, compartilho experiências construídas ao longo do tempo, promovendo atividades realizadas pelos alunos que articulam teoria e prática. Dessa forma, possibilito o desenvolvimento do ensino-aprendizagem, reconhecendo que os alunos não são passivos nesse processo. Por isso, é imprescindível que o professor promova o interesse pelo diálogo, por meio de uma didática que substitua o facilitismo² por uma pedagogia que estimule a argumentação e a investigação.

A educação, sob essa perspectiva, assume o papel de criar condições para uma sociedade democrática, oferecendo espaço e oportunidades para que os indivíduos participem ativamente da vida em sociedade, o que contribui para o desenvolvimento de habilidades que despertam o envolvimento e o engajamento dos jovens em prol de sua autonomia e do interesse pela construção da cidadania. É fundamental que os jovens compreendam que a educação é uma necessidade vital, especialmente considerando que, no passado, ela foi reprimida e limitada em detrimento da liberdade de pensamento (Dewey, 1979).

Dewey (1979) considera que a educação pode ser concebida de forma retrospectiva ou prospectiva, podendo, assim, adaptar o futuro ao passado ou reconstituir e simular o passado como recurso para o desenvolvimento do futuro. A ideia de educação, segundo essa perspectiva, baseia-se na concepção da contínua reconstrução da experiência, distinguindo-se da visão de educação como mera preparação para um futuro remoto, como desdobramento, formação externa ou simples repetição do passado (Dewey, 1979, p. 13).

Cabe ressaltar que o ensino da Filosofia, por essa perspectiva, promove a

² Schütz (2017) define o facilitismo educacional como uma deturpação do construtivismo, decorrente de uma interpretação simplificadora que limita o papel do professor à função de mero "facilitador" da aprendizagem. Nessa perspectiva, o conteúdo escolar perde sua centralidade e a autoridade docente é esvaziada, o que pode comprometer a função social da escola e ofuscar seu papel formativo e transformador. Nesse contexto, Schütz adverte que se corre o risco de submeter as crianças à "tirania da maioria", conforme alertado por Hannah Arendt, e de restringir a formação ao domínio de um conhecimento fragmentado e acrítico.

busca pela reconstrução do conhecimento, na expectativa de compreender o desconhecido, observando e investigando maneiras de pensar de forma reflexiva sobre o mundo que nos envolve e nos movimenta, construindo uma relação com a realidade na qual estamos inseridos.

Como parte da minha dissertação, que envolve a necessidade de planejamento e organização de métodos que viabilizem propostas construtivas em seus conteúdos teóricos e criativos em sua *práxis*, ensinando para uma prática estimuladora aos educandos, é necessário refletir acerca de medidas capazes de solucionar essa problemática.

Para tanto, cabe à instituição, mediada pelo docente, promover a emancipação de seus alunos, apoiando-se em recursos e adaptações nas práticas pedagógicas. Nesse sentido, por meio das práticas adotadas em sala de aula, percebo o quanto é necessária a adaptação e a reconstrução de metodologias que favoreçam maior interação entre os jovens. De acordo com Bacich e Moran (2018, p. 4).

[...] as metodologias ativas dão ênfase ao papel protagonista do estudante, ao seu envolvimento direto, participativo e reflexivo em todas as etapas do processo, experimentando, desenhando, criando, com orientação do professor.

As metodologias colaboram para o processo ativo do estudante, uma vez que o professor propõe experiências e descobertas que estimulam o protagonismo dos alunos.

A realidade das escolas demanda a utilização adequada de metodologias cujo objetivo é incentivar a participação ativa dos estudantes em sala de aula. Para Bacich e Moran (2018), as metodologias podem ou não incluir o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), sendo que a proposta não se resume a uma estratégia específica, mas ao estímulo da autonomia dos alunos. Em tempos de desafios, é necessário buscar caminhos e realizar diversas tentativas para a transformação do cenário educacional, considerando que as mudanças, desde tempos passados, já previam que, com o avanço tecnológico, seria esperado que a *práxis* pedagógica incorporasse o uso das TDIC para envolver os estudantes em experiências significativas.

Segundo Bacich e Moran (2018), as metodologias ativas associadas às TDIC

possibilitam uma aprendizagem personalizada, respeitando as individualidades dos alunos e criando condições que favoreçam a colaboração. Por meio delas, o educador tem condições de analisar rapidamente os erros e acertos de cada estudante, o que potencializa o processo de ensino-aprendizagem e torna o acompanhamento pedagógico mais eficiente. As plataformas adaptativas permitem aos docentes avaliarem, de forma mais ágil e eficiente, os avanços e as dificuldades de cada aluno, oferecendo suporte personalizado conforme suas necessidades.

Partindo do pressuposto de que a utilização de metodologias ativas faz com que se fuja da problemática do ensino tradicional, colocando o aluno ativamente no centro do processo de ensino-aprendizagem, essa concepção antecede o atual cenário de utilização das TDIC, pois surgiu com o movimento da Escola Nova, que teve como um dos precursores John Dewey.

Segundo a teoria de Dewey (1979), esses são os caminhos para solucionar os desafios da educação no modelo contemporâneo:

- a) Atividades práticas e criativas ganham destaque, enriquecem o currículo e estimulam a busca por novas descobertas;
- b) Envolvimento de métodos pragmáticos, nos quais os alunos assumem o papel de protagonistas da aprendizagem;
- c) Necessidade da comunicação, troca de ideias, sentimentos e experiências em situações práticas do dia a dia.

Com vistas aos componentes curriculares da BNCC para o ensino médio (Brasil, 2018), é possível afirmar que muitos conteúdos, se não forem trabalhados de forma intencional, planejada e estruturada para o grupo de alunos, não prenderão sua atenção devido ao distanciamento desses saberes em relação à sua realidade. A readaptação, apontada na linha de Dewey (1979), cria possibilidades para que as aulas se tornem vivas e colaborem de forma efetiva para o processo de ensino-aprendizagem.

Diante disso, devemos recorrer à Filosofia e ao seu ensino, buscando compreender o processo de aprendizagem em sua complexidade, refletindo sobre a identidade da Filosofia e o ato de filosofar, bem como sobre o que ensinar e como fazê-lo. As possibilidades para enfrentar esses desafios e problemáticas nos levam a refletir sobre a importância do fortalecimento da atuação do professor no ensino da Filosofia, especialmente na organização dos saberes necessários para o mapeamento

das habilidades que os alunos precisam para a vida, tornando, assim, a sequência da aprendizagem mais significativa.

Como parte do nosso trabalho em sala de aula envolve a necessidade do uso de metodologias pautadas em temas relevantes, é crucial direcionarmos nosso olhar para essa abordagem. As experiências com os estudantes apresentam questões que se tornam o centro para o levantamento de problemáticas vivenciadas por eles, como o preconceito e a intolerância religiosa, considerando que cada aluno traz consigo situações divergentes que, por meio do diálogo, podem ser analisadas para promover ações de melhoria.

Levando em conta as ideias de Dewey (1979), destacamos a importância de reconhecer a capacidade dos alunos, convidando-os à participação ativa na construção de sua própria história e ao envolvimento com as desordens sociais, refletindo sobre de que maneira cada um pode contribuir para desconstruir estruturas sociais estabelecidas.

Em minha prática em sala de aula, decorrente do processo de investigação, busco possibilitar aos estudantes o contato com conceitos que propõem assuntos relevantes, tornando-os significativos para eles. Coloco os alunos ativamente no diálogo, estimulando sua criticidade diante de questões-problema que despertam maior interesse. Nesse contexto, para Dewey (1979), a escola passa a ser o espaço do saber formal e deve ser orientada por três princípios fundamentais: simplificação, depuração e reinvenção.

No processo de simplificação, permite-se ao ser humano compreender os passos de uma cultura. A complexidade de uma cultura exige que a escola direcione os saberes da vida para compreensões que considerem as capacidades do indivíduo, não se limitando apenas à fase infantil de sua formação. Assim, para Dewey (1979), o aprendizado é contínuo e não se restringe à infância e à juventude. A simplificação visa garantir reflexões sobre aspectos da realidade, sendo a base de sua filosofia da educação a compreensão do mundo. Dewey (*op. cit.*) demonstra que a realidade é múltipla em suas formas e direções, permitindo um aprendizado constante, renovado por meio de recriações e ampliações progressivas.

Esse aprendizado pode ser comparado à relação entre mestre e discípulo na cultura presente, na qual o aprendiz passa por uma série de mudanças e desafios que provocam situações em que reconhece suas limitações, mas se permite aprender e

ressignificar. Nesse contexto, o ambiente escolar exerce a função da depuração, que elimina os aspectos desvantajosos da vivência comum. Dewey (1979, p. 22) é enfático ao afirmar que “toda sociedade vive atravancada, comumente, do passado e com outras coisas verdadeiramente perniciosas”.

Dewey (*op. cit.*) viveu em um contexto no qual certos elementos precisavam ser deixados de lado para que o jovem pudesse florescer, como as marcas da escravidão e da segregação imposta pelos estados sulistas. O contexto democrático e, ao mesmo tempo, autoritário limitava o processo de superação dessas questões. Sendo assim, a escola precisa(va) possibilitar ao ser humano romper as amarras dessas estruturas que impedem seu desenvolvimento pessoal, social e cultural. O filósofo descreve a permanência de bloqueios para conhecimentos que, embora tenham sido válidos em determinado período, não são capazes de responder aos desafios de outra época.

Em seguida, a função da escola consiste na reinvenção. Nesse âmbito, a escola deve provocar no indivíduo uma formação que contemple a cultura e estabeleça uma rede de relações e significações. Cada cultura possui um caráter educativo na vida do indivíduo, e cada grupo exerce uma influência sobre ele. Uma sociedade é composta por grupos entrelaçados que constituem o todo. Na visão de Dewey (1979), a escola tem a função de integrar e reunir essas diferenças, possibilitando a união dos grupos no processo educativo.

Na educação formal, o reconhecimento da importância do desenvolvimento pessoal e social passa por alguns critérios. Para promover uma educação transformadora, é necessário considerar três elementos fundamentais: o primeiro consiste em gerar-se nas condições existentes, ou seja, nas possibilidades oferecidas por uma situação; o segundo refere-se à plasticidade, ou seja, à capacidade de adaptar-se às circunstâncias; e o terceiro está relacionado à libertação das atividades, promovendo a autonomia. Esses elementos são essenciais para o desenvolvimento do ser humano.

No pensamento de Dewey (1979), a educação é um processo pelo qual os jovens desenvolvem atitudes e disposições fundamentais — tanto intelectuais quanto emocionais — em relação à natureza, à humanidade e às questões da vida, que são também objeto de reflexão filosófica. Desse modo, o autor destaca que a principal função da instituição social denominada escola é proporcionar um ambiente

simplificado, onde sejam selecionados os aspectos mais fundamentais, capazes de despertar reações e engajamento nos jovens. A escola, segundo Dewey (*op. cit.*), deve estabelecer uma progressão no aprendizado, utilizando esses aspectos iniciais como meio para conduzir os alunos ao sentido e à compreensão de questões mais complexas.

Por meio de um ambiente assim, a escola tem o papel fundamental de garantir e permitir aos educandos um espaço de comunicação e diálogo sobre as problemáticas da sociedade, criando provocações e reflexões sobre como nos posicionamos diante das circunstâncias e como nossa atuação como sujeitos pode ser efetiva. É tarefa da escola eliminar as possíveis causas das desigualdades e desafios sociais.

Nesse sentido, Dewey propõe o conceito de ação inteligente, que se pauta na “investigação” sobre qualquer assunto humano, embasada na observação, na formulação de hipóteses e nos testes experimentais em relação ao que é tomado como verdadeiro. O exame crítico constante dos princípios fundamentais sobre os quais uma proposta educacional se sustenta é o que permite à educação livrar-se dos dogmatismos.

Por fim, Dewey (1979) objetiva abolir a tradição poderosa e dominante em relação à escola, segundo a qual esta deveria se limitar ao papel estático de transmitir um corpo fixo de conhecimentos a todas as gerações. Sua proposta humanista contribui para investirmos na investigação constante de ideias e crenças, preocupando-nos em desenvolver um pensamento fundamentado e justificado em razões sobre as quais tenhamos pleno domínio de sua elaboração e controle das conclusões alcançadas por meio de um esforço intelectual genuinamente nosso. O professor atua como um colaborador indispensável na construção da autonomia do estudante.

Diante dessa pesquisa e da teoria de Gallo, filósofo, doutor em Educação e professor na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), referência nacional em Filosofia da Educação, é possível analisar o atual cenário do país a partir das políticas públicas de ensino. O autor tem como foco a reflexão sobre práticas que estimulam a experiência de ensino-aprendizagem centrada em conceitos e problemas.

Em sua obra *Metodologia do Ensino de Filosofia: uma didática para o Ensino Médio* (Gallo, 2012), Gallo destaca a importância da reconstrução do ensino de

Filosofia, refletindo sobre questões fundamentais para essa área do conhecimento: O que ensinar? Como ensinar Filosofia? Quais estratégias utilizar? Como avaliar?

Em suas experiências com outros profissionais na implementação de didáticas relevantes para o ensino de Filosofia, Gallo (2012) destaca que, à medida que seus estudos avançaram, a Filosofia passou a ser concebida como uma espécie de “oficina de conceitos”. Nessa perspectiva, essa atividade deve ser direcionada de forma a estabelecer uma relação direta com cada estudante, mediando o processo de aprendizagem de maneira significativa. O desafio consiste em como mediar essa relação com os jovens do ensino médio e como enfrentar as dificuldades que surgem nesse processo.

Diante de todas as possibilidades, a abordagem de Gallo (2012) propõe uma construção didática filosófica para o ensino de Filosofia, que implica uma discussão teórica sobre a própria Filosofia, articulada com as atividades desenvolvidas e aplicadas nas experiências em sala de aula. Os caminhos metodológicos, segundo o autor, permanecem abertos, sem a intenção de encerrá-los em modelos fixos, sendo, ao contrário, um convite aos profissionais da educação para explorar novas possibilidades e abrir novos caminhos. Assim, em um contexto de “tempos hipermodernos”, Gallo (*op. cit.*) defende a necessidade da Filosofia como uma atividade de criação de conceitos

[...] espero que o professor de filosofia possa encontrar aqui o material para seu pensamento e para sua ação nas aulas de filosofia em nossas salas de ensino médio, Brasil afora. Como afirmou Guattari, as palavras não importam tanto, importa a ação. Não um mapa de que caminho seguir, mas uma bússola que possa auxiliá-lo a construir seus próprios caminhos, sem se perder na imensidão do horizonte (Gallo, 2012, p.17).

Em seu pensamento, a Filosofia é a vida voluntária, que busca enaltecer o estranho e o questionável, sendo um exercício da solidão. Diante dessa concepção, Gallo (2012) apresenta, inspirado na didática geral de Comenius, a proposta da “arte de ensinar tudo a todos”. Nesse contexto, torna-se necessário exercitar a Filosofia como uma forma de resistência à aceleração do tempo, aos fluxos contínuos e à busca pela fruição imediata.

Assim, primeiramente, a Filosofia trata-se de um pensamento conceitual: enquanto saber, a Filosofia é sempre produto do pensamento, por meio de conceitos

que criam outros conceitos, o que a diferencia da ciência e da arte. Os conceitos utilizados em sala de aula promovem nos estudantes aptidões para a formulação de entendimentos claros e responsáveis. A partir dessa concepção, pretende-se despertar o interesse e o desenvolvimento do pensamento autônomo.

Essa linha de pensamento, conforme Gallo (2012), possibilita a abertura e a formação do sujeito, promovendo o conhecimento e a discussão de ideias para sua reflexão. Sendo assim, é necessária para o convite aos jovens, garantindo a liberdade dos indivíduos. Esse caminho permite a investigação e a apropriação do método investigativo, uma vez que o aluno é instigado a buscar e questionar suas próprias ideias. Essa experiência em sala de aula demonstra a necessidade de trabalhar conceitos, recriando-os para construir caminhos seguros e norteadores na abordagem de temas da Filosofia, como a morte, o tempo, a liberdade, a justiça e o bem, questões que levantam problemáticas e discussões relevantes para a existência.

Assim, na prática docente, a fundamentação teórica é essencial como proposta metodológica para o ensino de Filosofia. Gallo (2012) sugere momentos didáticos, como a sensibilização, em que o aluno passa a vivenciar e sentir os problemas filosóficos, partindo de um elemento para explorar o conhecimento, problematizando-o e transformando o tema ao questionar questões e buscar soluções. Esse processo cria condições claras para o uso do pensamento e possibilita a investigação, recorrendo à história da Filosofia como uma experiência significativa para suas problemáticas.

A etapa da criação e recriação de conceitos permite que os alunos possam responder a questões filosóficas e desenvolver novos conceitos. A Filosofia, com suas características enquanto produto do pensamento conceitual, não deve ser vista como um saber fechado ou dogmático, mas sim apresentada por meio do diálogo com outros saberes, conduzindo os estudantes a uma postura crítica e radical.

Em segundo lugar, a Filosofia apresenta um caráter dialógico: ela não se caracteriza como um saber fechado em si mesmo, nem como uma verdade dogmática, mas como um saber que se experimenta e se confronta, tanto consigo mesmo quanto com outros. Trata-se de um conhecimento que se abre ao diálogo com outros saberes, configurando-se como um saber aberto e em constante construção coletiva.

Por fim, a Filosofia deve possibilitar uma postura crítica e radical: a atitude filosófica é marcada pela não conformação, pelo questionamento constante e pela

busca das raízes das coisas, não se contentando com respostas prontas e sempre colocando em xeque posturas dogmáticas e certezas apressadas.

Isso posto, Gallo (2012) aponta que duas foram as principais justificativas para defender o retorno da Filosofia na educação dos jovens, a saber: (I) a necessidade de desenvolver a consciência crítica dos estudantes e (II) o caráter interdisciplinar da Filosofia. Esta seria o elemento necessário para promover o diálogo e a integração entre as diferentes disciplinas do currículo.

Nenhuma dessas justificativas afirma a importância da Filosofia por ela mesma, mas sim por um papel que ela deve desempenhar. Entre outras justificativas, impõe-se à Filosofia um caráter instrumental. No entanto, há ainda outro problema a ser considerado: o papel da Filosofia seria o de apontar aos jovens conhecimentos filosóficos necessários ao pleno exercício da cidadania (Gallo, 2012).

2.1 DISPOSITIVOS E PLATAFORMAS DIGITAIS PARA CONTROLE DO TRABALHO DOCENTE

Na atual configuração da Seduc-SP, a participação efetiva de alunos, professores e gestores nas plataformas educacionais tem ganhado grande destaque, em detrimento das ações que habitualmente cada sujeito realiza dentro e fora do espaço escolar. Isso tem contribuído para um estado de anomia na educação, uma vez que o processo de ensino-aprendizagem tem perdido o sentido e o protagonismo em favor do cumprimento de metas estabelecidas por essas plataformas. Com isso, compromete-se a formação dos estudantes, seja pela falta de realização de aulas que favoreçam efetivamente esse processo formativo, seja pelo não cumprimento dos objetivos preestabelecidos de maneira significativa.

Por decorrência disso, esses sujeitos (alunos, professores e gestores) encontram-se cansados e desmotivados por uma educação que cumpre metas ao invés de promover a aprendizagem, configurando uma espécie de neotecnicismo de uma direita neoliberal, que a traveste de ensino híbrido sob a perspectiva de uma educação personalizada em prol de uma formação mais autônoma. O sistema adotou o emprego de inteligências artificiais para preparar conteúdos e subsídios para as práticas pedagógicas (os materiais digitais) a serem aplicados nas escolas, unidimensionalizando a educação e pervertendo-a, corrompendo o sentido e o

significado do ensinar e do aprender.

Dado esse contexto, Dewey (1959) defende que os educandos devem trabalhar com atividades em que os conteúdos sejam assimilados de forma fácil e relacionados ao seu contexto. As atividades, em seu planejamento, devem promover a junção entre teoria e prática, contando com a contribuição da Andragogia para o estímulo e a valorização da capacidade do adulto pensante. Quando o sujeito é valorizado em sua capacidade de pensar, o conhecimento flui e colabora para a construção do próprio sujeito. Para o autor:

[...] o pensamento não pode ser visto como um aglomerado de impressões sensoriais, nem como responsável por criar algo chamado “consciência” ou como a manifestação de algo especial e absoluto. O pensamento deve ser visto como algo que executa uma função mediadora e instrumental e que evoluiu para servir aos interesses da sobrevivência e do bem-estar da humanidade (Dewey, 1959, p. 106).

A proposta filosófica propõe uma ação em que esse instrumento se torna necessário na prática docente, sendo de fundamental importância para a conexão entre o sujeito e a natureza. Afirma-se que o conhecimento ocorre a partir da percepção do objeto e de sua aplicabilidade em uma determinada situação. Com a adoção de um método pragmático, os conceitos são utilizados de forma transformadora. Para Dewey (1959), o conhecimento acontece quando se tem a percepção das conexões de um objeto e de sua aplicabilidade em uma dada situação.

Diante de uma situação caótica, marcada pelos sistemas de plataformas e pelo controle do sistema educacional com influência dominadora, propõe-se a adoção de um método pragmático para a análise do conhecimento. Esse pensamento busca substituir conceitos tradicionalmente usados, como “estabilidade” e “essência”, por termos como “evolução” e “mudança”.

As mudanças no cenário educativo são fundamentais para que o esforço e o interesse da maioria prevaleçam, assegurando a liberdade dos indivíduos e a participação coletiva. A escola deve se organizar de forma a não ser artificial, separada ou isolada da vida real, o que tem ocorrido nos últimos tempos devido às demandas das plataformas e à imposição de atividades distantes da realidade dos alunos.

As escolas devem se transformar em espaços intencionais onde os alunos

adquiram experiências significativas. No entanto, com o controle e a submissão à execução de tarefas padronizadas, os estudantes não se sentem interessados nem motivados para um envolvimento ativo e participativo em sala de aula. Diante dessa imposição, o sistema da Seduc tem utilizado materiais prontos como instrumentos didáticos para o desenvolvimento docente.

Relacionado à disciplina de Filosofia, nesse novo formato imposto pela Seduc, o Centro de Mídias do Estado de São Paulo (CMSP)³ facilitou o trabalho de professores, alunos e responsáveis durante o período da pandemia da covid-19, promovendo novas mudanças e adaptações no trabalho docente. Todavia, a partir desse período, começaram a surgir elementos no CMSP que vieram a engessar o trabalho docente e, por conseguinte, o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, que, em sua maioria, aplica o método tradicional de ensino por meio do uso de material digital⁴.

Além disso, tornou-se sinônimo de boa qualidade na Seduc o uso frequente e diário das plataformas digitais presentes no CMSP, nas quais os alunos se dedicam à realização de atividades em programas como "Tarefa-SP", "Khan Academy" (Matemática e Física do ensino médio), "Leia-SP", "Redação Paulista", "Matific", "Speak", "Alura" e "Scratch" (aulas de tecnologia). A maioria desses programas emprega, ainda, a inteligência artificial para direcionar as atividades, que são geradas automaticamente após a aula do professor e enviadas para os alunos realizarem.

O uso obrigatório das plataformas digitais nas escolas da rede estadual de ensino tem provocado sobrecarga e angústia tanto para os alunos quanto para os professores, que seguem uma rotina pautada no cumprimento de metas estabelecidas para a realização das atividades previstas. As escolas precisam atender a essas demandas em um ritmo acelerado, o que tem ocasionado frustrações e preocupações em relação ao tempo proposto para a execução das tarefas.

Foucault (1999) observa que, assim como no exército, as instituições, como a

³ O Centro de Mídias do Estado de São Paulo (CMSP) é uma iniciativa da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (Seduc-SP) que visa integrar tecnologia e educação para melhorar a formação dos profissionais da rede estadual e ampliar o acesso dos alunos a uma educação de qualidade. Utilizando plataformas digitais, o CMSP oferece conteúdos educativos inovadores e alinhados às demandas do século XXI, facilitando o ensino remoto e híbrido.

⁴ A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (Seduc-SP) oferece uma ampla gama de materiais digitais para apoiar professores e alunos da rede estadual. Esses materiais incluem mais de 1.400 aulas digitais, que podem ser utilizadas diretamente em sala de aula ou personalizadas conforme a necessidade do docente.

escola, exercem uma atitude de vigilância e adestramento do corpo e da mente do sujeito, o que pode ser prejudicial, pois transforma o homem em um objeto moldado, limitando sua autonomia e dando espaço para sua modificação controlada. Podemos, assim, articular o uso das plataformas digitais como moldes que criam padrões rígidos, estabelecendo normas que, ao invés de promoverem a autonomia, domesticam os sujeitos por meio de regras e punições. Foucault é crítico ao modelo de disciplina e à instituição escolar, apontando o uso de técnicas voltadas para o controle do indivíduo e das massas humanas.

Sendo assim, a escola, ao adotar esse mecanismo de metas, torna-se um aparelho de controle do tempo, que precisa ser moldado e educado, transformando-se em um objeto de manipulação e condicionamento. Diante disso, é necessário refletir, nos dias atuais, sobre essa rotina que gera preocupação e impõe uma disciplina rígida.

É fundamental questionar a importância dessa rotina no ambiente escolar. Partindo de uma organização pedagógica, é possível estimular a investigação e incentivar o desenvolvimento das capacidades humanas, proporcionando oportunidades para a descoberta, o pensamento crítico, o movimento dos corpos e a sensação de bem-estar.

[...] trata-se de pensar na mobilidade das relações de poder e não em sua estrutura rígida, analisando acontecimentos singulares, laterais, locais, diagonais e em captura em dispositivos provisórios concentradores de lutas díspares que se conectam e produzem um efeito geral de conjunto. Como exemplo, o autor destaca que foi importante passar por trás do hospital para analisar a biopolítica, que não se restringia ao Estado, contudo, passava por ele, porém sem limitar o governo da vida a este, pois, a gestão da vida extrapolava o hospital e o Estado na medida em que resultava de um racismo de sociedade também (Lemos; Cardoso Júnior; Alvarez, 2014, p. 102-103)

O que parece evidente, para o pensamento de Foucault (1999), é que a relação de força estabelece, em geral, a limitação crítica e o desenvolvimento da subjetividade dos indivíduos, comprometendo sua emancipação. Por meio de relatos que ouvimos de docentes e alunos da rede pública do Estado de São Paulo, percebemos que nos sentimos limitados e pressionados a cumprir tarefas e conteúdos com prazos estabelecidos, enfrentando uma exaustão diária.

As metas são cobradas todos os dias, causando uma corrida de interesses em que o maior prejuízo recai sobre os alunos, resultando em uma pseudoformação neotecnicista. Nesse contexto, a construção do conhecimento é limitada pelo tempo destinado ao cumprimento de demandas em plataformas, em detrimento do espaço e do tempo necessários para o ensino significativo.

Tais mecanismos de controle no planejamento docente envolvem a manipulação e o monitoramento de dados para avaliar os resultados. Contudo, esses métodos frequentemente criam condições inadequadas, que podem gerar uma sensação de impotência. As plataformas digitais contribuem para a padronização e a homogeneização das massas, tornando-as cada vez mais acríticas e, com isso, impactando negativamente o processo de ensino-aprendizagem.

Os resultados das plataformas geram cansaço e frustração nos estudantes, que permanecem até nove horas em frente às telas, realizando rodízios no uso dessas ferramentas digitais. A forma como é imposta a utilização das plataformas faz com que os estudantes, ou nativos digitais, assim chamados, não demonstrem interesse em se envolver nas atividades. Segundo Prensky (2010, p. 147), “um dos maiores problemas de nossa contemporaneidade é a diferença existente entre as necessidades dos nativos digitais e as decisões educativas tomadas pelos imigrantes digitais.”

Em sala de aula, temos enfrentado queixas frequentes dos alunos quanto à quantidade de atividades nas plataformas e à maneira como essas tarefas são propostas e cobradas. Para muitos alunos, as atividades propostas não contribuem de forma significativa para suas vidas, o que gera desmotivação e cansaço no uso das plataformas oficiais.

Diante disso, Prensky (2010) questiona: o que deve ser mudado para chamar a atenção dos aprendizes? Será que os métodos tradicionais ainda funcionam nesse momento para engajar os estudantes? Considerando que “os nativos digitais estão acostumados a receber informações muito rapidamente. Eles gostam de processar mais de uma coisa por vez e realizar múltiplas tarefas” (Prensky, 2001, p. 2).

As tarefas realizadas pelos alunos precisam se aproximar de seus interesses e de sua realidade, o que as aulas tradicionais e a corrida pelo cumprimento das atividades nas plataformas acabam por não considerar, gerando um distanciamento entre o que eles gostariam de aprender e as exigências pedagógicas impostas para a

realização das tarefas nessas plataformas.

Diante dessa problemática em sala de aula, surge o desafio de traçar estratégias para amenizar os impactos decorrentes desse cenário. Os alunos precisam se conectar à rede e cumprir as exigências do sistema, evidenciadas na “Plataforma Escola Total BI”, onde as atividades são registradas diariamente, transformando-se em um verdadeiro sistema de vigilância para o controle da realização das tarefas.

As queixas entre os profissionais da educação são recorrentes devido ao ritmo intenso de trabalho e à cobrança exaustiva. Por sua vez, os alunos reclamam da quantidade excessiva de tarefas a cumprir. Essa rotina tem demonstrado não uma relação saudável com o processo educativo, mas, sim, uma contradição, gerando um sentimento de desmotivação, evidenciando mudanças preocupantes no cenário da educação atual. Sobre isso,

[...] são muitas as formas e os momentos de vigilância e são inúmeros os registros feitos a respeito dos comportamentos. Para formar um saber sobre o outro é necessário estabelecer um método de registro do comportamento, que permita a sua análise e o uso efetivo das informações registradas. Surgem os prontuários médicos, os registros de internamento, os relatórios dos processos judiciais, as tabelas de controle da produção nas fábricas e as cartilhas de pedagogia escolar (Foucault, 1996, p. 154).

No contexto em análise, as plataformas digitais têm atuado como instrumentos de vigilância por meio do “Painel Escola Total” e suas estratégias coercitivas. Cabe destacar a importância de problematizar e localizar as diferentes lógicas que bloqueiam a subjetividade do sujeito e suas práticas discursivas.

As políticas educacionais são geridas por imigrantes digitais, enquanto o grupo dos nativos digitais é o principal alvo dessas ações. Essa relação apresenta uma divergência de interesses entre nativos e imigrantes digitais, o que, por sua vez, pode interferir no futuro da educação. As pesquisas apontam para a necessidade de reflexão, propondo uma gradação escalar de conceitos entre ambos os grupos.

Nos moldes da SEDUC-SP, defendemos que, a partir do momento em que os dispositivos digitais são mediados pelo educador, as práticas devem ser direcionadas para a transmissão de conhecimento, promovendo transformações sociais significativas. Para isso, é necessário pensar em estratégias de enfrentamento, de

modo a propiciar condições para a libertação dos educandos dentro do atual modelo de educação. Ao mesmo tempo, devemos garantir aos jovens oportunidades de aprendizagem que os preparem para o mercado de trabalho. A escola não deve ser um espaço de repressão, mas, sim, um ambiente libertador, que contribua para a emancipação da sociedade.

Lemos, Cardoso Júnior e Alvarez (2014), referindo-se à obra “Vigiar e Punir” de Foucault (1999), afirmam que o livro

[...] teria difundido uma visão de que o autor teria feito uma análise das prisões, das escolas, das fábricas e de outras instituições, todavia, ele nega que tenha se preocupado exclusivamente com as instituições e assinala que havia interrogado sobretudo as práticas punitivas, apontando que estas atravessavam as prisões também sem se restringirem a elas. Ora, o foco, então, era a análise de práticas enquanto maneiras de fazer (Lemos; Cardoso Júnior; Alvarez, 2014, p. 161)

Nessa visão, o poder se relaciona com a disciplina e os moldes, que não constituem a autonomia do sujeito, provocando, nos tempos atuais, um caos diante dessa problemática. As escolas, na atualidade, são reprimidas pelo uso excessivo das plataformas oficiais, comprometendo e impactando o corpo dos indivíduos.

Na realidade, essa prática presente no processo educacional demonstra um impacto negativo, considerando a escola como um aparelho dominador que impõe limites na medida em que obriga a realização de atividades por meio da utilização de plataformas mecanizadas. Com o passar do tempo, os sujeitos se sentem presos e submetidos a uma arbitrariedade que resulta na perda da capacidade de pensamento crítico.

As plataformas atuam como instrumentos de disciplina, capturando o corpo como uma maquinaria e exercendo domínio sobre ele. Esse controle acaba sendo prejudicial para o exercício da subjetividade dos indivíduos. Essa lógica mecanizada fabrica corpos submissos, enquanto as metas das plataformas geram forças para a instituição e, ao mesmo tempo, promovem a obediência cega dos indivíduos. Esse mecanismo de vigilância prejudica a vida em si, elevando a uma espécie de morte simbólica dos indivíduos, com a perda de sua legitimidade.

Uma das consequências dessa prática vigente é que o poder, ao promover a vida, resulta da norma. Por isso, Foucault (1988, p. 135) afirma que “uma sociedade

normalizadora é um efeito histórico da tecnologia de poder centrada na vida”. Essa problemática demonstra a necessidade de transformar os jovens em indivíduos produtivos, e não improdutivos, instigando-nos a repensar a educação, uma vez que é possível traçar novos caminhos de investigação e desenvolver novas práticas educativas.

Em primeira instância, isso implica o combate aos dogmas e às certezas absolutas, promovendo mudanças no pensamento e no modo de compreender o mundo. Torna-se necessária a criação de novas estratégias que libertem o sujeito para o exercício do pensamento crítico. Partindo do conceito de sociedades disciplinares, inspirado no século das luzes, Foucault analisa o surgimento dessas estruturas, enquanto Deleuze revisitou sua obra para compreender as transformações das sociedades de vigilância, que passaram a exercer o controle social de forma mais sofisticada.

Segundo essa perspectiva, a limitação do controle institucional tornou-se digital. Para Deleuze, a disciplina interfere de forma fundamental nos corpos, comparando o Estado e o Capital a uma relação que se apropria da nossa capacidade de diferenciação, delimitando saberes e impactando o modelo educacional. Cabe à escola enfrentar essa problemática, considerando que as TICs têm exercido a função de controle no sistema educacional, destacando as complexas relações entre liberdade e segurança.

De acordo com Deleuze e Guattari (1990, p. 10), ao analisarem as formas de controle na sociedade por meio das mídias sociais, destacam a necessidade de a escola readaptar suas estratégias para criar um ambiente educacional baseado no conceito de rizoma. Para Deleuze e Guattari (*op. cit.*), o rizoma representa a sabedoria coletiva das plantas, transmitindo o conhecimento de forma descentralizada, sem uma raiz única, elaborando-se simultaneamente a partir de diversos pontos, influenciado por diferentes observações e conceitualizações.

Partindo dessa ideia, a escola precisa se reinventar, adotando uma nova forma de pensar e compreender as relações entre os elementos que compõem o mundo, rompendo com o controle da lógica tradicional de hierarquia e linearidade. O rizoma é um modelo de organização que se baseia na multiplicidade, na conexão e na descentralização, permitindo a criação de redes complexas e não hierárquicas.

As considerações acerca dessas ideias têm como objetivo o exercício do

pensamento, entendendo o pensamento como algo exterior ao próprio ato de pensar. Sendo uma característica da filosofia, o rizoma questiona a lógica tradicional de pensamento, opondo-se a estruturas hierárquicas e propondo uma abordagem mais flexível, que valoriza a multiplicidade, a conexão e a descentralização.

Seguindo essa linha de pensamento, enfatizamos que o conceito de rizoma, aplicado à sala de aula, deve manter um equilíbrio no sistema educacional, o que requer uma reconstrução do currículo enquanto prática orientadora.

[...] fazer filosofia é tentar inventar ou criar conceitos. Ocorre que os conceitos têm vários aspectos possíveis. Por muito tempo eles foram usados para determinar o que uma coisa é (essência). Nós, ao contrário, nos interessamos pelas circunstâncias de uma coisa: em que casos, onde e quando, como, etc.? Para nós, o conceito deve dizer o acontecimento, e não mais a essência (Deleuze, 2000, p. 37).

O que nos força, como educadores, a reinventar é a possibilidade de promover mudanças em sala de aula, adotando a máquina do pensamento em contradição com a máquina controladora que opera no sistema educacional, propiciando aos sujeitos poder e potência e transformando o ato de pensar. Na obra *Kafka* (Deleuze; Guattari, 1990), é criado o conceito de “literatura menor”, compreendido como um deslocamento conceitual comprometido com a busca de processos norteados pela transformação em singularidades voltadas a valores libertários. Essa literatura tem como propósito a busca por novos encontros e fugas.

A educação menor pode ser entendida como um ato de revolta e resistência diante das imposições das políticas, da sala de aula e das instituições. Ela permite a ação do professor militante em sala de aula, que traça estratégias libertárias como instrumentos do pensamento, o que, por sua vez, é essencial para as transformações necessárias no modelo educacional vigente.

Para Gallo (2012), devemos nos perguntar: por que não pensarmos em uma educação menor? Dentre suas propostas, a educação menor surge como uma forma de afastar as práticas dominantes, permitindo que o trabalho em sala de aula seja um espaço de resistência, garantindo um ensino adequado às necessidades individuais dos alunos.

Ainda consoante Gallo (2012), o professor é um militante, assim como podemos ter diretores de escola militantes. Observamos claramente, em algumas escolas

públicas brasileiras, que a ação militante do diretor transforma a escola, fazendo dela um espaço de transformação, mudança e atuação. No entanto, essa militância não deve ser entendida como sinônimo de terror, mas, sim, como uma postura contrária a ele. Cabe a cada um de nós agir em nossa própria prática; cada professor, em sua sala de aula, conhece a realidade extrema que enfrenta. Não devemos esperar que outros façam por nós. Devemos agir, repensar situações e buscar mudanças que beneficiem nosso convívio.

Queremos e defendemos uma sociedade na qual possamos viver livremente? Então, vivamos a liberdade, enfrentemos o Estado, as instituições e o *status quo*, sendo aquilo que queremos ser e agindo da forma como desejamos agir. O papel da militância em sala de aula é promover ações que beneficiem as condições dos indivíduos. Assim, essa ideia de militância, de professor militante, está profundamente conectada com a perspectiva da ação direta anarquista. Em sala de aula, cada um de nós tem a possibilidade de agir à sua maneira, criando um espaço educacional que, para Gallo (*op. cit.*), chama a atenção pela sua capacidade de trabalhar diferentes formas e conceitos de “maior” e “menor”, conforme proposto por Deleuze e Guattari (1990), de inúmeras formas.

Nesse contexto, surge a pergunta: qual é o papel do professor militante e qual é o sentido de sua atuação? O professor militante seria aquele que se coloca como autor diante das vulnerabilidades da sociedade, apontando questões essenciais. Ele propicia possibilidades de construção da coletividade, sendo parte da resistência na superação e libertação da miséria social em uma luta persistente, colaborando com movimentos que buscam garantir direitos individuais.

No sistema educacional vigente, é necessário que o educador milite em defesa das necessidades essenciais de cada indivíduo. Há uma necessidade urgente de fortalecimento da sociedade, investindo na educação como etapa fundamental para garantir a liberdade dos sujeitos. Dentre as possibilidades:

Uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância. Se a educação maior

é produzida na macropolítica, nos gabinetes, expressa nos documentos, a educação menor está no âmbito da micropolítica, na sala de aula, expressa nas ações cotidianas de cada um. Examinemos então as três características da literatura menor, deslocadas para uma educação menor (Gallo, 2002, p. 173).

Dessa forma, a educação menor se destaca pela exploração das brechas e pela criação de possibilidades em seus diferentes estágios. As estratégias estabelecidas pela educação menor visam garantir a produção de multiplicidades que contribuam para o desenvolvimento da coletividade. Nesse contexto, é um desafio para o militante agir em favor de algo concreto. O desafio está justamente em recusar verdades únicas, pois, quando assumimos uma verdade absoluta — como “a revolução” ou “o novo mundo” —, colocamo-nos muito mais na posição de profetas, anunciando mudanças, do que na de agentes de transformação. Um professor que apenas anuncia a revolução ou um novo mundo possível limita-se ao anúncio. No entanto, anunciar não é o mesmo que fazer. Anunciar não é produzir; anunciar é ficar no anúncio.

O papel do educador, portanto, é construir, mesmo que em pequenos passos, como “passos de formiguinha”, articulando projetos coletivos. Quando essa militância se transforma em um ato menor, ou seja, um ato voltado para a construção coletiva e para a criação de comunidades de ação, ela rompe com a lógica da verdade única. Nesse sentido, a transformação da ação do sujeito passa a colaborar diretamente para a transformação das relações com os outros.

Está, assim, nas mãos do educador o papel de enfrentar questões relevantes, como o uso das plataformas digitais que têm transformado o meio de ensino em um espaço de controle no campo da educação. O professor deve agir de forma crítica, promovendo reflexões e ações que atendam às necessidades dos jovens, preparando-os para a vida e para o desenvolvimento de suas próprias ideias. A mudança no cenário educacional passa pela superação da obrigatoriedade do controle do Estado, em busca de uma sociedade mais justa, igualitária, fraterna e solidária.

O que está nas mãos do educador, diante das questões abordadas, como o uso das plataformas digitais que transformaram o meio de ensino em um mecanismo de controle no campo da educação, é agir de forma crítica, promovendo o alerta e ações que atendam às necessidades dos jovens, preparando-os para a vida e para o

desenvolvimento de suas próprias ideias. Para que ocorra uma mudança no cenário educacional, torna-se necessário questionar a obrigatoriedade do controle estatal, buscando uma sociedade mais justa, igualitária, fraterna e solidária.

O educador é capaz de realizar essa transformação. Esse próprio ato é uma forma de ação direta e, para os anarquistas, todos esses atos de ação direta implicam, necessariamente, um processo educativo no qual as pessoas aprendem a se formar, a se constituir e a produzir suas próprias vidas. Esse caminho colabora com o pensamento de Foucault e Gallo, que destacam o cuidado de si, o qual implica também o cuidado do outro. O professor, nesse contexto, tem um papel específico nessa relação, que envolve uma análise estética e ética da vida e da existência.

O conceito de “cuidado de si” é recuperado por Foucault a partir da cultura grega antiga, quando destaca que, na Antiguidade — e posteriormente entre os romanos —, havia a prática de voltar-se para si mesmo como forma de constituição do sujeito. Essa ação de cuidar de si promove o autoconhecimento e a transformação pessoal, possibilitando uma relação mais significativa com o outro. Trata-se de um conceito instigante e complexo, que Foucault desenvolve de forma a refletir sobre o papel transformador do professor.

O professor militante, necessariamente, é alguém que cuida de si; ele precisa cuidar de si. A militância implica ser capaz de cuidar de si mesmo, pois a sala de aula expõe o educador a desafios diários e permanentes relacionados à construção e reformulação do sujeito. A militância nos expõe ao risco, nos coloca diante do perigo constante. Militar não significa redescobrir algo simples e acabado a todo momento. A exposição a esses riscos exige do professor um cuidado ético profundo, que se reflete tanto em sua prática quanto em sua postura diante da educação.

Diante desse cenário, o professor tem o papel fundamental de cuidar e lutar pelo direito à educação dos estudantes, promovendo ações que resistam a práticas de controle que limitam a autonomia e o pensamento crítico, essenciais para uma formação emancipadora.

2.2 MATERIAL DIGITAL SEDUC-SP E O PANORAMA PARA A PRÁTICA DE ENSINO

Diante do panorama curricular, constatamos o distanciamento, em certos

aspectos, daquilo que possa despertar o interesse dos educandos. O material digital da Seduc-SP tem como objetivo potencializar a dinâmica das atividades propostas pelo Governo do Estado de São Paulo desde o ano de 2023; todavia, apresenta uma sequência engessada em alguns pontos.

Para começar, o foco está no conteúdo e na aplicação de conceitos. O objetivo do início da aula é despertar o interesse dos estudantes para o desenvolvimento da aula. As atividades são esquematizadas com base nos conhecimentos prévios dos alunos, utilizando perguntas norteadoras que chamam a atenção dos estudantes. São usados recursos como vídeos e imagens para promover o debate.

No próximo passo, são organizadas seções com assuntos e retomadas de conceitos de aulas anteriores, visando à retomada do conteúdo, com perguntas que despertem a curiosidade dos estudantes. O foco no conteúdo é mantido, apresentando seções fundamentadas em teóricos sobre o tema da aula para engajamento dos alunos, permitindo o envolvimento por meio de vídeos e imagens relacionados à proposta prevista. Nessa fase, são permitidas atividades práticas para o desenvolvimento da aula, recorrendo a fontes primárias e secundárias para a compreensão do tema, complementadas com recursos, como vídeos e imagens, e exemplos de aplicação dos conceitos na prática.

Na parte "Pausa e Responda", são propostas situações expositivas em que o estudante põe em prática seus conhecimentos. Esse espaço é dedicado à realização, interação e engajamento, com verificação da compreensão dos estudantes e *feedback* imediato.

Na sequência, são propostos exercícios relacionados ao tema da aula para que o estudante coloque em prática o que aprendeu. Nesse momento, também são realizadas correções e o reforço do conteúdo, com o desenvolvimento de metodologias ativas que apoiem a construção do conhecimento. As atividades podem ser realizadas individualmente, em duplas ou em grupos, envolvendo experimentação e o desenvolvimento de projetos.

Para finalizar, os alunos respondem a duas questões sobre os principais conceitos da aula e os aprendizados do conteúdo. Nesse fechamento, os estudantes explicam o que aprenderam com suas próprias palavras. O professor pode identificar lacunas no entendimento e reforçar o conteúdo para a memória de longo prazo. Finalizando com o aprofundamento e informações complementares para os

professores, visando vivências e experimentações.

Esse método não favorece o construtivismo e a autonomia do sujeito ativo, seguindo metas voltadas para o cumprimento de conteúdos prontos e engessados, com cobranças por resultados que dificultam o processo de aprendizagem. As aulas são estruturadas de forma a limitar os saberes dos profissionais, que, muitas vezes, se sentem aprisionados na etapa do conhecimento.

A proposta do Material Digital, atrelada à Prova Paulista, faz com que os educadores da rede se tornem reféns de um modelo pedagógico que, em muitos casos, não atende às necessidades dos alunos. Essa situação resulta em frustrações tanto para a classe de professores quanto para os alunos, que se veem privados de uma visão libertadora da educação.

Diante desse cenário, é imprescindível que o professor atue como um agente libertador, conduzindo um ensino que contraponha essa perspectiva limitante. É fundamental estabelecer conteúdos que se relacionem com os problemas do contexto social, promovendo uma educação mais relevante e engajada. Na visão de Foucault:

Nestes casos de dominação - econômica, social, institucional ou sexual -, o problema, com efeito, é o de saber onde vai se formar a resistência. Numa tal situação de dominação, deve-se responder a todas essas questões de um modo específico, em função do tipo e da forma precisa de dominação. Mas a afirmação "você enxerga o poder em todo lugar; logo não existe lugar para a liberdade" parece-me absolutamente inadequada. Não se pode me atribuir a ideia de que o poder é um sistema de dominação que tudo controla e que não deixa nenhum lugar para a liberdade (Foucault, 1977, p.134).

Podemos identificar que o planejamento do currículo é necessário para organizar e priorizar a liberdade dos docentes e alunos, promovendo o desenvolvimento da autonomia e sensações prazerosas de pertencimento em sala de aula. O currículo, embora hierarquizado, pode ser modificado para se adequar a algo relevante, favorecendo o surgimento de problemáticas significativas.

No pensamento de Gallo (1994), o currículo é visto como disciplinar, no qual os conteúdos são dispostos para o ensino em áreas tratadas de forma independente. Desde o século XVII, essa norma tem sido determinante. No período Clássico grego, havia um currículo disciplinar com conteúdos organizados em áreas distintas. Durante o período de Platão, em obras como *A República* e *As Leis*, o processo de organização do conhecimento se deu em diferentes conjuntos de saberes, chamados de "ciência

e arte”, passando por várias modificações. Isso nos leva a compreender que a educação e o currículo refletem a ideia de que o mundo e a realidade constituem uma totalidade que não pode ser plenamente abarcada pelo espírito humano.

Ao longo do tempo, percebemos que o impacto educacional implica a perda da totalidade, resultando em uma forma de ignorância – uma divisão em partes que possibilita o conhecimento. O objetivo final seria recuperar essa totalidade, agora transformada em sabedoria. Assim, fica evidente que, ao pensar o currículo, é quase inevitável não o associar à imagem de uma árvore, representando o currículo disciplinar. Nesse currículo, que marcou a escola como uma instituição moderna, podemos observar, de forma subjacente, a imagem da árvore. Para Gallo (1994, p. 15):

No movimento essencialmente moderno de disciplinarização, de paulatina e crescente especialização dos saberes, assistimos à perda da totalidade (como ignorância) para possibilitar o conhecimento; nesse processo, se vão criando as diferentes ciências e proliferam os novos saberes. Nas escolas, o processo é reproduzido na dimensão do ensino-aprendizagem, e os currículos mais e mais se especializam, subdividindo-se cada vez mais.

A escola, devido a essas estruturas, vem perdendo cada vez mais a dimensão do conhecimento, pois a fragmentação em partes prejudica a autenticidade do processo educativo. É necessário trazer para o ambiente escolar um escopo que contemple questões problematizadoras, alinhadas aos interesses dos estudantes. O papel do professor, em defesa do coletivo, é fundamental para promover instrumentos que favoreçam o desenvolvimento do pensamento crítico.

O currículo é essencial para a organização da gestão escolar, pois orienta a disposição dos conteúdos, define como serão abordados e estabelece as estratégias pedagógicas a serem adotadas. No entanto, o Material Digital da Seduc-SP, com suas sequências rígidas e impostas para um desenvolvimento mecânico em sala de aula, tem gerado consequências negativas para o processo de ensino-aprendizagem. Esse material limita-se a impor um conjunto de conteúdos programáticos que, muitas vezes, não estão necessariamente associados ao currículo paulista (São Paulo, 2019)⁵.

Com base nessa premissa, o currículo deve ser orientado por um plano de

⁵ Para compreender melhor essa relação entre o currículo paulista (São Paulo, 2019) e o material digital seria necessária uma análise mais aprofundada, o que seria um ponto interessante a ser investigado.

estudos que considere as necessidades dos alunos, utilizando recortes e territórios demarcados. Dessa forma, o currículo deve estar alinhado às demandas do contexto escolar, oferecendo atributos essenciais que atendam às reais necessidades dos estudantes.

Para Gallo (2009), a visão do currículo nas escolas é frequentemente chamada de “grades curriculares”, o que revela certo descontentamento com estruturas rígidas e distantes do cotidiano dos estudantes, dificultando sua participação ativa. No entanto, isso não impede que os docentes reformulem e adequem o currículo à realidade dos alunos, promovendo uma educação mais significativa e contextualizada. Subjacente a esta concepção de educação e de currículo, está

[...] a noção de que o mundo, a realidade, constitui uma totalidade que não pode ser abarcada completamente pelo espírito humano. Portanto, é necessário dividir os saberes em áreas, em aspectos distintos, que devem ser estudados, aprendidos e articulados, numa visão enciclopédica (os gregos falavam em *enkyklios paidéia*, uma formação geral e completa – a palavra enciclopédia deriva da noção de círculo, símbolo da totalidade e da completude para eles) (Gallo, 1994, p.16).

Na leitura do texto, destaca-se a necessidade de o docente reformular o currículo de acordo com as fragilidades identificadas, considerando temas relevantes para o desenvolvimento das aulas. Diante da situação imposta pelo sistema, torna-se essencial a implementação de práticas educativas em sala de aula que contemplem o contexto dos alunos. Considerando as fragilidades do currículo e seus impactos, é fundamental abordar a necessidade de plataformas educacionais que não restrinjam a liberdade de pensamento dos estudantes.

Constatamos que o material elaborado pela Seduc-SP não promove um diálogo com a atitude filosófica ou com o exercício do filosofar. Esse material limita-se à abordagem de conteúdos, contribuindo para um retrocesso educativo ao não reconhecer as diversidades e o pluralismo de ideias presentes na comunidade escolar, além de evidenciar as fragilidades do sistema educacional estadual. A seguir, apresentamos o modelo dessa prática niveladora do Material Digital disponibilizado pela Seduc-SP.

As figuras a seguir trazem partes de uma sequência do material digital para a 1.^a série do Ensino médio. A Figura 1 refere-se à introdução do conteúdo. Ela está

estruturada para o início da aula, no qual é apresentado o objeto de estudo. Nesse momento, são indicados a série correspondente e, de forma ordenada, o número da aula referente à sequência didática. O professor, utilizando a mídia digital, apresenta o tema que será trabalhado, destacando os pontos essenciais para a compreensão do conteúdo proposto.

Figura 1 – Sequência do material digital

Fonte: Material Digital/Currículo Ação (2024)

A Figura 2, por sua vez, apresenta parte da seção destinada ao desenvolvimento da aula. Nessa etapa, o professor introduz uma pergunta e exibe um vídeo para auxiliar na compreensão do tema abordado. O docente estabelece uma dinâmica com controle de tempo e, ao final da atividade, promove uma troca de ideias com os estudantes, dando início ao diálogo sobre o conteúdo.

Durante esse processo, o professor aplica a técnica de Doug Lemov, com o objetivo de captar a atenção dos alunos e estimular o envolvimento ativo na discussão.

Figura 2 – Sequência do material digital

Fonte: Material Digital/Currículo Ação (2024)


A sequência do material digital do ensino médio apresenta um tempo reduzido para a realização das atividades planejadas. O foco está parcialmente voltado para o conteúdo, com o professor atuando como mediador e buscando atribuir relevância à aula no contexto dos alunos. No entanto, a sequência proposta não é exequível dentro do lapso temporal destinado a ela.

Nas figuras a seguir, apresentamos outras partes do material didático digital da Seduc-SP.

Figura 3 – Sequência do material digital

Foco no conteúdo

"Filosofia" é a composição das palavras gregas "philos" (amor, amizade) e "sophia" (sabedoria), cuja etimologia significa "amizade à sabedoria".



Pitágoras de Samos (séc. VI a.C.) não se considerava um sábio, mas amigo da sabedoria, alguém que tinha amor por ela. Por isso é atribuída a ele a criação da palavra **filosofia**, representada, muitas vezes, pela letra grega φ , e a coruja também representa a filosofia.

Fonte: Material Digital/Currículo Ação (2024)

Figura 4 – Sequência do material digital

Foco no conteúdo

Além das condições materiais apontadas, a filosofia depende da atitude humana que, diante de uma coisa, um fenômeno ou uma relação, é capaz de se espantar, admirar e tornar-se curiosa de tal forma que não se satisfaz com explicações tradicionais.

A filosofia, dessa forma, está na orientação para conhecer além das aparências e do que está posto como "verdade". Dessa forma, a filosofia, mais do que um conjunto de saberes e argumentos, é uma atitude. A atitude filosófica que busca o uso correto da razão para conhecer o mundo, seus fenômenos e relações, assim como o próprio movimento da razão, este último, identificado como reflexão filosófica.

Fonte: Material Digital/Currículo Ação (2024)

Figura 5 – Sequência do material digital

Na prática

Estampa 5 MINUTOS

“[...] de fato, os homens, tanto agora como no início, começaram a filosofar devido a admirar-se, admirando inicialmente, entre as coisas surpreendentes, aquelas que estavam à mão, em seguida, paulatinamente, progredindo e formulando impasses sobre problemas maiores, por exemplo, sobre as afeções da lua, do sol e dos astros, e sobre a geração do todo”. (ARISTÓTELES. *Metafísica*. Livro I (Alfa))

A partir das aprendizagens desenvolvidas nesta aula, explique, utilizando um ou mais detalhes do excerto, a atitude filosófica.

Fonte: Material Digital/Currículo Ação (2024)

Figura 6 – Sequência do material digital

Na prática


Correção

Trata-se de uma resposta aberta a depender das experiências do estudante acerca da filosofia e da sua compreensão sobre a atitude filosófica. Contudo, vale destacar que as respostas devem, em algum momento, mencionar que a atitude filosófica está no admirar-se pelos fenômenos e no interesse em compreender, além dos fenômenos, o próprio movimento da razão que busca conhecer. Conforme o excerto, essa admiração (filosófica) tende a progredir para a formulação de impasses acerca de problemas mais amplos.

Fonte: Material Digital/Currículo Ação (2024)

Figura 7 – Sequência do material digital

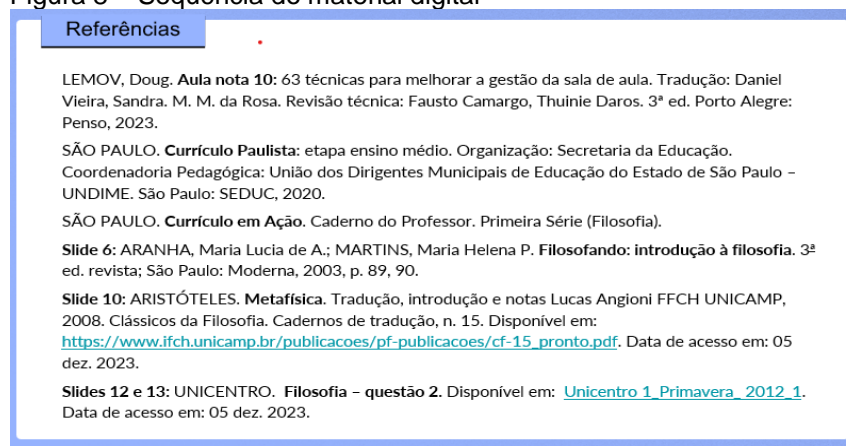
O que aprendemos hoje?



- Apesar de a filosofia ser plural, chamamos de filosofia, no ocidente, o conhecimento que se desenvolve por meio da reflexão.
- O surgimento da filosofia na Grécia antiga se deu por condições específicas, como o intercâmbio cultural, político e econômico entre as cidades-estado gregas e outras partes da Europa, África e Ásia.
- A palavra filosofia é a junção das palavras gregas *philos* e *sophia*, que significam amizade e sabedoria.

Fonte: Material Digital/Currículo Ação (2024)

Figura 8 – Sequência do material digital



Fonte: Material Digital/Currículo Ação (2024)

Como podemos observar, o fechamento da etapa da aula frequentemente ocorre de forma desconectada da realidade dos estudantes, evidenciando a necessidade de adaptação e mediação por parte do professor. É fundamental que o educador promova um olhar atento e um convite ao interesse, facilitando a compreensão do assunto em relação ao contexto dos alunos.

As sequências do Material Digital da 1.ª série do ensino médio para o componente curricular de Filosofia seguem, em parte, a finalidade proposta pelo currículo. Nessa proposição, cabe um olhar cuidadoso do educador ao promover etapas para o entendimento das origens da Filosofia e sua relação com a natureza. Os conteúdos e objetivos propostos para essa aula não demonstram estratégias que favoreçam o desenvolvimento da atitude filosófica, relacionando os problemas ao cotidiano dos alunos. As sequências não despertam interesse e apresentam, em muitos pontos, conceitos ambíguos, sem o devido fundamento e aprofundamento necessários para o ensino da Filosofia.

Com essa proposta, os professores acabam reproduzindo aulas programadas, limitando-se ao tempo estabelecido e tornando-se, assim, apenas reprodutores de *slides* elaborados por Inteligência Artificial. Além disso, a organização do material didático disponibilizado pelo governo apresenta problemas metodológicos, erros conceituais e falta de contextualização adequada.

Frente a essa realidade, é fundamental que o professor se aproprie do conhecimento e, ao oferecê-lo, organize uma sequência que trace a trajetória das origens da Filosofia e sua transcendência na sociedade.

Atualmente, no ambiente escolar, com a predominância da reprodução de conteúdos, tanto profissionais quanto alunos são desestimulados a argumentar em defesa de seus posicionamentos e conclusões. Grande parte dos educadores sente-se frustrada em sua missão, enquanto muitos alunos demonstram apatia, não se engajando ativamente no processo de aprendizagem.

Diante disso, torna-se essencial refletir sobre o papel da educação e seus objetivos, o que nos leva a considerar a contribuição da Filosofia para a compreensão dos sujeitos, da sociedade e da própria ação pedagógica.

Enquanto a educação trabalha com o desenvolvimento dos jovens e das novas gerações de uma sociedade, a filosofia é a reflexão sobre o que e como devem ser ou desenvolver estes jovens e esta sociedade. (...) O educando, que é o que deve ser, qual o seu papel no mundo; o educador, quem é, qual o seu papel no mundo; a sociedade, o que é, o que pretende; qual deve ser a finalidade da ação pedagógica. Estes são alguns problemas que emergem da ação pedagógica dos povos para a reflexão filosófica, no sentido de que esta estabeleça pressupostos para aquela (Luckesi, 1994, p. 31-32).

De acordo com Luckesi (1994), a educação nos permite compreender o que foi aprendido e o que ainda não foi, possibilitando, assim, reorientar o educando para que supere suas dificuldades, consolidando sua aprendizagem no processo de aprender e ensinar. Nesse sentido, é fundamental acolher os estudantes em sua trajetória, assegurando que o planejamento das aulas e os conteúdos a serem apreendidos sejam relevantes para fundamentar decisões e promover as mudanças necessárias.

Observamos um distanciamento entre os conteúdos ministrados e a ausência de mudanças significativas para as gerações atuais. Um planejamento de conteúdo é essencial para estabelecer uma linha direcionada e precisa nas etapas do processo de ensino-aprendizagem, correlacionando-se com as necessidades existentes. Nesse contexto, o planejamento se revela um procedimento fundamental para viabilizar as diretrizes e as decisões sobre a prática docente, incluindo tanto os recursos humanos quanto os materiais.

Conforme destaca Libâneo (1994, p. 22), o ato de planejar possui grande importância, pois envolve "um processo de simplificação, estruturação e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social." Assim, o planejamento contribui de maneira significativa para o alcance dos

resultados, em tempo hábil para os processos estabelecidos.

Ainda em conformidade com o autor, todo planejamento envolve técnicas e processos de imaginação para a tomada de decisões que colaboram com seu funcionamento. Conforme mencionado por Libâneo (1994), o planejamento deve adotar uma abordagem global para alcançar sua efetividade.

No entanto, o Material Digital limita o acesso ao conhecimento e, de certa forma, afeta a aprendizagem dos alunos. De acordo com Libâneo (1994), essas vias de transmissão ideológica do currículo implicam considerar que o currículo é mais do que uma receita pronta, o que, na verdade, não corresponde à realidade. A grade curricular aprisiona os professores e delimita os conhecimentos, restringindo, por conseguinte, a aprendizagem dos alunos.

Os métodos elaborados no Material Digital, exemplificados pela sequência do primeiro ano do ensino médio, evidenciam as limitações do currículo atual, no qual a teoria e a prática pedagógica precisam ser repensadas. Os currículos não devem ser vistos como conteúdos acabados e aplicados de forma unilateral aos alunos; ao contrário, devem ser discutidos e adaptados às necessidades vivenciadas no contexto escolar.

Cabe a cada professor refletir sobre suas práticas e seu compromisso em sala de aula, buscando amenizar as barreiras enfrentadas e trabalhando em prol da formação humana. O que move o docente é a capacidade de repensar e reconstruir caminhos, reforçando a missão da luta pelo conhecimento e promovendo, a essa geração, um propósito de vida que seja relevante às suas necessidades. A luta pela construção do conhecimento deve ser diária, e a sala de aula é o espaço privilegiado para o início dessa reconstrução. Nessa linha de pensamento:

Uma das condições necessárias para que nos tornemos um intelectual que não teme a mudança é a percepção e a aceitação de que não há vida na imobilidade. De que não há progresso na estagnação. De que, se sou, na verdade, social e politicamente responsável, não posso me acomodar às estruturas injustas da sociedade (Freire, 2014, p. 103).

Assim, não devemos aceitar um currículo que não promova o despertar da geração atual, mas, sim, discutir formas de adaptá-lo conforme as necessidades dos grupos, criando condições favoráveis ao contexto e relacionando-o à sua existência. Está em nossas mãos construir e reconstruir ideias, despertando o interesse pela

argumentação e promovendo o engajamento com as próprias opiniões. Para Freire (2014), não podemos nos acomodar diante das questões injustas da sociedade.

Somos parte dessa (re)construção de conceitos, adaptando-os e (re)produzindo-os conforme as necessidades emergentes. Dessa forma, conseguimos contribuir para o processo de libertação de uma educação reprodutiva, que, em determinados momentos, perpetua essa situação emblemática. De acordo com Freire (2005), o anúncio de uma verdadeira libertação dos homens e de sua humanização não pode ser realizado por meio de “depósitos”, como faz a educação bancária. Deve-se, sim, concretizar-se por meio da práxis: ação e reflexão sobre o mundo.

A educação libertadora e problematizadora do sujeito não pode se basear no “depósito” de conteúdos em corpos vazios, nem na formação de uma consciência mecanizada. O que deve mover a organização pedagógica é a busca por uma prática transformadora, e não a reprodução de um currículo que não liberta os indivíduos para sua emancipação e construção de sua subjetividade.

Aplicar o Material Digital gera um vazio nos fundamentos teóricos da prática docente, dificultando a construção de caminhos que possam preencher as lacunas no processo de aprendizagem. Isso torna necessário o debate sobre o currículo, buscando abrir espaço para a transformação em direção a uma educação libertadora e emancipadora.

O material precisa ser revisto para promover uma relação dialógica e dialética, abordando os problemas da sociedade. Essa mudança só ocorrerá por meio da atitude dos envolvidos na educação, que devem fomentar discussões sobre a humanização entre educandos e educadores, ressignificando as práticas pedagógicas para possibilitar a intervenção crítica e a superação da opressão e da domesticação.

3 MÉTODOS E TÉCNICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DE PRÁTICA DE ENSINO DE FILOSOFIA EM SALA DE AULA

No cenário educacional, vem sendo apontada a necessidade de que as escolas se debrucem sobre o desenvolvimento das práticas pedagógicas, em especial em relação aos métodos adotados que não favorecem o processo de ensino-aprendizagem. Em sua teoria, Dewey (1979) criticou o ensino tradicional, visto como passivo e autoritário, impactando negativamente o processo de ensino. Para ele, a educação deve preparar os alunos para a vida e sua convivência em uma sociedade democrática, desenvolvendo habilidades de pensamento crítico e resolução de problemas. Nessa perspectiva, o método em que o aluno não participa e não se envolve, devido à condição mecânica de conteúdos prontos, torna-se distante e desmotivador.

Dewey enfatizava a importância da aprendizagem ativa e experiencial, argumentando que o conhecimento é construído por meio da interação com o mundo. Assim, a educação deve envolver atividades práticas que aproximem a realidade, permitindo que os alunos aprendam em contextos significativos. Em seu pensamento, os alunos aprendem melhor quando estão envolvidos em tarefas que têm proximidade e significado para sua existência. Promover no ambiente escolar atividades como projetos de grupo, experimentos e investigações baseadas em problemas permite que os alunos façam conexões entre a teoria e a prática.

Dessa forma, Dewey (*op. cit.*) considera a escola um meio para a sociedade democrática, preparando os alunos para a vida em sociedade, promovendo a participação ativa e a autonomia para o exercício da cidadania. Nesse caminho, a escola tem como condição e ferramenta a mediação do educador, que deve incentivar o empoderamento. Nas escolas, os alunos devem ter voz e participar das decisões que afetam sua aprendizagem. O envolvimento dos estudantes é essencial para o desenvolvimento das questões sociais e cívicas, colocando-os em contato com discussões sobre problemáticas e conflitos.

Para desenvolver o senso crítico, é importante colocar os alunos frente a questões que envolvem as necessidades da comunidade local, ensinando a cooperação e o bem comum. Essa proposta colabora para o impacto da abordagem de Dewey em sala de aula, sendo os métodos capazes de promover uma série de

impactos em sua experiência.

As ideias de Dewey inspiram abordagens como o ensino por projetos e a aprendizagem colaborativa, que incentivam a participação ativa dos alunos. Essas metodologias promovem a aprendizagem por meio da resolução de problemas e da aplicação do conhecimento em contextos reais, permitindo que os estudantes construam seu aprendizado de forma significativa e interativa.

Momentos em que os alunos trabalham em tarefas que têm relevância para suas vidas e interesses permitem que eles investiguem questões do mundo real, desenvolvam soluções para problemas complexos e criem produtos que se conectam à sua existência. Os métodos permitem que os alunos se aproximem da prática do que estão aprendendo, desenvolvendo habilidades como a colaboração e a comunicação, além de promover o sentido da prática filosófica.

Na prática, os estudantes desenvolvem e recriam conceitos pertinentes às suas problemáticas, tornando esses métodos positivos e necessários para a prática docente, promovendo o empoderamento e a participação ativa no processo de aprendizagem, por meio da escuta e da transmissão de diferentes significados. A sala de aula apresenta-se como possibilidade e o melhor caminho para o envolvimento de jovens atuantes e responsáveis em relação ao meio em que vivem. Essas alternativas têm como finalidade preparar o jovem para o presente e o futuro.

O ambiente em sala de aula deve proporcionar condições para a aprendizagem colaborativa, promovendo o envolvimento do grupo em questões sociais que envolvem a pluralidade, a empatia e a solidariedade. Esse meio favorece o desenvolvimento da capacidade de observar, posicionar-se e politizar-se em relação às questões do seu meio social. O processo metodológico torna-se mais efetivo ao promover a participação dos estudantes com base em textos e discussões significativas.

Seguindo essa perspectiva, Ausubel, Novak e Hanesian (1983) defende a importância da relevância, do contexto e do conhecimento prévio para a existência de uma aprendizagem que garanta a efetividade dos saberes dos estudantes. Analisando o cenário da escola, observamos diversas situações-problema entre os jovens e suas individualidades, considerando o que cada um carrega consigo.

Ausubel, que também viveu uma história marcada por dificuldades, não apresentava desempenho escolar como o esperado, e demonstrava comportamentos

que não eram considerados favoráveis, vivenciando, assim como muitos alunos com quem convivemos, histórias de humilhações e castigos que marcaram sua trajetória. Esse histórico de sofrimento, que a escola não considerava relevante para o entendimento de seu papel em sala de aula, dificultou sua aprendizagem e causou impactos significativos. Na vida adulta, conseguiu recuperar o que havia sido perdido, dedicando-se à educação e propondo o conceito de aprendizagem significativa, que parte dos conhecimentos prévios para construir saberes que façam sentido na vida dos estudantes.

Em sua teoria, Ausubel, Novak e Hanesian (1983) destaca que a capacidade de adquirir novas ideias é maior quando o aluno enxerga o assunto como parte de suas experiências, tendo esse princípio como base. Dentro dessa linha, o aluno reconfigura e reconstrói seus saberes. Nessa proposta, nosso conhecimento é formado por estruturas organizadas e hierarquizadas. Seguindo esse pensamento, a aprendizagem trata-se da expansão e da modificação de um conhecimento existente. É nesse caminho que o conteúdo adquire sentido e significado, proporcionando aos alunos interesse pelo conteúdo e envolvimento em sua participação.

Com isso, os materiais introdutórios devem ser apresentados antes do conteúdo a ser apreendido pelos estudantes, permitindo que o aluno tenha condições de ser o construtor da própria aprendizagem. O método, nessa linha, segue o princípio de que a estrutura cognitiva do estudante e a clareza do conhecimento são fatores primordiais que influenciam o aprendizado, criando oportunidades e envolvendo discussões sobre problemas apresentados, promovendo o engajamento dos alunos.

A teoria de Ausubel, Novak e Hanesian (1983) procura explicar o mecanismo que desperta o cognitivo na mente humana em relação à aprendizagem e ao conhecimento. Identificamos que métodos mecânicos, com conteúdos prontos e fechados, fora do contexto dos estudantes, não promovem o conhecimento tampouco despertam o interesse dos educandos, ocasionando estresse e desmotivação.

Isso ocorre, atualmente, com materiais e métodos engessados, não pelo fato de serem expositivos, mas por não oportunizarem processos significativos de aprendizagem. O que ainda dificulta é o fato de o sistema educacional manter um modelo em que o professor é o centro do processo educativo, limitando-se à transmissão de conteúdos e ao cumprimento de tarefas diárias, comprometendo o processo de aprendizagem.

Essa realidade representa uma problemática para a educação. Como caminho enriquecedor, defendemos métodos que, além de promoverem conhecimentos, valorizem e privilegiem os saberes prévios dos alunos, permitindo que descubram e redescubram outros conhecimentos relevantes e necessários para a vida. Métodos relevantes para o contexto do aluno e suas experiências são essenciais.

Pensando na rotina presente nas escolas, esse é um dos pontos que demandam mudanças nas práticas pedagógicas. Repensar e revisitar a rotina vivenciada pelos jovens, especialmente aqueles do Programa de Ensino Integral (PEI), que permanecem na escola por até nove horas diárias, é fundamental. Precisamos explorar novas habilidades, com o apoio das TICs aliadas a práticas pedagógicas significativas, formação continuada e uso de tecnologias que promovem desafios para a educação contemporânea.

Prensky (2021), professor americano, criou o termo “nativos digitais” para designar a geração que nasceu em contato com as últimas tecnologias. Ele propõe o empoderamento dos jovens por meio de práticas de ensino-aprendizagem que dialoguem com sua realidade. No entanto, o sistema das plataformas digitais não promove esse empoderamento, limitando-se à execução de atividades que pouco estimulam a autonomia. Como repensar o estímulo para crianças e jovens do século XXI? Como repensar a educação para empoderar os estudantes com competências para o amanhã? (Prensky, 2021).

A transformação digital é vista como um ponto crucial para a consolidação da aprendizagem, colaborando significativamente para o processo investigativo em sala de aula. Esses desafios não se limitam à implementação de técnicas da educação híbrida, mas envolvem também a necessidade de uma adaptação cultural abrangente, que inclua alunos, educadores e a sociedade em geral.

Tais propostas para a consolidação da aprendizagem têm como função possibilitar alternativas para o ensino de Filosofia, de modo que as aulas se tornem mais dinâmicas e as aprendizagens mais significativas. Em sala de aula, com base em experiências e didáticas criativas na escola em que atuo como professora, foi possível despertar um maior interesse dos alunos, especialmente com a elaboração de uma revista digital, construída a partir de uma sequência planejada e de um processo inicial de introdução dos temas, escolhidos democraticamente pelos próprios estudantes. O planejamento das investigações também foi fundamental para a

realização da revista, que foi elaborada pelos alunos ao longo desta pesquisa.

Os trabalhos realizados pela turma, por meio de suas experiências e apresentações para a comunidade escolar, refletem o potencial de jovens potentes e dinâmicos, capazes de ressignificar práticas norteadoras e afirmar sua identidade como estudantes pertencentes à cultura local. Isso se concretizou através do emprego de algumas experiências metodológicas, tendo como foco alguns fatores essenciais para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e para o fortalecimento da autonomia dos alunos em suas trajetórias formativas, conforme apresentamos a seguir.

3.1 CONTEXTO

Há a necessidade de um processo investigativo baseado em teorias adequadas e metodologias que aproximem os alunos do ensino médio, juntamente com instrumentos pedagógicos adequados para os professores de Filosofia. Estudos e teorias de autores como Dewey (1979), Ausubel (1982), Gallo (2012) e Maamari (2017) evidenciam a importância de observações e experiências realizadas em sala de aula para promover mudanças, ressignificando as práticas de ensino de acordo com o contexto em que os jovens estão inseridos. Para isso, é fundamental empregar, como tema das aulas, os problemas que eles experienciam na sociedade contemporânea.

Antes da implementação das novas práticas, muitos alunos do ensino médio demonstravam desinteresse pelo processo filosófico. As aulas, estruturadas de maneira rígida e engessada pela Seduc-SP, resultavam em falta de engajamento por parte dos estudantes, que não se viam como sujeitos ativos e curiosos, interessados em compreender sua relação com o meio social. O formato mecanizado das aulas impedia o desenvolvimento da autonomia e limitava o interesse em questões sociais e filosóficas, dificultando a construção de um pensamento crítico e reflexivo.

Cabe ressaltar que, a partir das experiências realizadas com as turmas, observamos mudanças significativas, evidenciadas pela participação ativa dos educandos e pelo envolvimento nas atividades propostas. As questões trabalhadas nesses processos, com o apoio do processo de investigação dos princípios teóricos apontados neste trabalho, resgataram a vitalidade dos jovens para temas que

despertam maior interesse, como questões relacionadas à política atual e à sua relação com o indivíduo. O trabalho com os alunos do ensino médio, no ano de 2024, permitiu mudanças significativas por meio das atividades realizadas, que contribuíram para a reconstrução de metodologias capazes de despertar maior interesse pela argumentação e pela discussão crítica.

3.2 TEMAS

Os fundamentos teóricos e metodológicos para o ensino de Filosofia no ensino médio são essenciais para a formação de jovens mais ativos e participativos no cenário atual. As teorias trabalhadas em sala de aula envolvem questões enfrentadas na sociedade e mostraram como nossa participação ativa é fundamental para a busca da liberdade de pensamento. A organização dos temas propõe aos estudantes o convite para a experiência filosófica, ancorada na natureza do pensamento conceitual, promovendo reflexões críticas sobre o mundo e o papel do indivíduo na sociedade.

A teoria é estabelecida por meio de estratégias que visam à sensibilização dos estudantes, com investigações voltadas para a história da Filosofia. Nesse processo, as aulas tornam-se mais proveitosas, promovendo o envolvimento dos alunos em discussões sobre temas apresentados, como justiça, amor, beleza, política, morte e liberdade. Durante essas discussões, os alunos desenvolvem o entendimento crítico, aprimoram a leitura e refletem sobre acontecimentos relevantes do seu cotidiano.

Sendo assim, as Diretrizes Básicas da Educação e os Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino médio destacam a importância de a disciplina de Filosofia contribuir para o desenvolvimento de habilidades filosóficas nos alunos, atribuindo ao professor a responsabilidade de estimular esse processo. Vejamos, então, as habilidades propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1999 (Brasil, 1999), que, quando trabalhadas na prática, permitem que os alunos compreendam a importância do Ensino de Filosofia para a consolidação de um modelo democrático:

- ler textos filosóficos de modo significativo;
- ler, de modo filosófico, textos de diferentes estruturas e registros;
- elaborar por escrito o que foi apropriado de modo reflexivo;
- debater, tomando uma posição, defendendo-a argumentativamente e mudando de posição face a argumentos mais consistentes;
- articular conhecimentos filosóficos e diferentes conteúdos e modos

discursivos nas Ciências Naturais e Humanas, nas Artes e em outras produções culturais;

- contextualizar conhecimentos filosóficos, tanto no plano de sua origem específica, quanto em outros planos: o pessoal-biográfico; o entorno sócio-político, histórico e cultural; o horizonte da sociedade científico-tecnológica (Brasil, 1999, p. 64).

Gallo (2012) discute essa questão, destacando que não são as habilidades que devem ser introduzidas à prática filosófica, mas, sim, a modificação da compreensão da filosofia como um caminho que busca atingir algumas competências que vão além da aprendizagem filosófica, estendendo-se à cidadania e ao mundo do trabalho. Isso, no entanto, corre o risco de torná-la apenas um meio e não um fim em si mesma. Pensar a disciplina comprometida exclusivamente com a formação cidadã dos estudantes revela-se problemático, pois não é possível promover tal formação sem antes definir de qual cidadania se trata.

Nesse sentido, o autor assevera que “afirmar a importância da filosofia para o exercício da cidadania significa atribuir a ela uma significação social” (Gallo, 2012, p. 37). Seguindo essa proposta, o autor destaca que, embora a filosofia possa, de fato, contribuir para o exercício da cidadania e até mesmo para sua construção, ela não pode e não deve ser limitada a isso. O ensino de Filosofia vai muito além disso, como podemos verificar pela disposição dos temas planejados para promover conceitos em sala de aula, conforme as necessidades específicas de cada turma.

Não saberemos, de antemão, quais instrumentos serão mais adequados, pois cada grupo de estudantes carrega consigo situações-problema que provocam diferentes reflexões e ideias. Diante disso, Gallo (*op. cit.*) ressalta a importância de estarmos atentos para identificar quais instrumentos e estratégias são mais apropriados para cada situação. Cabe a nós, educadores, um olhar cuidadoso para a capacidade de manter a atenção dos estudantes, promovendo a leitura crítica e a reflexão a partir dos acontecimentos e contextos vivenciados por cada grupo.

3.3 PROBLEMA

Diante dos desafios de ensinar Filosofia à geração de jovens na atualidade, os métodos de ensino tornam-se essenciais para promover a autonomia dos estudantes. Há dificuldades em provocar o interesse dos alunos e em estimulá-los à participação

ativa em sala de aula. Antes desta pesquisa, encontramos alunos ociosos e distantes do ambiente escolar, alguns resistentes e indisciplinados em relação às regras e pouco receptivos ao envolvimento com o conteúdo proposto no processo de ensino-aprendizagem. Os temas trabalhados muitas vezes não eram relevantes para o contexto de vida dos estudantes, seguindo um currículo planejado e engessado, com aulas sequenciais e os mesmos temas para todas as turmas do mesmo ano.

O professor precisa refletir sobre quais metodologias são mais adequadas ao seu contexto e como pode aplicá-las no dia a dia, resgatando seu protagonismo pedagógico e adaptando-as à sua realidade. Isso exige um olhar atento para a mudança dessa problemática e uma mediação em nossa prática para superar esse cenário. Minha pesquisa, no meio desse processo investigativo, surgiu da angústia de encontrar possibilidades para essa mudança, em uma luta incansável por uma metodologia de ensino relevante e significativa para meus estudantes, fazendo das aulas um espaço que possibilite aos meus alunos uma porta para a luz em sua trajetória de vida.

O ensino de Filosofia enfrenta muitos obstáculos a serem superados e longos caminhos, nos quais é necessário, a cada instante, mudar a direção e estar aberto à possibilidade de novos percursos. Diante do cenário que vivencio em minhas experiências com os jovens da 2.^a série do ensino médio, percebo que as mudanças no processo de ensino-aprendizagem são significativas e essenciais para a superação dos desafios enfrentados em sala de aula. Trabalhar com a mesma turma representa, para mim, um desafio constante, pois leciono seis aulas semanais, distribuídas entre as disciplinas de Sociologia, Itinerário Formativo Filosofia e Sociedade Moderna, e Liderança.

Nesse contexto, busco constantemente estratégias que despertem o interesse dos estudantes, promovendo uma participação mais ativa e engajada. O objetivo é transformar o cenário de desmotivação, comum em muitos alunos, e resgatar o potencial de cada um, valorizando-os como sujeitos autônomos

Refletir sobre a reciclagem de práticas e agir ativamente no cotidiano tem gerado resultados exitosos em minhas experiências com os estudantes. Nesse processo de mudança, a Filosofia desempenha um papel crucial como via de construção crítica de valores, orientando os jovens a enfrentarem as problemáticas da sociedade contemporânea.

Em outras palavras, conforme assevera Gallo (2012), há vários obstáculos a serem superados e, para que isso seja possível, é necessária a presença de uma filosofia viva, produtiva e criativa, e não um arremedo de um almanaque. Ressignificar o ensino envolve colocar os estudantes em contato direto com temas escolhidos por eles mesmos, fundamentando-se em conceitos essenciais para discussões problematizadoras.

Perante a situação de desmotivação dos estudantes, torna-se necessária a experimentação de um ensino de Filosofia que vá além do escolástico, planejado e metódico, no qual os conhecimentos sejam, de fato, construídos. No âmbito de uma didática voltada para esses conteúdos, o foco deve estar em garantir que eles sejam assimilados pelos estudantes. Isso leva à preocupação não apenas com o que está sendo ensinado, mas também com o que é aprendido e com a forma de sua transmissibilidade.

A implementação de sequências didáticas precisa promover, nos alunos, um processo de investigação e argumentação, centrado em questões sociais de maior interesse para eles. O que ocorre, no entanto, diante do sistema educacional atual e da demanda de conteúdos estabelecidos pelo currículo, é que seguimos uma rotina de apresentação de diversos temas sem nos atentarmos ao que, de fato, é compreendido pelos estudantes. Diante desse problema, surge a necessidade de refletir sobre a forma de pensar e como esse pensamento deve ser construído.

Assim, é fundamental colocar o aluno em uma posição ativa, levando-o a refletir sobre o que foi ensinado e a mobilizar sua capacidade de construção do pensamento. É por meio de uma sequência de atividades vivas e criativas que as questões relevantes para os estudantes começam a emergir.

Rancière (1996) defende que o ensino de Filosofia pode ter, como meta, a emancipação intelectual dos estudantes, permitindo que eles desenvolvam sua singularidade. Nesse pensamento, professores de Filosofia, que julgamos críticos, muitas vezes limitam-se a transmitir conhecimentos filosóficos, direcionando o ensino para a produção de consensos. Para ele, o ensino baseado na explicação não serve para desatar nós, mas para criar novas amarras, partindo de proposições fixas e outros pontos de vista.

A lógica da explicação implica que aquele que aprende renuncie à sua autonomia, cedendo aos pontos de vista do mestre considerado o “sábio”. Segundo

Rancière (1996), existem três tipos de mestre: o primeiro é o que transmite conhecimento de forma limitante, controlando o que é ensinado e prejudicando a emancipação dos estudantes, pois não aceita o posicionamento crítico deles. O segundo é o “mestre ignorante”, aquele que mais contribui para o ensino da Filosofia, pois não foca o ensino de soluções prontas, mas na problematização junto aos alunos. Esse mestre não determina um único saber em sala de aula, posicionando-se contra a lógica da explicação tradicional e promovendo um espaço de troca de experiências e vivências. O terceiro é o “livro aberto”, que trabalha o ensino a partir de lições em que o aluno não aprende apenas com o professor, mas aprende o próprio professor. O mestre, nesse caso, é como uma paisagem, um mediador de experiências e reflexões.

Diante dessas três concepções, para Gallo (2012), o modelo que mais se encaixa na realidade do ensino atual é o do explicador, que, infelizmente, tende a limitar a capacidade do aluno de transcender. Esse cenário, observado nos últimos tempos, restringe a aprendizagem e a participação dos estudantes, configurando-se como uma problemática no ensino contemporâneo.

Diante desse problema, o ensino de Filosofia pode e deve ser, dentro da instituição escolar, o espaço que reverte a autoridade do saber, permitindo que o sentimento de ignorância seja visto não como uma fraqueza, mas como um potencial de aprendizado. Rancière (*op. cit.*) defende que o mestre não é aquele que detém o saber absoluto, mas aquele que aprende e ensina simultaneamente. Assim, a Filosofia se torna o ponto de reversão, pois assume o papel da verdadeira ignorância, não no sentido da falta de conhecimento, mas da abertura para o questionamento constante.

Nos primórdios da Filosofia, os filósofos não sabiam “nada” não por falta de estudos ou experiências, mas pela disposição para a investigação e para o reconhecimento do que ainda precisava ser compreendido. Diante da minha pesquisa e das experiências na prática docente, essa perspectiva remete à necessidade de mudanças sobre como ensinar Filosofia, promovendo-a como uma forma de intervenção filosófica, seja através de textos relevantes, seja em embates filosóficos tradicionais ou com temáticas não convencionais para o ensino da disciplina.

Como o ensino de Filosofia pode ser trabalhado em sala de aula? Como promover um ensino filosófico significativo? É necessário que os conteúdos abordados nas aulas sejam apresentados de forma relevante e concreta para a

realidade dos estudantes, promovendo situações que iluminem seu contexto e os posicionem como sujeitos ativos no processo pedagógico.

Esse aspecto assume a importância de ressignificarmos constantemente nossa prática filosófica, apoiando-nos em fundamentos teóricos que façam sentido para os estudantes e assumindo a dinâmica do mundo real, que exige rapidez e flexibilidade. Isso é crucial para aproximar o ensino da realidade dos alunos do ensino médio.

Nesse sentido, torna-se relevante considerar a importância de traçar estratégias didáticas diversificadas, dinâmicas e envolventes, utilizando métodos inovadores e investigativos que tornem o ensino mais significativo. A função da Filosofia na escola é recriar e fornecer subsídios para que os estudantes interpretem, de maneira crítica, ao mundo presente.

O planejamento, com recursos teóricos adequados, deve ser pensado de forma a transformar o ambiente escolar. A Filosofia é essencial para a formação de sujeitos críticos, capazes de questionar a validade e a legitimidade das coisas. Sua tarefa é questionar dogmas estabelecidos e promover condições libertadoras por meio do exercício da experiência do pensamento.

Rancière (1986) defende a lógica da transmissão e as múltiplas possibilidades para o ensino da Filosofia. Seguindo essa proposta, Deleuze (1992) refere-se à “pedagogia do conceito”, remetendo à ideia de uma “coleção” de conceitos e ideias, destacando três aspectos: o conceito como um produto, a pedagogia do conceito como experiência do pensamento e a operatividade dessa experiência.

O trabalho da Filosofia consiste em um exercício de afirmação, um processo de pensamento que desenvolve uma força viva. Ao convidarmos os estudantes para essa proposta, oferecemos a eles a oportunidade de vivenciar o pensamento como uma atitude filosófica, estimulando a reflexão crítica e a construção ativa de saberes.

A Filosofia é, portanto, um espaço sem fronteiras para a elaboração de estratégias e para a definição de metodologias. O trabalho filosófico em si exige uma reflexão constante sobre o que ensinar e como ensinar. Assim como desde os tempos antigos, a Filosofia não busca apenas admirar o mundo, mas também investigar e propor novos métodos de percepção e explicação.

A definição do que deve ser ensinado aos alunos deve considerar não apenas o conteúdo, mas também a forma como esse ensino será transmitido e acolhido pelos educandos. Nesse sentido, é preciso responder à problemática da necessidade do

texto filosófico no Ensino de Filosofia, tanto por meio de teóricos quanto pelas diretrizes oficiais, refletindo sobre como esses textos são utilizados em sala de aula.

O que observamos atualmente é um abismo entre as teorias filosóficas e o contexto vivenciado pelos educadores. Para essa mudança, é necessário recriar o ensino, promovendo um “espanto filosófico” e contextualizando a teoria filosófica com a realidade dos estudantes. Esse enfrentamento exige o uso de textos significativos que envolvam a participação ativa dos alunos, permitindo a superação dessa problemática e promovendo uma intervenção pedagógica produtiva.

A dialógica da Filosofia, por meio do pensamento do filósofo, transcende a simples leitura e se apresenta tanto na oralidade quanto nos textos, que precisam ser investigados criticamente. O uso de textos, aliado a tecnologias digitais, apoia o trabalho dos educadores, estimulando uma mente ativa e criativa, capaz de encantar e inspirar os estudantes.

Em outras palavras, o uso de textos filosóficos nas aulas de Filosofia no ensino médio é imprescindível. Direcionado pelas normativas educacionais, o trabalho com textos filosóficos transforma o modo de pensar dos estudantes, permitindo que eles acessem o pensamento do filósofo e desenvolvam suas próprias reflexões.

3.4 OBJETIVO(S)

O objetivo das aulas é resgatar a capacidade crítica e reflexiva da atual geração de jovens, promovendo uma apropriação significativa do ensino de Filosofia. A proposta busca proporcionar a esses jovens a reconstrução de métodos e conceitos essenciais para a educação no século XXI, incentivando a reflexão sobre questões que impactam o cotidiano e motivando-os a se envolverem ativamente na construção de si mesmos como sujeitos.

Esse processo envolve a adoção de práticas reflexivas e comunicativas no ambiente escolar, em que o professor atua como mediador da aprendizagem, com propostas metodológicas que fazem sentido para as realidades em que estão inseridos. A pesquisa envolve a experimentação de práticas envolventes e a atuação ativa no espaço escolar, demonstrando como se busca superar o problema apresentado e atribuir originalidade a uma experiência sensível, utilizando o ensino como um instrumento para a construção do pensamento.

Na reformulação de tentativas pedagógicas que promovem maiores interações entre os estudantes, segundo Deleuze (2006), não podemos transformar o problema em método ou metodologia, como se fosse uma etapa a ser superada. O problema deve ser objetivo, fruto da experiência; caso contrário, não é um problema real.

Essa proposta mostrou-se eficaz à medida que os alunos, organizados ao longo do período, passaram a se engajar ativamente nas pesquisas desenvolvidas, transformando o Ensino de Filosofia em algo além da mera transmissão de conteúdo. O foco deixou de ser o professor como o único detentor do saber, dando espaço para a troca de experiências e a participação ativa dos estudantes.

O trabalho, em si, tem como objetivo a ressignificação de uma didática que desmistifica o ensino tradicional, colocando os indivíduos como protagonistas e participantes ativos na discussão de questões problematizadoras. Ao longo da pesquisa, os alunos deixaram de ser passivos e tornaram-se argumentadores de suas próprias criações, passando a atuar de forma crítica e participativa em questões relacionadas ao exercício de sua cidadania.

O trabalho evidencia como os estudantes, por meio de uma atuação coletiva, começaram a questionar os interesses em jogo e a refletir sobre a necessidade de restabelecer ações voltadas para o bem comum.

3.5 METODOLOGIA

A proposta desafiadora de rever a metodologia busca ressignificar o ensino de Filosofia, que anteriormente seguia uma linha tradicional, com temas e problemas filosóficos distantes do contexto dos estudantes. As aulas eram ministradas seguindo uma sequência didática de caráter expositivo, desconectada da realidade e das vivências dos alunos, o que resultava em angústia e desinteresse por parte deles. O cenário refletia um modelo em que o professor era o centro do saber e da transmissão de conteúdos, iniciando e finalizando as aulas como o principal detentor do conhecimento, enquanto os estudantes permaneciam passivos e pouco envolvidos.

Por conseguinte, a pesquisa evidenciou a necessidade de considerar o contexto em que a atividade filosófica é estabelecida, tratando-a como um meio para um determinado fim: a formação cidadã dos estudantes. É fundamental estabelecer metodologias adequadas, criando condições para que o aluno participe ativamente do

processo, em parceria com o educador.

Diante dessa perspectiva, o que almejo para minha escola, a E.E. Prof.^a Nena Giannasi Buck - SP, é uma metodologia que vá muito além do espaço escolar. Minha pesquisa é conduzida em direção a um ensino ressignificado e inovador, rompendo com o modelo anteriormente vivenciado. Não existe uma única metodologia pronta e acabada, nem uma visão conteudista isolada, mas sim um trabalho voltado para o ensino da Filosofia de modo que se aprenda a filosofar.

Dessa perspectiva, a presente investigação adotou a abordagem da pesquisa-ação, por entendê-la como compatível com a proposta de ressignificação metodológica que aqui se pretende construir. Conforme destaca Thiollent (1986), trata-se de uma estratégia de pesquisa social com base empírica, desenvolvida em estreita associação com uma ação coletiva, na qual pesquisadores e participantes se envolvem de maneira cooperativa e participativa na busca por soluções transformadoras para problemas concretos. Ao articular conhecimento e prática, essa metodologia valoriza o diálogo com os sujeitos implicados, favorecendo a escuta ativa, a problematização e o redirecionamento das ações pedagógicas em curso.

Nesse horizonte metodológico, é necessário estar atento e preparado para compreender o que os temas representam para os estudantes e como contextualizá-los em relação ao mundo em que vivem. O desafio é refletir sobre o caminho metodológico ressignificado, partindo do diálogo e da problematização filosófica. A busca constante pela reflexão promove indícios para o pensamento crítico e a recriação de novos conceitos.

Nesse contexto, a metodologia da oficina de conceitos, proposta por Gallo (2012), baseia-se na experimentação e na vivência, apontando caminhos e oferecendo recursos que iluminam o processo de ensino-aprendizagem. Nessa linha, o papel do professor é atrair e conquistar o interesse dos alunos, desafiando-os a explorar o vasto universo da educação e a serem provocados pela Filosofia.

O processo de ensino deve romper com o controle rígido do tempo dos estudantes, que frequentemente causa estresse, e abrir espaço para um novo olhar sobre o aprendizado. O educador tem a missão prazerosa de ser mediador do conhecimento, despertando o encantamento e estimulando a produção cognitiva, direcionada para práticas educativas significativas.

Como parte da minha pesquisa, os alunos mergulharam nos temas propostos

de maneira exitosa e envolvente, promovendo um ambiente de harmonia e cooperação. Os diálogos e discussões desenvolvidos foram apresentados à comunidade escolar, demonstrando o entendimento dos conceitos trabalhados. No âmbito da proposta de Gallo (*op. cit.*), os jovens envolvidos experimentaram e cultivaram reflexões sobre as necessidades humanas.

A metodologia adotada serviu como ponto de partida para o diálogo, promovendo o debate e atribuindo significado aos conceitos filosóficos na vida dos estudantes. As atividades planejadas em sala de aula e os produtos realizados pelos alunos provocaram reflexões significativas, com a exploração de diversos temas da história da Filosofia e de textos filosóficos que favoreceram análises críticas.

O ambiente em sala de aula manteve-se vivo, e minha atuação como professora militante foi uma força propulsora, estimulando a resistência e o pensamento crítico. Os alunos participaram ativamente por meio de práticas como aula invertida, promoção de debates e realização de seminários, o que potencializou o ensino e a aprendizagem.

As experiências vivenciadas ao longo desse trabalho garantiram o envolvimento de todos no processo investigativo das temáticas abordadas. As aulas foram pautadas por teorias investigativas, permitindo aos alunos o entendimento das questões-problema. Eles demonstraram seus conhecimentos por meio de seminários e apresentações criadas com o uso do Canva®, entre outras produções desenvolvidas de forma autônoma.

Esse método garantiu a autonomia dos estudantes, favoreceu a socialização e estimulou o senso crítico e socioemocional, permitindo que aplicassem suas habilidades tecnológicas no processo de aprendizagem. Os temas que tiveram maior destaque em sala de aula envolveram a importância do filosofar para a construção do sujeito.

Com o apoio de uma metodologia adequada, os alunos desenvolveram uma revista, tanto digital quanto física, para compartilhar seus conhecimentos e criatividade com toda a comunidade escolar. O método utilizado dialoga com as características dessa geração, que demonstra maior facilidade em lidar com tecnologias de forma autônoma.

As ações promovidas criaram, assim, um ambiente de diálogo, vivências e experiências significativas, empoderando os jovens a atuarem de forma ativa na

construção de seu próprio conhecimento.

3.6 RESULTADOS

A utilização de questionários respondidos pelos alunos visou analisar a percepção deles em relação às aulas tradicionais e à metodologia baseada em experiências, identificando em qual modelo se sentem parte do processo de aprendizagem e participam ativamente. A pesquisa realizada demonstra o engajamento dos estudantes e estabelece um elo entre professor e alunos, com os dados apresentados servindo como base para a análise, por meio da observação e de questionários com perguntas objetivas. Em seguida, os dados obtidos foram analisados com o apoio de gráficos, permitindo a visualização dos resultados.

No processo de minha pesquisa, partimos de aulas planejadas que propuseram a necessidade de aproximar a Filosofia como parte relevante da vida dos estudantes. Tal abordagem surgiu da necessidade de tratar o ensino de Filosofia de forma a instrumentalizar essa prática para torná-la significativa e próxima da realidade dos alunos. Ao longo da pesquisa, nos apropriamos de leituras referentes à metodologia de ensino, o que contribuiu para o aprimoramento das práticas em sala de aula.

As estratégias apontadas ao longo da pesquisa não se configuram como receitas prontas e engessadas, pois variam de acordo com as individualidades dos estudantes. A aceitação e a interação dos alunos foram fundamentais para o desenvolvimento assertivo das atividades, promovendo maior envolvimento nas propostas apresentadas.

Diante dos resultados obtidos e considerando a possibilidade de replicabilidade para a comunidade escolar, observamos que os alunos demonstraram força e vitalidade, características de uma geração com propósito de vida e responsável pela própria construção do conhecimento. Durante a elaboração de suas revistas, os estudantes evidenciaram, em cada etapa, seu desenvolvimento e aprendizado, compartilhando essas produções com os demais membros da comunidade escolar.

Dos 23 alunos cadastrados na turma, 98% apresentaram o produto final para toda a comunidade. Mediados pela professora, os estudantes criaram um mecanismo para divulgar suas pesquisas por meio da rede social Instagram®, que registrou todas as etapas de seu protagonismo. Os resultados evidenciaram, de maneira significativa,

a eficácia do método, revelando uma geração de jovens aptos, curiosos e dispostos a questionar e explorar seu meio social.

3.7 CONCLUSÃO

A pesquisa desenvolvida proporcionou uma trajetória relevante e intensa de conhecimento para nossa jornada profissional e acadêmica. Considerando os desafios do Ensino de Filosofia, torna-se possível reconstruir mecanismos e adotar métodos mais eficazes no ambiente escolar, com práticas ativas voltadas para o processo de ensino-aprendizagem.

A partir dos resultados obtidos e do engajamento dos estudantes, corroboramos a necessidade de fundamentos teóricos e metodológicos sólidos para a promoção da construção da subjetividade dos alunos. As teorias pedagógicas modernas ressignificam o olhar sobre a motivação dos estudantes, colocando-os como agentes participativos e construtores de sua própria aprendizagem por meio da experiência.

Nesse sentido, o espaço em sala de aula torna-se um ambiente que integra experiência, pensamento e vida, permitindo que o ser humano aprenda de forma significativa e relevante para seu contexto. A busca por soluções para problemas, desde os mais simples até os mais complexos, leva os sujeitos à aquisição de conhecimento, trilhando um caminho que favorece o entendimento e o desenvolvimento do ato de conhecer.

Para Dewey (1979), o ato de conhecer, quando aplicado aos jovens, assume um sentido prático, sendo aplicável tanto para experiências presentes quanto para futuras. Esse método menciona a existência de um fluxo contínuo e natural, que aproxima o indivíduo da cognição. Podemos relacionar essa abordagem ao método científico, que se desenvolve a partir da relação prática do ser humano com a natureza, sendo fruto da busca pela solução de problemas.

A sala de aula deve ser um espaço em que o método experimental funcione como um recurso para sistematizar causas e promover o desenvolvimento do conhecimento. Dewey (1979) destaca a existência de um fluxo contínuo, um processo natural que atinge na cognição sua forma mais sofisticada. Tal cognição, exemplificada pelo método científico, surge da relação prática do ser humano com o

mundo e resulta da busca por soluções para desafios e questões problemáticas. Em suma:

[...] a função do conhecimento é tornar uma experiência livremente aproveitável em outras experiências. [...] Por outras palavras, o conhecimento é uma percepção das conexões de um objeto, que o torna aplicável em dada situação (Dewey, 1979, p. 373).

Nessa visão, o campo pedagógico deve se configurar como uma atividade de pesquisa, semelhante ao trabalho de um cientista, estando aberto à busca de problemas e à construção e redescoberta de conhecimentos a partir de proposições e teorias. O estudante, acompanhado do educador como guia, experimenta a integração entre teoria e prática, o que estimula o aprendizado e desperta o prazer em continuar explorando a relação entre o que aprende e o que vive.

Dewey (1979) tem uma visão crítica da escola, que busca preparar discípulos em vez de formar pesquisadores. É preciso repensar essa questão na educação, preparando para a vida. Dewey critica as escolas que se dedicam mais a formar discípulos do que a incentivar o pensamento investigativo. Para ele, algumas escolas

[...] consideram o conhecimento como coisa completa em si mesma, independentemente de sua utilização, para tratarmos daquilo que ainda vai ser. E é esta omissão que as vicia e as faz adotar métodos educacionais condenados por uma adequada concepção do conhecimento (Dewey, 1979, p. 376).

Diante dessa crítica de Dewey, repensar o ambiente escolar exige adotar uma concepção de conhecimento mais ampla e integrada, que supere os dualismos e valorize o processo contínuo de aprendizagem. Isso implica reconhecer a conexão entre o aprendizado escolar e o extraescolar. Cabe ao professor favorecer essa integração, permitindo a livre circulação entre diferentes saberes. Esse processo se desenvolve a partir dos múltiplos pontos de contato com os interesses sociais de cada indivíduo, tornando-se possível, segundo a argumentação de Dewey:

[...] conceber a escola como um lugar em que houvesse espírito de associação e de atividade compartilhada, sem que, entretanto, sua vida social representasse ou copiasse, quer o mundo existente além das paredes da escola, quer a vida de um mosteiro (Dewey, 1979, p. 394).

Nesse percurso, a escola assume o compromisso de promover mudanças essenciais para a formação de sujeitos autônomos e críticos, livres de controles rígidos. Nessa perspectiva, a prática pedagógica deve sustentar essa transformação, estimulando o desenvolvimento de jovens observadores e questionadores, capazes de refletir sobre a realidade, propor mudanças necessárias e se orientar pela experiência do pensamento.

Desse modo, o conceito de experiência é um dos centros do pensamento de Dewey, que destaca a importância de que alguns gramas de experiência têm mais valor do que uma tonelada de teoria. Nesse sentido, as escolas, no cenário atual, não devem se limitar a uma didática baseada na mera transmissão de conteúdos, o que acaba restringindo o aprendizado dos alunos a saberes prontos e distantes de suas realidades.

Em suma, a didática deve possibilitar o aprendizado dos estudantes, garantindo a construção do conhecimento. Ela é responsável por estudar os processos de ensino e aprendizagem, buscando maneiras de torná-los mais significativos.

Nessa perspectiva deweyana, o ato de experimentar está intrinsecamente ligado à ideia de interação. Esse elo de troca coloca o sujeito à prova do conhecimento. Nesse contexto, o contato com o objeto do saber leva o aluno a compreender a própria natureza do conhecer. Esse espaço é necessário no ambiente escolar, permitindo uma interação consigo mesmo e com o mundo, em que o ser humano é parte inseparável desse processo.

Dewey (1979) defende que não há uma divisão entre o mundo e o sujeito. Para ele, o sujeito também é o mundo e aprende nessa relação, formando hábitos a partir do processo contínuo de interação. Em suas palavras:

[...] experiência, em suma, não é uma combinação do espírito com o mundo, do sujeito com o objeto, do método com a matéria, e sim uma única interação contínua de grande diversidade de energias (literalmente inumeráveis) (Dewey, 1979, p. 184).

Na concepção deweyana, a experiência provém de dois elementos: o ativo e o passivo. O elemento ativo refere-se ao estudante como sujeito que promove a ação, direcionando seus esforços para interagir com o mundo e desenvolver sua compreensão a partir das coisas experimentadas. Esse aspecto está relacionado ao

movimento em direção ao mundo, ao objeto de pesquisa, no qual a mente atribui significado e direcionamento.

Por outro lado, o elemento passivo da experiência está associado ao que é recebido, ou seja, aos efeitos e consequências das ações realizadas. Trata-se da parte da experiência em que o sujeito sofre o impacto das interações.

Dentre esses processos, o aspecto ativo deve ser perpetuado em sala de aula, cabendo ao professor estabelecer conexões com o mundo real para que os estudantes se tornem sujeitos ativos e preparados para o mundo. Esse processo de interação ativa, marcado pelo constante ir e vir entre ação e reflexão, é fundamental no ambiente escolar, pois é por meio da experiência que se constrói o aprendizado. Conforme o autor:

Aprender da experiência é fazer uma associação retrospectiva e prospectiva entre aquilo que fazemos às coisas e aquilo que, em consequência, essas coisas nos fazem gozar ou sofrer. Em tais condições, a ação torna-se uma tentativa; experimenta-se o mundo para se saber como ele é; o que se sofre em consequência torna-se instrução – isto é, a descoberta das relações entre as coisas (Dewey, 1979, p. 153)

O meio para a superação dos problemas atuais está no fortalecimento do elemento ativo, uma vez que muitos jovens ainda permanecem em uma postura passiva, sujeitados a contextos que dificultam a busca por experiências significativas.

A experiência provocada em sala de aula é constantemente necessária para garantir a continuidade do processo de aprendizagem, mantendo o equilíbrio em um ambiente em que os estudantes possam debater e discutir questões relevantes, estabelecendo vínculos com os temas apontados por eles e colaborando para a criação de novos conceitos. Esses dois elementos, o ativo e o passivo, quando desequilibrados, dificultam o aprendizado, sendo que o predomínio do passivo gera consequências impactantes para o cenário atual.

Percebemos, nos muros das escolas, que muitos jovens oscilam entre o agir e o sofrer, o que limita a experiência do pensamento. Contudo, essa situação pode ser superada em sala de aula, desde que o educador tenha em mente que a experiência abre possibilidades para que os estudantes da nova era possam opinar, refletir e dialogar sobre os problemas que carregam consigo, permitindo que vivenciem e

compreendam as causas da realidade. Isso é fundamental para aproximar esses jovens que, urgentemente, necessitam de novas direções.

Diante disso, é importante oferecer aos estudantes oportunidades de contato com situações práticas, permitindo experiências significativas. É necessário trazer para perto objetos e contextos que provoquem reflexão, evitando conteúdos superficiais e desconectados da realidade. Cada aula deve, por si só, estimular a curiosidade e o interesse dos estudantes. Se o sujeito se relaciona com o objeto de forma unidirecional, aproximando-se apenas do conteúdo sem que este provoque um retorno reflexivo, teremos uma experiência pobre, incompleta ou, até mesmo, inexistente, pois a simples atividade, por si só, não constitui uma experiência.

Dentro dessa proposta deweyana, o aprendizado mecanizado, no qual o aluno não participa nem interage, distancia corpo e mente do processo educativo. O que nos preocupa no ambiente escolar é que ainda persistem aulas totalmente mecanizadas, em que o aluno é mero espectador. Nas palavras de Dewey (1979, p. 156), “é mecânico todo o processo de ensino que restringe a atividade corpórea ao ponto de chegar-se à separação do corpo e do espírito — isto é, da percepção do sentido do que se está fazendo.”

É relevante repensarmos os métodos estabelecidos em sala de aula e promover, no contexto do processo educativo nas escolas, a necessidade de uma abordagem em que a experiência seja fundamental para que o aluno, em suas individualidades, tenha corpo e mente atrelados. Não podemos permitir, conforme aborda o autor, a separação entre o sujeito pensante de um lado e a natureza representada por outro. O que se propõe é que a continuidade da experiência deve permanecer, negando, assim, a ruptura entre experiência e natureza (Dewey, 1979).

É impossível conceber um sujeito interno e separado do mundo, o que indica a necessidade imediata de uma prática docente que integre ação, pensamento e reflexão como elementos essenciais para a formação do sujeito ativo. Essas condições serão de grande valia, proporcionando ao indivíduo a capacidade de perceber e compreender o mundo de forma mais ampla.

Partindo de uma ação para outra, a promoção da reflexão permitirá novas mudanças e transformações. Dewey (1979), ao tratar dessa concepção, destaca a riqueza da experiência, ressaltando que ela envolve não apenas a mente, mas também as emoções e a sensibilidade. A interação, fruto de uma boa experiência,

promove aspectos emocionais, criativos e imaginativos, frequentemente associados à arte. Por sua vez, isso amplia as possibilidades da arte como uma experiência transformadora.

Nesse sentido, a crítica de Dewey (1979) destaca que, nas escolas, o processo de aquisição de conhecimento frequentemente carece de conexões significativas com as experiências vividas pelos estudantes. Há uma crença amplamente difundida de que o simples ato de memorizar conteúdos presentes nos livros equivale a obter conhecimento. No entanto, embora esses conteúdos possam ter sido significativos para aqueles que os descobriram, por estarem diretamente ligados às suas vivências, isso não garante que se tornem conhecimentos reais para os alunos, uma vez que não fazem parte de suas próprias experiências.

Nessa abordagem, a didática precisa ser convidativa e atender às necessidades dos estudantes, permitindo que se sintam parte do processo. No contexto atual, essa é uma preocupação central da minha pesquisa, que busca favorecer, por meio de investigações e práticas em sala de aula, a participação ativa dos alunos, tornando as aulas significativas e o aprendizado relevante em uma relação colaborativa entre professora e estudantes.

Dewey (1979), com sua influência, promoveu no campo educativo reflexões sobre a necessidade de mudanças nas práticas pedagógicas, destacando a importância de metodologias que sejam adequadas e relevantes para o grupo. Ele defende a superação de métodos que não atendem às necessidades individuais e que não promovem experiências significativas.

Em muitos contextos, os estudantes ainda são tratados de forma passiva, o que revela uma falta de interação verdadeira. Para o autor, essa abordagem transmite a ideia de alguém sendo apenas nutrido de informações, ou seja, um sujeito passivo. Isso nos preocupa, pois demonstra uma limitação na forma como os alunos são vistos, restringindo o envolvimento entre corpo e mente e distanciando-os da conexão com o mundo ao seu redor. Para o autor:

[...] a educação praticada intencionalmente (ou escolar) deveria apresentar um ambiente em que essa interação proporcionasse a aquisição daquelas significações que são tão importantes que se tornam por sua vez em instrumentos para a ulterior aquisição de conhecimentos (Dewey, 1979, p. 301).

Em um sentido amplo, a adequação do cenário educacional é fundamental, e a escola deve proporcionar um ambiente de interação, oferecendo aos estudantes instrumentos essenciais para a construção do conhecimento. O objetivo é formar jovens críticos, capazes de lutar constantemente por sua emancipação.

Para isso, a escola deve ser um espaço que cria condições para que o sujeito transcenda seus limites, rompendo com muros simbólicos que restringem a experiência do pensamento. Assim, é fundamental que as aulas de Filosofia promovam a continuidade desse processo, oferecendo oportunidades educativas que integrem corpo e mente. As mudanças necessárias devem despertar o interesse dos estudantes, tornando o espaço da sala de aula relevante e prazeroso em sua vivência. Esse espaço deve ser planejado de forma intencional, de acordo com o planejamento pedagógico, envolvendo os alunos como sujeitos ativos, incentivando o questionamento que ultrapassa as paredes da escola, transformando-a em um ambiente de interação entre estudante e educador.

O desafio dos educadores é constante: despertar o interesse dos estudantes para o envolvimento em diversos temas e disciplinas. Estimular o sujeito a se tornar ativo é uma das principais tarefas do processo educativo. A aproximação do sujeito ao objeto de estudo ocorre quando o aluno percebe uma identificação entre si e o conteúdo. Segundo o pensamento de Dewey (1959), é nesse momento de identificação que surgem as indagações. Conforme destacam Placides e Costa (2021), Dewey

[...] procura se posicionar entre as duas teorias antagônicas que defendiam, ou a primazia do estímulo e do cultivo ao interesse do estudante, ou a valorização e supremacia do esforço na educação. Os defensores da primeira teoria, a do interesse, propunham que, quanto mais estímulos relacionados aos seus interesses próprios os estudantes recebessem, maior seria sua atenção aos conteúdos e, por conseguinte, melhor o aprendizado (Placides; Costa, 2021, p. 139).

Segundo esse pensamento, o estímulo ao desenvolvimento dos estudantes exige esforço, e embora possa parecer uma tarefa fácil, não é. A educação precisa reformular suas didáticas e adequá-las ao contexto dos alunos, para que o interesse deles seja direcionado intencionalmente ao objeto do conhecimento. No cenário atual, observamos jovens desinteressados que precisam ser estimulados para o

desenvolvimento de sua autonomia como sujeitos ativos. Para isso, as atividades propostas devem estar alinhadas aos seus interesses, favorecendo o processo de construção do conhecimento.

Nessa perspectiva, o ambiente educativo deve preocupar-se em adotar métodos que despertem o prazer de aprender. No entanto, o que observamos na realidade escolar atual é a submissão a mecanismos de controle, que não favorecem o engajamento dos estudantes. Esses esforços, muitas vezes baseados em notas e outros estímulos externos, acabam contrariando os interesses dos alunos. Isso evidencia a necessidade de desconstruir o antagonismo ou dualismo entre esforço e aprendizagem, evitando uma visão reducionista que transforma o processo educativo em algo mecânico e contínuo sem sentido para o estudante.

Dewey (1979) critica esse sistema de controle, considerando-o desinteressante e desmotivador. Para ele, não devemos criar estratégias artificiais, forçando escolhas que não atendam às reais necessidades dos alunos. Em vez disso, é necessário preparar atividades que partam de temas concretos e relevantes para a vida. Em sua perspectiva unificadora, Dewey busca superar as barreiras teóricas construídas por diferentes correntes pedagógicas, argumentando que a atividade é parte essencial da vida. Para ele, a atividade deve ser compreendida como movimento, um conceito fundamental em seu pensamento.

Assim, os métodos de ensino e aprendizagem devem ser construídos com foco no fazer, no promover e no realizar, e não como algo fixo e dado, mas como um processo dinâmico em constante movimento. A tradição pedagógica tende a separar termos como fim, meio e atividade, tratando o "fim" como algo distante, a ser alcançado ao final do processo. No entanto, para Dewey, todas essas dimensões estão integradas. O fim deve estar conectado à atividade, o que significa pensar o processo como um todo. Em sua visão, o processo educativo deve contar com a participação ativa do estudante desde a definição dos objetivos, permitindo que ele esteja envolvido na previsão dos fins do que é realizado.

Pensar a atividade em educação numa ótica de continuidade com a vida significa assumir que as ações desenvolvidas precisam fazer sentido e se interconectarem. Elas não podem ser apenas uma lista de tarefas. Mais ainda, elas precisam surgir do processo de investigação e curiosidade para constituírem-se em verdadeira experiência. Ações que miram metas distantes e não se integram não

serão consideradas verdadeiras atividades, segundo o pensamento deweyano (Placides; Costa, 2021, p. 142).

Ao considerarmos as atividades apresentadas em sala, defendemos que elas devem partir da verdadeira experiência, aquela que desperta o interesse, ativa o emocional e a razão, resultando em benefícios significativos para o processo de aprendizagem. Dessa forma, serão capazes de promover o engajamento dos estudantes em sua prática. Para isso, é fundamental que o processo pedagógico se concentre nas experiências vivenciadas pelo sujeito que aprende e nos momentos em que os estudantes experienciam e cultivam o protagonismo na construção do saber, especialmente por meio da capacidade de questionar e reconstruir o conhecimento.

O objeto da didática é a compreensão do processo de aprendizagem em sua totalidade. Para ampliar o convívio entre escola e alunos, seria viável que estes contribuíssem com sugestões nos planejamentos pedagógicos, promovendo a interação entre o que acontece em sala de aula e seu cotidiano. Isso possibilitaria transformar essas informações em conhecimentos científicos produzidos a partir dos espaços escolares.

A incorporação de novos instrumentos e tecnologias, alinhada aos estudos de Ausubel (1982), tem o potencial de revolucionar o processo de ensino-aprendizagem no contexto da ressignificação dos saberes. Segundo Ausubel (1982), os conhecimentos prévios são essenciais para a construção de estruturas mentais, sendo as estratégias de ensino fundamentais para facilitar esse processo de aprendizagem.

Em minhas práticas e experiências em sala de aula, a utilização de conhecimentos prévios e a conclusão de conteúdos por meio de mapas mentais e conceituais ganham destaque. Assim, os significados apreendidos pelos alunos emergem da interação com esses métodos. O que o aluno já sabe contribui para o processo de aprendizagem, permitindo que novas informações sejam redescobertas e assimiladas de maneira consolidada.

A teoria é relevante na medida em que agrega aos conhecimentos prévios dos alunos, fundamentais para o desenvolvimento cognitivo. Ou seja, tanto o conhecimento prévio quanto o novo são essenciais para formar a ponte cognitiva que os alunos constroem em sala de aula. Essa ponte, estabelecida por meio dos

organizadores prévios, facilita a aquisição e a integração de novos saberes. Embora desafiadoras, essas práticas são fundamentais para a consolidação dos conteúdos planejados.

O conteúdo abordado em sala de aula deve ser significativo e não automático, evitando a transmissão de informações de forma aleatória e sem conexão com a vida dos alunos. É essencial que o ensino promova o sentido e o valor do conhecimento, contribuindo para o desenvolvimento integral dos educandos.

Nessa perspectiva, o conceito de ancoragem é essencial para que os temas abordados sejam processados de maneira significativa na vida do aluno. A teoria é relevante para essa nova era, em que os jovens necessitam de engajamento e de um despertar para a importância de conteúdos relevantes em sua prática social. A forma de apresentação do conteúdo também é de suma importância, devendo ser planejada cuidadosamente para criar condições que façam sentido para a vida de todos os alunos que participam do processo de ensino-aprendizagem.

Os estudos apontam que dar sentido à aprendizagem contribui para o desenvolvimento cognitivo, e os conhecimentos prévios devem ser valorizados. Dessa forma, os alunos farão perguntas, realizarão pesquisas, formularão questionamentos, hipóteses e teses.

Considerando as experiências em sala de aula e os estudos sobre níveis de aprendizagem, o conceito central da teoria de Ausubel (1982), a aprendizagem significativa, destaca-se pela relevância no processamento da informação e pela interação com a estrutura de conhecimento pré-existente dos alunos. Diante de uma geração que necessita de um olhar diferenciado para a inserção de conceitos e proposições que favoreçam o desenvolvimento cognitivo do aprendiz, Ausubel (1982) recomenda o uso de organizadores prévios. Esses organizadores funcionam como âncoras para as novas aprendizagens, promovendo o desenvolvimento de subsunções que favorecem a aprendizagem subsequente. O uso de organizadores prévios manipula a estrutura cognitiva para facilitar a aprendizagem significativa.

Nesse sentido, os organizadores prévios vão unir o conhecimento novo com o conhecimento prévio. Esses métodos aprimoram o desenvolvimento cognitivo e proporcionam aos jovens um entendimento claro, alinhado às dinâmicas estabelecidas. Com um olhar atento para a prática docente, é fundamental oferecer meios e estratégias concretas, utilizando organizadores prévios para promover a

aprendizagem significativa. Segundo Ausubel (1982), a principal função do organizador prévio é de servir como uma ponte entre o que o aprendiz já sabe e o que ele deve saber, a fim de que o saber possa ser apreendido e assimilado de forma significativa, ou seja, organizadores prévios são uteis para facilitar a aprendizagem na medida em que funcionam como pontes cognitivas (Ausubel, 1982).

Isso posto, as práticas promovidas em sala de aula mostram um maior aproveitamento quando o aluno compartilha suas vivências e relaciona essas experiências com questões relevantes para os níveis de aprendizagem. A didática organizada para o ensino de Filosofia diante dos níveis de aprendizagem deve estabelecer graus em que o aluno avança de acordo com suas experiências. De acordo com a teoria de Ausubel (1982), a aprendizagem cognitiva, especificamente a aprendizagem significativa verbal receptiva, enfoca a linguagem como um facilitador crucial.

A manipulação de conceitos e proposições é impulsionada pelas propriedades representacionais das palavras. A linguagem esclarece os significados, tornando-os mais precisos e transferíveis. O significado emerge quando uma relação é estabelecida entre a entidade e o significado verbal que a representa. Assim, a linguagem desempenha um papel integral e operacional na teoria, não apenas comunicativo.

Ausubel (1982) argumenta que a aprendizagem significativa receptiva é o mecanismo humano por excelência para adquirir e armazenar vastas quantidades de ideias e informações em qualquer campo de conhecimento. Ele também observa que o ensino em sala de aula é predominantemente organizado em termos de aprendizagem receptiva, por meio da qual o aprendiz não precisa necessariamente descobrir princípios, conceitos e proposições para aprendê-los e usá-los de maneira significativa.

Sabemos que não há apenas uma maneira de ensinar, pois cada turma e cada aluno representam um novo desafio que precisamos enfrentar com vistas à sua formação integral. Conhecer o conteúdo que vamos ministrar e planejá-lo com base no contexto da sala de aula é o pressuposto básico para o que muitos chamam de uma boa aula, assim como conhecer as experiências e o cotidiano de cada aluno para que a aprendizagem seja, de fato, significativa.

É preciso estarmos atentos às produções acadêmicas a respeito do ensino de

Filosofia, para que possamos colocar nossa prática docente em perspectiva e tentar adequá-la da melhor forma a cada contexto. Precisamos refletir continuamente sobre a forma como ensinamos, pois, do contrário, o tempo decorrido servirá apenas para cristalizar maus hábitos.

No entanto, não é uma obrigação que todas as nossas aulas sejam constantemente inovadoras; é essencial que estejam alinhadas com o cotidiano dos alunos, envolvendo-os de forma significativa nos temas propostos e promovendo o engajamento. Sendo assim, os métodos expositivos não precisam ser deixados de lado, pois podem ser integrados aos meios midiáticos para transmitir conhecimentos essenciais aos estudantes.

Com a utilização de metodologias que agregam os interesses da nova geração, é possível superar desafios e renovar práticas pedagógicas em apoio aos recursos midiáticos. Diante da pesquisa realizada, fica evidente que métodos adequados são cruciais para que os professores se adaptem às necessidades desta geração, utilizando estratégias que possam superar deficiências, otimizar o ensino, fortalecer as relações em sala de aula e facilitar o acesso ao mundo digital e a tudo o que ele oferece.

É importante ressaltar que os estudos sobre andragogia devem ser amplamente aplicados nessa realidade, uma vez que não lidamos mais apenas com salas de aula compostas por crianças, mas também por jovens e adultos que possuem processos de aprendizagem distintos (Alves, 2008, p. 2). Diante disso, as condições oferecidas aos jovens visam apoiá-los na integração das mídias como aliadas da prática docente e das adaptações educativas necessárias. Nesse contexto, os estudos destacam a importância de uma dinâmica de envolvimento efetivo entre professor e aluno, na qual ambos desempenham papéis significativos em suas respectivas atribuições (*op. cit.*).

Em minha experiência em sala de aula, ao utilizar recursos tecnológicos, observei que os alunos demonstram maior interesse e efetividade na socialização. Mesmo os alunos que geralmente apresentam um quadro de apatia em relação ao seu aprendizado mostram-se mais engajados com o uso desses recursos. Nesse sentido, seu emprego, aliado a métodos como o da sala de aula invertida ou a rotação por estações, desperta o engajamento dos estudantes. São métodos que, de algum modo, se contrapõem ao ensino tradicional, no qual a sala de aula serve para que o

professor, como sujeito ativo da aprendizagem, transmite informações aos alunos.

Para tanto, cabe à instituição oferecer condições e oportunidades para que o professor busque estratégias que favoreçam a formação integral do educando, visando à emancipação de seus alunos. A utilização da tecnologia de maneira planejada e intencional proporciona o surgimento de novas percepções e concepções, transformando a compreensão de tempo e espaço.

Diante das situações cotidianas da sala de aula, a participação dos alunos com o apoio de dispositivos móveis constitui um ponto de intersecção cultural, conectando-os com questões presentes dentro e fora do ambiente escolar. Atualmente, esses recursos são fundamentais para a apropriação de investigações filosóficas e significativas pelos educandos. Além disso, as plataformas educacionais virtuais permitem que os alunos, que passam grande parte do dia conectados à tecnologia, utilizem-na como mediadora no processo de investigação, promovendo o desenvolvimento autônomo de conhecimentos nesta geração.

Sendo assim, na nova era da comunicação, é necessário adaptarmos a educação e promovermos a participação nos moldes da atualidade. A tecnologia estabelece novas condições para a comunicação social, por meio de dinâmicas de produção e desenvolvimento do conhecimento, empregando recursos informacionais que favorecem a socialização do saber entre os sujeitos.

Assim, Prensky (2010) descreve a geração de jovens nascidos na era das redes de informação, conhecidos como nativos digitais ou pertencentes à geração Y, por estarem familiarizados com as plataformas digitais. Nossos alunos cresceram em uma época em que o ensino tradicional não os motiva a participar do processo educacional, pois as aulas frequentemente seguem um modelo no qual os estudantes se sentam ao chegar e se levantam ao sair, sem promover a autonomia na discussão de questões-problema.

Pesquisas no campo educacional evidenciam que educadores frequentemente questionam o motivo da desmotivação dos jovens e o fato de não aproveitarem plenamente o ensino tradicional estabelecido. Para essa geração, imersa nas tecnologias digitais, é crucial direcioná-los para um processo educacional que seja relevante e engajador. Não podemos ignorar que os jovens do século XXI são diferentes daqueles para os quais o ensino se baseava principalmente em cartilhas e apostilas. Estamos na era das TICs, em que essas tecnologias fascinam e se adaptam

instantaneamente. Os nativos digitais recebem informações de todos os lados, sem necessariamente discernir qual é a sua relevância.

A figura central para fazer essa mediação é o educador, que deve proporcionar um ambiente adequado, utilizando meios que aproximem os alunos do novo mundo digital e reconstruam métodos, conforme necessário, para capacitá-los nesta nova era. Os professores, frequentemente chamados de migrantes digitais, têm a oportunidade de engajar no convencimento e no despertar para novos campos de conhecimento, facilitando o processo de ensino-aprendizagem.

Considerando que os elementos digitais estão intimamente ligados às vivências dos educandos na atualidade, em comparação com épocas anteriores, os jovens desta geração recebem informações cotidianas de forma instantânea e interagem com diversas mídias simultaneamente, devido à convivência diária com computadores, redes sociais, áudios e vídeos, praticamente desde o nascimento. Estamos imersos em todas essas mudanças e envolvidos por elas de várias maneiras.

Partindo dessa premissa, diante do desafio de ensinar Filosofia para a nova geração, com base na proposta teórico-metodológica de Prensky (2010) e na semiótica da Escola de Paris, conforme os autores Fontanille e Zilberberg (2001), é essencial atrair os jovens imersos nessa cultura digital, oferecendo o suporte dos professores para mediar o processo de aprendizagem. Em vez de proibir mecanicamente o uso de celulares em sala de aula, podemos explorar experiências que envolvam os educandos e promovam sua autonomia. Devemos questionar o uso excessivo dos aparelhos e as atitudes baseadas no senso comum, direcionando seu uso para incentivar práticas investigativas e provocativas que estimulem a reflexão filosófica e a formação de uma visão crítica de mundo para todos os alunos.

[...] os nativos digitais são aqueles que cresceram inseridos e cercados pelas TICs, em especial as digitais. Desse modo, a tecnologia analógica típica do século XX, como câmeras de vídeo, telefones com fio, informação não conectada (livro, por exemplo), disquete, dentre outras, é ultrapassada na percepção dos nativos digitais, que, desde a mais tenra idade, têm acesso às tecnologias digitais, como smartphone, pen drive, televisão digital, internet sem fio, dentre outros aparatos. Já os imigrantes digitais possuem um acesso tardio às tecnologias digitais e, por isso, precisam, na maioria das vezes, passar por um processo de adaptação, que, por sua vez, pode ser maior ou menor conforme o interesse e a disponibilidade em aprender (Coelho; Costa; Mattar Neto, 2018, p. 1081-1082).

Segundo Prensky (2001), essa geração não se adapta bem aos métodos tradicionais de ensino. Os nativos digitais não têm familiaridade nem interesse por esses métodos, tornando essencial o uso de metodologias ativas que os engajem mais profundamente. Nesse contexto, a adaptação para uma nova forma de educação que valorize o empoderamento dos nativos digitais se torna imperativa. Os nativos processam informações continuamente e sua linguagem digital está sempre presente.

Considerando essa realidade, por que não aproveitar o celular em sala de aula como uma ferramenta para efetivar os conceitos estudados? Prensky (2001) defende que o celular pode ser uma ferramenta poderosa para que os estudantes levem e apliquem os conceitos com autonomia e significado. O autor destaca ainda que as atividades devem ser planejadas com base em projetos e jogos digitais, como estratégia para enfrentar os desafios de estimular o potencial dos jovens do século XXI. Muitos jovens não se preocupam com o aprender. Diante da geração imediatista, é essencial despertar suas forças e vitalidades para promover o desenvolvimento e a construção do sujeito social. O processo de investigação colabora significativamente para o entendimento e a emancipação dos jovens.

Nessa perspectiva, os dispositivos móveis devem integrar o cenário educativo para aproximar, cada vez mais, as gerações atuais de uma aprendizagem ativa e autônoma, contribuindo para sua formação e a consolidação de sua identidade. Essa abordagem torna o aprendizado mais envolvente e menos frustrante, incentivando o despertar de suas potencialidades, desenvolvendo novas práticas educativas pertencentes à cultura dos estudantes e estimulando a valorização do pensamento. Segundo Prensky (2001), trata-se de uma nova forma de educação baseada no empoderamento.

Partindo do sujeito inserido no mundo real, é necessário que ele questione problemas e aprenda o que precisa ao longo do processo. O objetivo é colocar a juventude de hoje em evidência, valorizando seus potenciais e sua luta por resistências. Ao contrário do passado, em que a população não podia nem detinha o poder de explorar, o objetivo atual para essa geração é que não apenas aprendam, mas também realizem no mundo real.

Seguindo essa linha de pensamento, Prensky (*op. cit.*) aponta que os sistemas nervosos da geração dos nativos digitais estão alinhados às demandas do universo digital. Em minha pesquisa e experiência, percebo que os alunos demonstram

dinamismo, curiosidade e criticidade, com um olhar que ultrapassa suas culturas locais, sendo esses aspectos primordiais para sua emancipação.

Os trabalhos realizados demonstraram a importância da inclusão digital na transformação do processo de inclusão social, aproximando ativamente o envolvimento dos estudantes. Cabe ressaltar inúmeras pesquisas sobre os impactos positivos da tecnologia e suas contradições, em consonância com as considerações de Freire (2000), ao discutir práticas pedagógicas e suas limitações, destacando o processo de engessamento e o papel da tecnologia no aprender e ensinar.

Considero, como parte do desenvolvimento de minha dissertação, que há uma emergência no entendimento da necessidade de aproximar os jovens dos problemas atuais, para que compreendam sua condição e fortaleçam a construção de sua autonomia. Diante dessa situação, percebo que muitos alunos não mantêm o foco necessário em conteúdos inertes, devido à rígida separação entre o que vivenciam na escola e a vida real.

É necessário ressignificar essa geração e criar, no ambiente escolar, condições para que o ensino da Filosofia se torne relevante para sua sobrevivência. É de grande importância abordar a discussão de textos clássicos da História da Filosofia e a experiência com o pensamento crítico. Esse processo não deve ser encarado como algo engessado, mas sim acompanhar os processos de transformação. O professor que explora as mídias possibilita aos alunos a interação entre os fundamentos teóricos e suas próprias experiências.

É crucial investir no papel do professor como mediador do conhecimento, facilitando a apropriação dos saberes pelos nativos digitais, que precisam reconhecer seu papel no contexto educacional atual. Nessa direção, a implementação da metodologia da sala de aula invertida surge como uma alternativa, conforme a percepção de Bergmann e Sams (2016), ao modelo tradicional de ensino, uma vez que esse não atende adequadamente aos diferentes estilos de aprendizagem dos alunos. Nesse método, materiais como vídeos, áudios, textos e outras mídias são disponibilizados previamente, promovendo o envolvimento dos alunos antes das aulas presenciais (*op. cit.*). As aulas tornam-se dinâmicas e interativas, permitindo que os jovens associem os saberes ao seu contexto local.

Dessa forma, há maior participação dos jovens, que demonstram ativamente seus interesses, enquanto o professor aplica a sequência didática com base em

problemas locais. Por conseguinte, a partir dos estudos de Bergmann e Sams (2016), é possível inferir que esse método permite que cada aluno estude nos locais e horários que lhe forem mais convenientes. O conteúdo, conectado fora da escola, pode ser dialogado e discutido em sala, possibilitando que o aluno assuma um papel ativo e o professor atue como mediador.

Além do estudo prévio em casa, outra parte desse procedimento consiste nos momentos presenciais, que ocorrem no horário convencional da aula na escola. Esses momentos são destinados a atividades que exigem reflexão. Nas atividades presenciais, o estudante assume o papel de protagonista em sala de aula, o que é possível devido ao contato prévio com o conteúdo, abrindo espaço para que a aula se torne um locus de aprendizagem ativa, com o auxílio e a supervisão do professor. Esse método de aprendizagem ativa promove o envolvimento dos alunos e os torna sujeitos autônomos na construção da cidadania.

Os métodos interativos têm o potencial de despertar interesse, uma vez que os estudantes se envolvem na teoria e acrescentam elementos novos que ainda não foram abordados nas aulas ou na perspectiva do professor. Ao considerar e valorizar as contribuições dos estudantes, provoca-se maior engajamento, percepção de competência e pertencimento, além de persistência nos estudos. Ao longo da trajetória do ensino de Filosofia na Educação Básica, os professores enfrentam desafios em relação à relevância de seu ensino e à sua aplicação.

Cabe destacar que a obrigatoriedade da Filosofia no currículo é recente e, em muitos momentos, percebemos tentativas de suprimi-la. Essa situação gera incertezas tanto para o professor, que busca fazer a diferença, quanto para a instituição, que frequentemente o limita. Essa vertente de contradições requer que o professor desvende as amarras de um sistema que, em muitas realidades escolares, é incerto, pessimista e carece do suporte necessário.

Conforme Cerletti (2009), a questão é resolvida por meio da proposição de perspectivas de análise que buscam desnaturalizar o que parece óbvio, permitindo a construção de visões questionadoras da realidade. O autor salienta que esse movimento nunca deve ser diferente, uma vez que cada aula é única, assim como as reflexões que ela proporciona. No entanto, o docente de Filosofia não pode se abater diante das dificuldades, pois é um dos indivíduos capazes de auxiliar os estudantes a se desenvolverem intelectualmente, sendo responsáveis pelo seu próprio destino.

Ninguém é detentor da verdade, sendo necessário investigar as mais diversas possibilidades existentes.

Dessa forma, o professor é quem acompanha os alunos, incentivando-os a alcançarem mais, equilibrando as diferenças de inteligência. Cerletti (2009) chama atenção para os trabalhos de Sócrates, que nos ensinou sobre a relação entre o saber e o ensinar. Seus estudantes adquiriram não apenas habilidades específicas, mas uma conexão direta com o conhecimento. Guido, Gallo e Kohan (2013) realizaram uma extensa pesquisa para desenvolver um material didático para o curso de Filosofia no ensino médio da Universidade de Brasília (UnB). Eles concluíram que a Filosofia é ensinada de três maneiras principais: (1) histórica, (2) temática e (3) problemática. A abordagem histórica da Filosofia tem sido amplamente empregada nas academias e, conseqüentemente, adotada na educação básica há mais tempo.

Por essa perspectiva, os saberes são organizados e apresentados aos estudantes, em sua maioria, por meio de textos originais de seus autores. A abordagem filosófica se limita ao texto clássico e exclui uma série de critérios que poderiam enriquecer a avaliação da obra. O estudante é desafiado a compreender o sistema filosófico para obter sua verdade formal, por uma perspectiva conteudista. A abordagem histórica é fundamentada no rigor metodológico e foi utilizada por religiosos por muito tempo, chegando a uma antropologia filosófica. Com o aprimoramento das técnicas em sala de aula, o estudante recupera seu papel e engajamento em suas atividades. Os estudos realizados durante essa pesquisa comprovam a eficácia de alunos engajados e socializados na construção do conhecimento.

É importante salientar que um conceito nunca é dado, mas criado. Na aula de Filosofia, concebem-se conceitos como se fossem filhos, de onde vem a ideia de concepção. Gallo (2013) destaca que é crucial considerar as aulas de Filosofia como uma atividade, remetendo-nos a uma dimensão em que o processo não se separa do produto; um só pode ser compreendido com e pelo outro (Gallo, 2013). Adotar metodologias ativas é uma forma, de acordo com Cerletti (2009), de ensinar de maneira prática, com uma ampla gama de condicionamentos e influências. Ir além de meros conceitos é construir conceitos e tomar consciência dos indivíduos. Para tanto, o material didático é um recurso indispensável nesse processo.

Nesse contexto, de acordo com Freire (2003), a educação é um processo que

acontece por meio de palavras, ações e reflexões na interação entre diferentes sujeitos históricos, sem que haja alguém como detentor do saber. É por meio da troca de conhecimentos, informações e experiências, sem uma hierarquização do saber, que o ensinar e o aprender acontecem. O estudante, no método ativo, exerce a centralidade das ações educativas e a aprendizagem é construída de forma colaborativa. A educação tem a necessidade de organizar métodos para a interação dos alunos, para que eles sejam atuantes diante das questões-problema.

As crianças precisam crescer no exercício do pensamento, indagando-se, experimentando hipóteses de ação, programando e não apenas seguindo programas impostos a elas. As crianças precisam ter assegurado o direito de aprender a decidir, o que se faz decidindo (Freire, 2000). Diante das pesquisas realizadas e das práticas desenvolvidas em sala, é necessário um novo formato: um formato de aula que permita, por meio do jogo, a busca de soluções, o levantamento de perguntas e o diálogo constante em equipe. Esse formato se contrapõe, na prática pedagógica, às aulas meramente memorizadoras, pois “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou construção” (Freire, 2003, p. 47).

As metodologias ativas, ao partirem daquilo que o aluno já sabe e dos critérios exigidos pelo currículo, desafiam o estudante a formular novos saberes e o professor a se manter atualizado com atividades diversificadas. O intuito dessas metodologias, além de incrementar ou modificar a lógica da aula, é provocar descobertas, desafiar, construir perguntas e respostas pautadas na autonomia dos estudantes.

Esse método evidencia que o educador deve ser um inventor constante de meios e caminhos que instiguem a problematização do objeto a ser desvelado e, finalmente, apreendido pelos educandos. Sua tarefa não é servir-se desses meios e caminhos para desnudar, ele mesmo, o objeto e, depois, entregá-lo, paternalisticamente, aos educandos, a quem se nega o esforço da busca, indispensável ao ato de conhecer (Freire, 1980).

No ambiente da sala de aula, ao fazer uso de tal método, o professor permite ressignificar suas aulas, mantendo-as sempre vivas e criativas. Para isso, as práticas desenvolvidas devem possibilitar um espaço que permita aos estudantes promoverem sua criatividade e autonomia. É na sala de aula que esses alunos criam oportunidades e possibilidades para o processo de ensino-aprendizagem. Partindo daí, o educador deve estar preparado para provocar o sujeito ativo, despertando-lhe a criticidade e a

curiosidade.

Sendo assim, as metodologias diversificadas promovem uma mudança de paradigma, muito necessária na realidade atual. As mudanças são significativas para a substituição de técnicas conteudistas e para o despertar de um novo conceito educacional. O viés da mudança deve ser pautado na busca da autonomia na educação e na adequação de estratégias que estimulem o protagonismo.

De acordo com Freire (2005), o poder da autonomia consiste no fato de o professor proporcionar ao aluno a estratégia da ação-reflexão-ação, despertando a curiosidade. Nessa linha, o professor atua como problematizador e questionador, aniquilando qualquer tipo de resposta imediata sem o exercício da reflexão. Como ponto de partida para essa questão, a necessidade da escuta e o diálogo como fonte principal fazem parte do processo da argumentação.

Dessa forma, sabe-se que é necessária a autorreflexão das condutas adotadas em sala de aula. Hoje, muitas dessas práticas adotadas deixam os alunos desmotivados, pois compreendem uma visão tecnicista. Diante dessa situação problematizadora, Freire (1987) afirma que mudanças significativas são necessárias para o processo emancipatório dos educandos. Em suas palavras:

A violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealisticamente opressores, nem se tornam de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão do seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos (Freire, 1987, p. 20).

Então, para o educador, a verdadeira libertação ocorre quando os oprimidos lutam para recuperar sua humanidade e, ao fazer isso, também ajudam a humanizar os opressores. A força para essa libertação não vem do poder dos opressores, mas da determinação e da resistência dos oprimidos. O professor deve criar um ambiente de aprendizagem que estimule a participação ativa, o respeito mútuo e a construção coletiva do conhecimento, sempre com o objetivo de empoderar os estudantes para

que se tornem autônomos e críticos em suas próprias vidas e em suas comunidades. Para Freire,

O “homem novo”, em tal caso, para os oprimidos, não é o homem a nascer da superação da contradição, com a transformação da velha situação concreta opressora, que cede seu lugar a uma nova, de libertação. Para eles, o novo homem são eles mesmos, tornando-se opressores de outros. A sua visão do homem novo é uma visão individualista. A sua aderência ao opressor não lhes possibilita a consciência de si como pessoa, nem a consciência de classe oprimida. Dessa forma, por exemplo, querem a reforma agrária não para libertar-se, mas para passar a ter terra e, com esta, tornar-se proprietários ou, mais precisamente, patrões de novos empregados (Freire, 1957, p. 21).

Desse modo, o professor reformula os métodos que deseja empregar e oportuniza espaços de diálogo que instiguem os alunos a questões-problema, com a finalidade de desenvolver a autonomia no processo de aprendizagem. Essa é a questão que promove a ação e o papel do educador, ao oportunizar e criar condições que respeitem as individualidades dos estudantes, promovendo experiências que vão além do espaço escolar.

Como fator de reformulação, busca-se que os estudantes tenham participação ativa e voz para questionar propostas relevantes e pertinentes ao seu contexto. Cabe ao educador, nessa missão, transformar o espaço escolar em um ambiente voltado para a solução de problemas.

4 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLOGIAS APLICADAS COM DISPOSITIVO MÓVEL

O pensamento do filósofo Silvio Gallo vitaliza o campo da Filosofia e da Educação. A filosofia, sem dúvida, é um presente vivo que persiste no tempo. Ela propicia refletir sobre os problemas e busca criar conceitos para o combate às imposições do nosso tempo. Isso influenciou, em minha trajetória e experiência em sala de aula, a construção de uma didática filosófica para o ensino de Filosofia. Como ponto de partida, destaca-se o trabalho com a fundamentação teórica, enfatizando a atuação do aluno como sujeito ativo na aprendizagem.

A realização desta pesquisa promove o diálogo, a experimentação e a investigação, criando condições para o desenvolvimento de uma metodologia de ensino de Filosofia no ensino médio. A proposta é atual e essencial para o processo investigativo e para as possíveis metodologias que possibilitam o encontro com o trabalho filosófico. Muitas são as questões ligadas a esse “novelo” sistemático que emergem das atividades concretas do dia a dia e impulsionam novos saltos teóricos, que, por sua vez, inspiram novas ações.

Tendo em vista Silvio Gallo (2012), que fundamenta uma pedagogia do conceito, a aula é planejada em quatro grandes momentos de experiência, propondo aos estudantes uma relação com o concreto: sensibilização, problematização, investigação e conceituação. Esse caminho é investigado, descoberto e redescoberto, com etapas entrelaçadas que convidam ao envolvimento diário a partir de um conceito. Podemos considerar a alma e o sentido da filosofia como uma oficina de conceitos.

A metodologia adotada, por meio do diálogo e das discussões, faz com que os encontros em sala de aula se tornem problemáticos no sentido filosófico, promovendo reflexões. Nesses encontros, os jovens têm contato com o pensamento crítico, vivenciando o processo de investigação filosófica. Assim, a aula de Filosofia, na perspectiva do filósofo, será um espaço de reflexão sobre a realidade, a partir do conceito. Esse pensamento permeia a prática do ensino filosófico, que se apoia na tradição dos escritos e da história, mas não se limita a essa perspectiva, pois é o pensamento conceitual que permite o exercício do filosofar e a conexão com todos esses aspectos inerentes à disciplina.

O trabalho se baseia em bibliografias referentes aos debates em sala de aula, considerando, entre elas, as contribuições de Gallo (2012) e as leituras de Deleuze e Guattari (1990), além de diversos outros autores. O processo de investigação se alinha aos problemas discutidos entre teoria e prática, evidenciando como esses conceitos prescindem de um caráter interdisciplinar e transversal na busca constante por saberes.

A investigação adotada percorre recursos tecnológicos que enriquecem a compreensão filosófica e educacional, promovendo, entre os estudantes, de maneira colaborativa, um ambiente de aprendizado dinâmico e interativo. No decorrer da pesquisa, desenvolvemos uma atitude filosófica, de forma que os estudantes da 2.^a série do ensino médio pudessem compreender que a disciplina vai além do espaço escolar, promovendo, no ambiente da escola, a filosofia como criação de conceitos e aprendizado para a vida.

Diante de conceitos que nunca são dados, mas sempre criados, somos conduzidos a uma aventura cujo início conhecemos, mas cujo desfecho é incerto. Gallo (2012) argumenta que a filosofia é uma didática geral, uma "arte de ensinar tudo e a todos", indo muito além de qualquer método que signifique controle. Trata-se, portanto, de atentar-se para a busca de um método que, em última instância, permita aos estudantes o exercício do filosofar em sala de aula.

A realização deste trabalho justifica-se pela abertura de espaço para a reflexão sobre as condições e formas específicas de desenvolvimento de uma metodologia de ensino de filosofia no ensino médio, salvaguardando as características que lhe são inerentes: a criatividade, a criticidade, a autonomia, a fundamentação teórica do pensamento e a formação de conceitos.

O processo de investigação das possibilidades daí advindas, tendo em vista o desenvolvimento, permite-nos encontrar propostas concretas para o trabalho da disciplina em sala de aula. Muitas questões discutidas estão ligadas ao cotidiano, impulsionando-nos a novas reflexões e práticas.

Partindo de um estudo de natureza teórico-conceitual, buscamos abordar os principais fundamentos teóricos-filosóficos essenciais para o trabalho educativo e escolar. As metodologias inovadoras de ensino impactam significativamente a vida dos estudantes, impulsionando a necessidade de prepará-los para as diversas oportunidades da vida. A experiência aplicada transforma hábitos e contribui para o

empoderamento do sujeito ativo.

O que dificulta o ensino é a presença predominante de métodos tradicionais, que geram uma carência de estímulos voltados para o desenvolvimento da criticidade e da criatividade. Torna-se, portanto, necessário transformar a prática educativa, incorporando elementos essenciais para o desenvolvimento do espírito crítico e reflexivo, especialmente no ensino de Filosofia. Essa disciplina destaca-se como uma prática formativa capaz de promover e despertar uma sociedade mais humanizadora e transformadora no contexto social.

Posto isso, apresentaremos os fundamentos teóricos, com destaque para pontos de relevância no campo educacional, com o objetivo de promover a compreensão e o questionamento em nosso contexto. Esses fundamentos sustentam uma educação transformadora, revisitando as ideias de pensadores brasileiros no que se refere à Filosofia e à Educação. Na perspectiva de Adorno,

[...] não se refere apenas ao indivíduo como entidade isolada, mas fundamentalmente como um ser social. Ela é pressuposto da democracia e se funda na formação da vontade particular de cada um, tal como ocorre nas instituições representativas. É preciso supor, para evitar um resultado irracional, que cada um possa se servir de seu próprio entendimento. A emancipação é a formação para a autonomia, mas ela só pode ser bem sucedida se for um processo coletivo, já que na nossa sociedade a mudança individual não provoca necessariamente a mudança social, mas esta é condição daquela. A educação deve contribuir, portanto, para o processo de formação e emancipação, colaborando para criar condições em que os indivíduos, socialmente, conquistem a autonomia (Simões, 2010, p. 207-208).

As mudanças são primordiais para a garantia e a consolidação de uma sociedade democrática. Nesse sentido,

Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar as pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; sua ideia [de H. Becker], se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado (Adorno, 1995, p. 141-142).

A Filosofia e o seu ensino têm como ponto de partida a educação libertadora na promoção do empoderamento dos jovens, estabelecendo conexões para a tomada de consciência. Para renovar os procedimentos analítico-expositivos, propõe-se, então, a integração de metodologias ativas para despertar o interesse das novas gerações. Cabe aqui destacar que o papel do ensino de Filosofia é o da promoção de experiências intelectuais significativas para o desenvolvimento integral do sujeito. Como parte do trabalho do professor:

É fundamental que os estudantes sejam expostos a um ambiente que promova a motivação, o engajamento e o crescimento acadêmico e pessoal. Um ambiente de aprendizagem positivo é aquele que valoriza e respeita cada aluno como indivíduo único, reconhecendo suas diferenças e necessidades. Quando os alunos se sentem valorizados e ouvidos, eles se tornam mais propensos a se envolver ativamente nas atividades de aprendizagem, compartilhar suas perspectivas e se conectar com os outros (Costa Júnior *et al.*, 2023, p. 324).

De acordo com Costa Júnior *et al.* (2023), o ambiente é benéfico e contribui para o indivíduo quando ele se sente incluído no grupo. A base da Filosofia e da Educação está na orientação para a prática que orienta o processo de aprendizagem. Nesse sentido, há que se indagar em que se baseia a Filosofia da Educação. Para Sobrinho (2015),

Sua resposta pode sofrer variações dependendo do que se conhece acerca de filosofia. A filosofia, do ponto analítico, é o estudo crítico e exploração dos conceitos e princípios das tradições religiosas, das certezas e argumentações, dos princípios e angústias da humanidade. É a reflexão sobre a reflexão, ou seja, é uma atividade reflexiva de segunda ordem, pois se sustenta sobre outras atividades reflexivas, outras maneiras de pensar; atividade baseada na análise crítica de seus próprios conceitos e pressuposições, a fim de entender suas maneiras de discussão e dedução, dentro de cada área da ciência intelectual (Sobrinho, 2015, p. 3).

A fundamentação teórica é essencial para a organização dos objetivos específicos a serem alcançados no processo educacional. Sendo assim, buscamos enfatizar a importância dessas teorias e suas relações na formação dos sujeitos. As argumentações apresentadas pelos autores promovem um olhar enriquecedor sobre os fundamentos indispensáveis para o processo educacional, especialmente no que tange ao desenvolvimento do ensino de Filosofia.

Esses fundamentos e as suas técnicas foram elaborados com o objetivo de proporcionar aos jovens uma educação comprometida com a construção de uma sociedade justa e igualitária. Nessa linha de pensamento, para refletirmos sobre as mudanças e técnicas apresentadas nas escolas, torna-se relevante um currículo diversificado, que apresente aos educadores

[...] o desafio de desenvolver estratégias e materiais didáticos capazes de utilizar os conhecimentos de diversas culturas como uma forma de: introduzir ou exemplificar conceitos relacionados a uma determinada disciplina; auxiliar os alunos na compreensão e análise de como as teorias de sua área de estudo influenciam na construção do conhecimento; facilitar a aprendizagem dos alunos provenientes de diferentes meios sociais; promover a autoestima de grupos minoritários ou excluídos; promover o respeito à diversidade, à pluralidade, incentivando a prática democrática e destacando ações e discursos que busquem questionar e desfazer manifestações racistas, discriminatórias, opressivas e autoritárias presentes em nossas práticas sociais do dia a dia (Candau; Moreira, 2003, p. 125).

Diante da geração de jovens ociosos, com sobrecarga de informações sem a devida mediação e reflexão, há a necessidade de utilizar dispositivos tecnológicos para desenvolver conceitos e promover novas formas de agir e pensar. Com esse uso, há a possibilidade de empregar, por meio de dispositivos, estratégias inovadoras para o processo de ensino-aprendizagem. Para Deleuze (1990, p. 155-161), dispositivo

[...] é uma espécie de novelo ou meada, um conjunto multilinear. É composto por linhas de natureza diferente e essas linhas do dispositivo não abarcam nem delimitam sistemas homogêneos por sua própria conta (o objeto, o sujeito, a linguagem), mas seguem direções diferentes, formam processos sempre em desequilíbrio, e essas linhas tanto se aproximam como se afastam uma das outras.

O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, ligado a uma ou a uma série de configurações de saber que surgem dele e que, igualmente, o condicionam. O dispositivo promove estratégias de relações de força, sustentando tipos de saber e sendo sustentado por eles (Foucault, 1979, p. 12).

Partindo da análise das relações de poder e das estratégias envolvidas, podemos refletir sobre as possibilidades e dinâmicas desse jogo de poder. Por conseguinte, as práticas devem chamar a atenção dos jovens do século XXI, apropriando-se de mecanismos que, se não forem direcionados corretamente, não

possuem viés educativo. A escola pode modificar essa relação de poder, transformando os jovens em protagonistas de suas relações, com consciência de sua autonomia. O poder da escola pode ser reconstruído de tal forma que os alunos compreendam o espaço escolar como aberto e libertário, e não como um ambiente fechado e disciplinador. Para isso, a escola precisa adotar um olhar direcionado ao sujeito construído pela sociedade, analisando todas as questões relevantes para a vida.

Seguindo essa relação de controle, as plataformas digitais evidenciam o poder presente em todos os âmbitos, referindo-se ao aparelho do Estado. Na visão de Foucault (1979), o poder está em toda parte, perpassando pelas formas de disciplina e reprimindo a subjetivação. Nessa perspectiva, o sistema das plataformas digitais configura-se como uma microfísica do poder, atuando como uma força presente nos tempos atuais e impactando diretamente as escolas, contribuindo para a perda da autenticidade dos indivíduos. Trata-se, de certa forma, de uma microfísica do poder exercida por meio de aparelhos e instituições, cujo campo de atuação se estende entre os grandes mecanismos institucionais e os próprios corpos, com sua materialidade e suas forças.

Assim, os aparelhos do Estado estabelecem metas baseadas no tempo dedicado às atividades registradas em indicadores educacionais, o que gera perdas e incertezas no campo da educação. O estudo dessa microfísica do poder pressupõe que o poder exercido não seja uma propriedade fixa, mas uma estratégia, cujos efeitos de dominação se manifestam em diversas relações sociais.

[...] esse poder se exerce mais que se possui, que não é o “privilégio” adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito de conjunto de suas posições estratégicas — efeito manifestado e às vezes reconduzido pela posição dos que são dominados. Esse poder, por outro lado, não se aplica pura e simplesmente como uma obrigação ou uma proibição aos que “não têm”; ele os investe, passa por eles e através deles; apoia-se neles, do mesmo modo que eles, em sua luta contra esse poder, apoiam-se por sua vez nos pontos em que ele os alcança (Foucault, 1999, p. 30).

O modelo educacional baseado em sistemas de plataformas, ao exercer controle sobre docentes e alunos, pode gerar traumas e conflitos psicológicos, configurando-se como uma forma de violência simbólica e repressiva. Nesse contexto,

o poder se sustenta por meio de práticas cotidianas que reforçam relações de dominação. No entanto, o papel do professor é determinante para subverter essa lógica, atuando com base no cuidado com o outro e possibilitando a construção da subjetividade dos estudantes.

As ideias de Foucault (1999) propõem um olhar diferenciado sobre a escola, entendendo-a não apenas como um espaço de reprodução de normas, mas também como um ambiente em que o sujeito pode exercer o poder de forma crítica, questionando e transformando atitudes naturalizadas pela sociedade. A escola deve assumir o papel de libertar os sujeitos em diferentes dimensões da vida, contribuindo para sua autoformação por meio da relação professor-aluno, na qual o educador busca estratégias que aproximem o estudante de sua própria realidade social.

De acordo com diversos estudos, a aplicação de práticas pedagógicas críticas cria condições para que os alunos se tornem sujeitos ativos e protagonistas de seu próprio processo de aprendizagem. Entre as questões que envolvem o poder e sua relação com o sujeito, cabe ao professor apropriar-se do poder como uma ação que favoreça o desenvolvimento da autonomia dos estudantes. O poder, nesse sentido, não é um instrumento de controle, mas uma força que pode ser utilizada para promover o conhecimento e a emancipação.

Para que tais mudanças ocorram, é necessário romper com tradições pedagógicas autoritárias, que limitam o potencial crítico dos estudantes ao atender apenas aos interesses de uma lógica dominante. É fundamental abandonar a crença de que o poder é, por si só, opressor e reconhecer que ele também produz saberes. O poder, segundo Foucault, não é uma entidade fixa ou exclusivamente repressiva, mas um conjunto de relações que atravessam o cotidiano e influenciam a produção do conhecimento.

A relação entre poder e saber é inseparável: o poder não apenas impõe, mas também cria e transforma. O sujeito do conhecimento não é passivo; ele participa ativamente da construção do saber e da transformação histórica, pois o ato de conhecer está intrinsecamente ligado à capacidade de refletir e agir sobre o mundo. Para o filósofo:

[...] analisar o investimento político do corpo e a microfísica do poder supõe então que se renuncie — no que se refere ao poder — à oposição violência-ideologia, à metáfora da propriedade, ao modelo

do contrato ou ao da conquista; no que se refere ao saber, que se renuncie à oposição do que é “interessado” e do que é “desinteressado”, ao modelo do conhecimento e ao primado do sujeito (Foucault, 1999, p. 340).

Partimos, então, para a luta diária contra a opressão vinculada ao poder vigente que se perpetua em nossas realidades, mantendo os interesses dos beneficiados e negligenciando os direitos dos que lutam por justiça, resistindo com suas forças.

Nesse cenário de luta e resistência, diversas situações podem ocorrer, construídas a partir da subjetividade, da personalidade, da consciência, entre outros fatores. A proposta de Foucault convida o ser humano a se libertar dos efeitos da sujeição, promovendo a autonomia do sujeito.

Em sala de aula, não podemos nos omitir do papel de reinventar práticas pedagógicas que coloquem o sujeito em posição de tomada de decisão, sendo portavoz de sua própria autonomia. Nesse sentido, o método de Freire busca habilitar o aluno a interpretar o mundo, a compreender a realidade que habita e, assim, a reescrever essa realidade em direção à transformação.

Partimos, então, para a luta diária pela resistência, em oposição à opressão vinculada ao poder vigente que se perpetua em nossas realidades, mantendo os interesses dos beneficiados e negligenciando os direitos dos que lutam por justiça, resistindo com suas forças.

Nesse cenário de luta e resistência, diversas situações podem ocorrer, construídas a partir da subjetividade, da personalidade, da consciência, entre outros fatores. Técnicas e discursos científicos são utilizados na valorização das reivindicações morais do humanismo. A proposta de Foucault convida o ser humano a se libertar dos efeitos da sujeição, promovendo a autonomia do sujeito.

Em sala de aula, não podemos nos omitir do papel de reinventar práticas pedagógicas que coloquem o sujeito em posição de tomada de decisão, sendo portavoz de sua própria autonomia. Nesse sentido, o método de Freire busca habilitar o aluno a interpretar o mundo, a compreender a realidade que habita e, assim, a reescrever essa realidade em direção à transformação.

Essa perspectiva promove a necessidade de conectar o aluno às experiências do cotidiano, incentivando a tomada de decisões sobre questões sociais e a prática da liberdade. Diante dessa concepção, podemos considerar que a utilização de

metodologias que promovam a formação de docentes e estudantes é fundamental para o desenvolvimento da criticidade e para a construção de saberes que valorizem a autonomia.

Alinhado a isso, de acordo com as ideias de Freire (1996), a educação participativa e problematizadora visa à transformação dos contextos sociais. Esse método construtivista coloca o aluno no centro do processo, desmontando o cenário em que ele não participa ativamente. O método freiriano estimula o estudante a conquistar sua autonomia e independência, promovendo a tomada de decisões e a resolução de problemas. Esses saberes ultrapassam o espaço escolar, conectando-se com a cultura, o conhecimento e a sociedade. Professor e aluno são sujeitos na construção do conhecimento, e entre eles não existe uma relação hierárquica rígida, pois todos aprendem em um processo dialógico. Nas palavras de Dourado (2024, p. 22):

[...] cabe ao professor entender que ensinar não é somente um repasse de conhecimentos pré-estabelecidos convencionalmente, e sim assumir uma postura de mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento de forma dialógica. Portanto, compete ao professor [...] desenvolver em seus educandos a autonomia de ser e de saber, respeitando-o como sujeito social e histórico, colaborando com compreensão e mudanças do mundo social, nos processos inclusivos.

Freire vê a educação como um instrumento que permite a valorização cultural do aluno para a sua emancipação. O pensamento sobre o desenvolvimento da criticidade e a prática educativa promove o aperfeiçoamento do educador, contribuindo para a compreensão da educação especial e da inclusão escolar, consolidando-se, por meio de práticas metodológicas e didáticas, no processo de ensino-aprendizagem.

Torna-se necessário que o docente, em seu desenvolvimento crítico, assuma a função de mediador do processo de ensino-aprendizagem, promovendo a ação, a interação e a construção efetiva do conhecimento nas práticas pedagógicas. A formação contínua dos profissionais da educação é fundamental como suporte para a reflexão crítica sobre sua prática.

A partir da leitura e da interpretação de Freire (1996) e de Ausubel, Novak e Hanesian (1978), é possível questionar o modelo de escola que a Seduc-SP tem buscado implementar, oferecendo maneiras de promover uma aprendizagem ativa e

significativa, focando o aprendizado em si e não no cumprimento de metas definidas sazonalmente.

O ambiente em sala de aula deve apropriar-se dos dispositivos digitais de maneira acolhedora e autônoma, em contraste com o sistema controlador presente no modelo educacional atual. Nas palavras de Moreira (2010, p. 22),

Em um episódio de ensino e aprendizagem, a professora ou professor apresenta aos alunos os significados que são aceitos no contexto da matéria de ensino e que ela ou ele já domina. Apresentar aqui não significa aula expositiva, nem passividade de parte dos alunos, os quais devem “devolver” ao docente os significados que estão captando. Se estes significados não forem aqueles contextualmente aceitos na matéria de ensino, cabe ao professor ou professora apresentá-los novamente, provavelmente de outra maneira, aos alunos. Estes devem outra vez “devolvê-los” ao docente. Quer dizer, a captação de significados implica diálogo, negociação de significados.

Esse processo pode variar em prazo, dependendo da aceitação dos significados, o que demonstra que somente há ensino quando ocorre a aprendizagem. A linguagem, nesse contexto, é essencial para o desenvolvimento da aprendizagem significativa. As palavras são signos fundamentais para o ensino de conhecimentos em situações formais, sendo este um aspecto subjacente à teoria da aprendizagem significativa.

As estratégias e instrumentos didáticos são primordiais para a promoção da aprendizagem significativa. Ausubel defende o construtivismo, colocando o aluno no centro do processo de aprendizagem, que ocorre por meio da interação com novas informações. Desenvolver atividades colaborativas, presenciais ou virtuais, em pequenos grupos, tem grande potencial para facilitar esse tipo de aprendizagem, uma vez que os alunos interagem entre si, descobrem diversos significados e posicionam o professor como mediador do processo.

Ressaltamos que a utilização de metodologias é ampla e não se limita a um único formato; uma aula expositiva, por exemplo, também pode facilitar a aprendizagem significativa, desde que conduzida de forma a engajar e promover a reflexão dos estudantes.

O que é bem verdade é que o método tradicional normalmente coloca o professor como o centro da aprendizagem e não o aluno. Qualquer estratégia que produza reprodução, memorização ou cópia estimula uma aprendizagem mecânica,

não permitindo a autonomia dos estudantes. O que podemos considerar é que o método de ensino precisa ser transformado e, em pleno século XXI, com as mudanças de comportamentos nas redes sociais e na sala de aula, destaca-se o uso excessivo de celulares na era digital.

Diante da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (Brasil, 1996) da educação, propõe-se uma prática que se adeque ao mundo atual, integrando o conhecimento. O foco está na utilização efetiva das TICs e na inserção do cidadão consciente e responsável nesta sociedade tecnológica.

Em relação à sociedade tecnológica, Gómez (2015), professor da Universidade de Málaga, na Espanha, defende que o foco deve passar da transmissão para o desenvolvimento de competências, propondo uma inversão pedagógica, em que o aluno deve assistir a vídeos em casa, apropriando-se dos conceitos, e, na escola, é o momento de debater, resolver problemas e trabalhar com projetos. Crítico da maneira como os alunos acumulam e reproduzem informações, ele destaca a importância de o estudante saber processar, reconstruir e utilizar as informações de maneira crítica e autônoma.

Nessa linha, acredita-se que o currículo deve deixar de ser fragmentado em disciplinas para se centrar em problemas, não necessariamente limitando-se aos do cotidiano, mas promovendo uma abordagem mais ampla. O aluno precisa ir à escola para fazer, criar e interagir, e não apenas para escutar e repetir conteúdo. É essencial envolver os jovens da nova geração em debates sobre problemas, projetos e processos de recriação, o que exige uma metodologia didática adequada.

O professor deve ajustar suas práticas e promover condições que favoreçam o estudante como sujeito atuante no processo de aprendizagem. Gomez (2015) afirma que as tecnologias digitais dinamizam e transformam a aprendizagem social por meio do compartilhamento de conhecimentos. Elas não devem ser vistas apenas como um apoio ao ensino, mas como recursos que garantem uma aprendizagem criativa e crítica. Assim, os dispositivos digitais podem colaborar de forma significativa para uma educação libertadora.

[...] compreender a "linguagem da tela", das "tecnologias da interrupção" chega a ser tão necessário como a alfabetização relacionada com a leitura e a escrita verbais. Consequentemente, preparar os cidadãos não só para ler e escrever nas plataformas multimídias, mas para que se envolvam com esse mundo, compreendendo a natureza intrincada, conectada, da vida contemporânea, torna-se um imperativo ético e também uma necessidade técnica (Gómez, 2015, p. 21).

A mediação do educador no uso das tecnologias digitais é fundamental, exigindo um olhar atento e cuidadoso para essa era hiperconectada. Sabemos que muitas crianças têm acesso ilimitado a informações fragmentadas, o que dispersa sua atenção e satura sua memória. Isso as leva a se ocuparem com "diferentes tarefas simultâneas", as chamadas multitarefas, sem vivenciar plenamente experiências que exigem foco e atenção concentrada. É necessário, portanto, encontrar um equilíbrio entre a capacidade de experimentar e a de manter o foco.

O contexto educativo enfrenta o desafio de engajar-se na cultura digital e ressignificar modelos pedagógicos ainda pautados pelo controle do Estado, em vez de voltados para as demandas do mundo contemporâneo. O sistema educacional valoriza mais a troca de informações do que o valor intrínseco do conhecimento, distanciando-se, em muitos casos, das reais necessidades dos educandos.

Gómez (2015) propõe um "novo iluminismo" para a escola, destacando a necessidade de romper com o pensamento cartesiano fragmentador e avançar para uma base que integre corpo e mente, razão e emoção, reconhecendo a riqueza cultural da diversidade e compreendendo a aprendizagem como um processo contínuo de construção, desconstrução e reconstrução.

Ao longo do tempo, percebemos a necessidade de transformação em todas as dimensões da vida, o que inclui, mas não se limita, à escolaridade. No entanto, a escola tem se transformado de forma mais lenta, o que gera implicações para o futuro da educação. Para Morán (2014), a escola ainda é fortemente conteudista e transmissiva, com muitos educadores adotando práticas que evidenciam uma desconexão entre teoria e prática.

Morán (2014) aponta dois caminhos para o processo educacional: um mais suave, com mudanças graduais, e outro mais amplo, que propõe transformações profundas. O primeiro mantém o modelo disciplinar tradicional, mas busca maior

envolvimento do estudante por meio de metodologias ativas e uma abordagem mais interdisciplinar, como o ensino híbrido e a sala de aula invertida. O segundo propõe modelos inovadores, sem a rigidez das disciplinas, redesenhando projetos, espaços físicos e metodologias baseadas em atividades, desafios, problemas e jogos, nos quais cada aluno aprende em seu próprio ritmo, mediado pelo educador.

A educação formal ainda enfrenta um impasse diante das transformações dos últimos tempos, tornando-se relevante reorganizar o currículo e adotar metodologias que priorizem o protagonismo do estudante. A conexão entre professor e aluno deve ser fortalecida não apenas presencialmente, mas também no ambiente digital, considerando as individualidades de cada estudante.

Essas mudanças, tanto em sala de aula quanto em ambientes virtuais, são fundamentais para inserir a escola no mundo e trazer o mundo para dentro da escola. As metodologias devem ter foco e objetivos bem definidos. Em um cenário onde o conhecimento ainda é frequentemente transmitido de forma passiva, é necessário promover práticas que incentivem alunos proativos, engajados em atividades complexas que envolvam tomada de decisões e avaliação de resultados, com o apoio de materiais relevantes.

Para que isso ocorra, é preciso experimentar diferentes formas de ensino que cativem e estimulem o desenvolvimento do pensamento crítico. Não existe uma fórmula pronta, mas devemos buscar constantemente o aprimoramento para promover a autonomia e o interesse dos estudantes, trazendo para a sala de aula – e além dela – experiências significativas para suas vidas.

A problemática central reside em como trabalhar os conceitos filosóficos de forma a transmitir informações e, ao mesmo tempo, fomentar a competência argumentativa dos alunos diante das questões que enfrentam em suas vidas. As perguntas devem ser direcionadas para instigá-los a refletir sobre situações-problema, simulando desafios que os ajudem a desenvolver estratégias para superá-los.

Conduzir os alunos ao exercício da Filosofia é incentivá-los a transcender o óbvio, a perguntar e dialogar sobre a sociedade em que vivem e sobre como podem intervir nela. Esse processo envolve a apresentação de conceitos filosóficos relacionados ao contexto histórico dos pensadores, analisando como as mudanças ocorreram e influenciaram o presente.

Os desafios são constantes e, no cotidiano das aulas, as atividades precisam

ser bem dosadas, planejadas, acompanhadas e avaliadas com o apoio da tecnologia. O planejamento pedagógico requer pesquisa, análise, escolhas e redescobertas contínuas. A sala de aula é um espaço de experiências constantes, onde professores e alunos estão em constante (re)aprendizagem, formando um ambiente vivo, sustentado pela cooperação diária.

As metodologias adotadas para despertar o interesse dos estudantes constituem pontos de partida essenciais para o processo de integração e para a reelaboração de novas práticas pedagógicas.

Um dos modelos mais interessantes de ensinar hoje é o de concentrar no ambiente virtual o que é informação básica e deixar para a sala de aula as atividades mais criativas e supervisionadas. É o que se chama de aula invertida. A combinação de aprendizagem por desafios, problemas reais, jogos, com a aula invertida é muito importante para que os alunos aprendam fazendo, aprendam juntos e aprendam, também, no seu próprio ritmo. Os jogos e as aulas roteirizadas com a linguagem de jogos cada vez estão mais presentes no cotidiano escolar. Para gerações acostumadas a jogar, a de desafios, recompensas, de competição e cooperação é atraente e fácil de perceber (Morán, 2014, p.33).

Assim, a pesquisa, por meio do processo de investigação e das experiências vivenciadas, aponta possibilidades e mecanismos para tornar as aulas mais atrativas e envolventes, de modo que os alunos se tornem mais ativos e participativos. Entre os desafios encontrados nos últimos tempos, destaca-se a falta de motivação e de interesse no processo de aprendizagem. Isso evidencia a necessidade de transformação do sistema educacional, com a reciclagem dos métodos tradicionais de ensino.

Nesse cenário dinâmico, as metodologias de ensino inovadoras são essenciais, pois modificam o processo de ensino-aprendizagem e contribuem para a construção do saber, integrando as novas tecnologias da informação. Além disso, essas metodologias favorecem a criação de um ambiente de aprendizagem mais estimulante e preparam os estudantes para os desafios do futuro.

4.1 POSSIBILIDADES E IMPASSES DOS DISPOSITIVOS MÓVEIS

No Brasil, há um debate crescente sobre o uso da tecnologia na educação, e

diversos estudos têm demonstrado os impactos das TICs. As possibilidades proporcionadas pelo acesso à tecnologia promovem maior aproximação com metodologias inovadoras e novas adaptações no processo de ensino-aprendizagem, resultando em efeitos significativos. Atualmente, a educação está repensando as novas concepções de sociedade e cultura digital. Para isso, o ensino de Filosofia desempenha um papel crucial no desenvolvimento da reflexão crítica diante dos desafios impostos pelos avanços tecnológicos na sociedade atual.

A pesquisa, baseada em experiências aplicadas com os alunos da 2.^a série do ensino médio, aponta um caminho que impactou positivamente o engajamento dos estudantes. Sabemos que vivemos em uma era de jovens nativos digitais, em que a tecnologia está em toda parte, inclusive na escola. No entanto, muitos educadores ainda a administram com foco na transmissão de conhecimento, enquanto a escola deve preparar o jovem para o futuro, mediando com responsabilidade a utilização das mídias digitais.

Com planejamento e acesso, as aulas tornam-se mais criativas e exitosas, abordando temas significativos. A problemática central está na ressignificação das práticas pedagógicas para o engajamento dos estudantes, ampliando o uso da tecnologia como instrumento para o desenvolvimento do pensamento crítico. As mídias, presentes em toda parte (rádio, TV, cinema e internet), contribuem para a pesquisa e o diálogo. Como ponto de partida, os educadores devem estruturar suas práticas para facilitar o acesso às novas tecnologias.

É necessário ressignificar as práticas pedagógicas para transformar o sistema educacional e aplicá-las em sala de aula. Diante dessas mudanças, é preciso apropriar-se da utilização das tecnologias como mediadoras pedagógicas para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, relacionando o caráter argumentativo e reflexivo da Filosofia. O uso das mídias digitais no ensino de Filosofia deve explorar questões relacionadas ao virtual. Para Bauman (2001), a tecnologia tem suas vantagens, mas o educador precisa estimular o que é positivo, com paciência, em um contexto em constante movimento. A educação é afetada pela modernidade líquida, o que pode prejudicar o pensamento crítico, sendo um ponto de atenção.

Esse ponto de atenção exige cuidado com os jovens da era moderna, que precisam desenvolver a capacidade de concentração e discernimento para fazer escolhas responsáveis no uso das mídias. Estudos como o de Bauman (2001)

identificam uma crise na educação, analisando as mudanças socioculturais ocorridas, principalmente no final do século XX e no século XXI, que impactam diretamente o campo educacional. Essa crise se caracteriza pela falta de paciência e pela influência da velocidade das informações, promovendo implicações para a sociedade líquida.

É um desafio para a educação, em que o educador não é mais o único conhecedor, mas um mediador do processo de aprendizagem. Diante dessa situação, percebemos que não se trata de lutar contra as mudanças, mas de unir esforços para fortalecer o papel da educação, promovendo o potencial dos estudantes e o desenvolvimento de sua capacidade crítica. A utilização da tecnologia representa um desafio e uma possibilidade para a educação, sendo parte do envolvimento e da criação de dinâmicas mais significativas. Esse processo exige uma reestruturação no âmbito educacional vigente.

Essas transformações têm ocasionado mudanças de comportamento e a desestruturação dos modelos tradicionais, afetando as práticas pedagógicas. Em um contexto em que muitos métodos ainda não estimulam os alunos, cabe a reformulação das práticas para promover mudanças no comportamento dos educandos. Com a contemporaneidade e o surgimento de novos padrões, ocorrem mudanças nos hábitos, rotinas e formas de agir. Para Bauman (2001), o estado de liquidez modifica a vida social, desestruturando e desconstruindo moldes tradicionais e valores presentes.

“Derreter os sólidos” significava, antes e acima de tudo, eliminar as obrigações “irrelevantes” que impediam a via de cálculo racional dos efeitos; [...] Por isso mesmo, essa forma de “derreter os sólidos” deixava toda a complexa rede de relações sociais no ar – nua, desprotegida, desarmada e exposta, impotente para resistir às regras de ação e aos critérios de racionalidade inspirados pelos negócios, quanto mais para competir efetivamente com eles (Bauman, 2001, p.10).

Esse termo, “líquido”, é adotado por Bauman para se referir às mudanças da sociedade de forma muito rápida. Bauman trata a modernidade como algo líquido e fluido, em constante transformação, o que nos leva a pensar também a educação como uma “educação líquida”. A educação precisa repensar suas práticas e despertar o interesse dos alunos para que consigam viver nesse cenário em constante mudança.

De certo modo, a educação muda para tentar acompanhar as transformações que ocorrem na sociedade. No entanto, o ensino tem sido tratado como uma

mercadoria, algo descartável, o que reflete o contexto da sociedade líquida. No âmbito educacional, o conhecimento adquirido pelo aluno não se torna “sólido”, pois não cria raízes duradouras no processo de ensino-aprendizagem. O autor sugere que, na sociedade líquida, o ensino-aprendizagem pode ser visto como uma mercadoria, tornando-se suscetível à cultura do descarte.

Nesse cenário, a tecnologia digital, apesar dos desafios, é fundamental para a transmissão de informações e pode ser assertiva quando bem utilizada. Com o acesso à rede, qualquer sujeito pode ser protagonista e responsável pela difusão de acontecimentos. Esse contexto apresenta dois lados: possibilidades e impasses que emergem das escolhas, promovendo impactos positivos ao dar voz para ações democráticas.

Partindo do princípio de que a tecnologia pode e deve ser favorável, é necessário expandir seus avanços para promover ganhos que beneficiem a humanidade. O uso das tecnologias na implementação de novos modelos educativos deve ter um efeito positivo na sociedade. Há uma necessidade de investigação e promoção de métodos que tornem o ensino relevante.

Em suma, não podemos deixar de lado o papel da tecnologia como um ponto sólido e transformador para a construção e formação dos indivíduos. Cabe à educação incorporá-la e levar para a sala de aula práticas que provoquem reflexões e promovam, para além da sociedade líquida, transformações significativas para a vida.

5 REVISTA DIGITAL EM ENSINO DE FILOSOFIA E EXPERIÊNCIAS EM SALA DE AULA

O processo de investigação ao longo da minha pesquisa permitiu desafiar a mim e à minha turma, mostrando que o propósito estava ao nosso alcance para possibilitar mudanças na prática de ensino. Nesse sentido, a metodologia inserida no processo de experimentação estabeleceu conexões entre os educandos e permitiu a ludicidade da aula, movendo e reconstruindo práticas motivadoras para o processo de ensino.

Assim como propõe Dewey, em sua teoria, a aprendizagem deve ser ativa e participativa. Essa experiência fortaleceu minha missão como educadora, especialmente ao longo do período em que desenvolvemos a revista digital, na qual

os alunos compartilharam notícias, ideias e promoveram o desenvolvimento da criticidade e da autonomia.

No início, houve resistência de alguns estudantes em se envolver com o projeto, mas, aos poucos, eles foram se aproximando e se dedicando, cada um respeitando suas individualidades e contextos de inclusão social.

Essa experiência enfatiza a necessidade de uma pedagogia libertadora, que deve ser realizada com os oprimidos e não para os oprimidos. Nesse sentido, promovemos, nas turmas ativas da segunda série do ensino médio, uma sequência de conteúdos sob minha responsabilidade. Busquei, nesse contexto, fundamentar teoricamente a prática, incentivando a curiosidade dos alunos pelo processo de investigação. Para tanto, foi essencial não adotar uma postura rígida. Os alunos demonstraram interesse em compreender a atuação da política à luz da teoria de Aristóteles e sua relação com os dias atuais.

Os trechos impressos foram distribuídos aos grupos, organizando um ambiente de aprendizado produtivo, no qual todos os alunos presentes participaram ativamente da proposta. Foi concedido um tempo específico para a leitura e a observação dos contextos apresentados nos textos, além de promover discussões sobre como argumentar questões que envolvem a sociedade e a comunidade local.

Dentre os 27 alunos matriculados e ativos na sala, todos se mostraram autônomos durante a leitura e demonstraram curiosidade em compreender como os valores não correspondem às práticas políticas locais. A disciplina trabalhada fazia parte do Itinerário Formativo: Filosofia e Sociedade Moderna. A didática proposta para a realização das atividades foi organizada conforme os Quadros 1 e 2 a seguir.

Quadro 1 – Conteúdo e objetivos das atividades

Conteúdo	Objetivos
A noção do poder em múltiplas escalas e contextos	<ul style="list-style-type: none"> ● Levantar hipóteses sobre as orientações do poder; ● Contextualizar o poder a partir da condição social da humanidade.
Foco no conteúdo	<p>Homem: um ser social</p> <p><i>“[...] o homem é, por natureza, um ser vivo político” (Aristóteles, 1984).</i></p>

Fonte: Autora

Quadro 2 – Atividades propostas e descrição

Atividades propostas	Descrição
Realizadas em 4 grupos	Tema: A ética na Política de Aristóteles Questão norteadora: Como a política é importante para a convivência em sociedade?
Metodologia	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura compartilhada em grupos; • Apoio ao dispositivo móvel: elaboração de materiais pelo Canva®.
Produtos gerados	Revista Digital e Física
Divulgação	<ul style="list-style-type: none"> • Instagram: @nena_humanas

Fonte: Autora

Nessa atividade, referente ao Quadro 1, proposta para o objetivo do Material Digital no componente do Itinerário Formativo *Filosofia e Sociedade Moderna*, o conteúdo abordado foi sobre a noção de poder em múltiplas escalas e contextos, tendo como foco principal o poder a partir da condição social da humanidade. Para provocar o interesse dos estudantes nessa atividade, convidei-os a falar sobre seis anseios relacionados à sociedade que despertam interesse quando o assunto é poder.

No início da atividade, promovi um espaço de diálogo, fundamentado no referencial teórico de Gallo (2012), utilizando uma didática para potencializar o interesse dos jovens, permitindo a construção de um ambiente de aprendizagem baseado em uma *oficina de conceitos*. Essa abordagem possibilitou adaptações específicas, criando uma didática na qual os alunos puderam contribuir ativamente para o desenvolvimento de sua criticidade e para a vivência de um pensamento reflexivo.

Partindo da especificidade da Filosofia, o tema abordado destacou a relevância da questão do poder para os jovens e sua relação com o meio em que vivem, mostrando como o poder pode afetar, de forma negativa, uma grande parte da sociedade. O texto sugerido foi uma "viagem filosófica" pelo pensamento de Aristóteles sobre o poder entre os homens, permitindo que, nesse contexto, os alunos debatessem questões sobre poder, direitos humanos e diferenças.

Nessa etapa, foi proposta a metodologia da *sala de aula invertida*, permitindo que, na próxima aula, os alunos compartilhassem suas experiências e curiosidades com os colegas. Durante a troca de experiências em sala, com base nas informações coletadas pelos estudantes, os grupos debateram e construíram saberes de forma coletiva.

Os jovens demonstraram interesse na busca pelo conhecimento, construindo saberes que não foram impostos de forma dogmática, mas desenvolvidos de maneira ativa, com os estudantes se afastando da postura passiva tradicional e assumindo o papel de protagonistas na construção do saber. Nesse momento, os alunos se engajaram nas discussões, mudando o formato da aula tradicional para uma metodologia ativa, o que permitiu uma postura crítica constante, voltada para os questionamentos da vida.

No componente *Filosofia e Sociedade Moderna*, o debate filosófico possibilitou a criação de conceitos e o questionamento contínuo sobre o meio em que vivem. Os problemas apontados pelos estudantes demonstraram a importância da disciplina para o esclarecimento humano e para as transformações sociais.

A segunda atividade foi a socialização do conhecimento adquirido com a comunidade escolar. Os alunos, com seus entendimentos e argumentações baseados na investigação do discurso de Aristóteles sobre a constituição do homem, apresentaram suas reflexões. Segundo Aristóteles (1984), o homem é um ser político por natureza, construindo sua identidade de forma plena dentro da sociedade.

Os alunos apresentaram argumentos relacionados aos anseios discutidos em sala, organizando suas ideias na ferramenta Canva®. Eles levantaram questões e argumentações baseadas nos problemas sociais, refletindo sobre a necessidade de construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Com as informações levantadas, os estudantes organizaram suas revistas para apresentar suas experiências na unidade escolar. A criação da *oficina de conceitos* em sala de aula e a troca de experiências entre os alunos permitiram, de forma contínua, que a experimentação com conceitos criasse um ambiente vivo, despertando o interesse dos estudantes por questões relevantes às situações que enfrentam.

Essa abordagem possibilitou a conclusão das atividades, a partir de uma didática ressignificada, que destacou a importância de conceitos que são criados, recriados, retomados e renovados, sempre presentes em novas etapas do aprendizado. A sala de aula é esse espaço em que retomamos essas etapas e transformamos o sujeito, direcionando-o para o propósito da vida. As experiências são fundamentais para criarmos um ambiente propício ao novo, ao notável e ao interessante.

No Anexo está a primeira versão do trabalho, que foi organizado em grupos, com as tarefas divididas entre os participantes⁶. Cada grupo explorou a atividade proposta de maneira diferente, considerando suas habilidades e condições específicas. Para a execução do projeto, utilizaram o aplicativo Canva®, com o apoio de dispositivos móveis e a mediação da professora, o que contribuiu para uma gestão eficiente do tempo e para a conclusão das atividades.

Na imagem a seguir, vemos alguns dos alunos que apresentaram a primeira edição da revista ao público da escola e à comunidade local. Eles utilizaram a TV como recurso para expor as etapas de elaboração do material. A atividade foi organizada na sala de aula da turma da 2.^a série A do ensino médio, proporcionando um espaço de protagonismo e engajamento.

Figura 9 – Exposição da revista para a comunidade local



Fonte: Fotografia tirada pela autora

Os estudantes apresentaram suas revistas, destacando a importância da participação e da consciência cidadã na luta por uma sociedade mais justa e democrática.

Na imagem a seguir (Figura 10), observamos os alunos responsáveis pelo segundo grupo apresentando suas ideias para a turma da 1.^a série, em um ambiente acolhedor dentro da sala de aula. Os envolvidos utilizaram recursos midiáticos de forma autônoma, com o objetivo de demonstrar a relevância da participação ativa do cidadão na sociedade.

⁶ O trabalho também está disponível no Instagram:
https://www.instagram.com/nena_humanas?igsh=ZXV5Zmh2ZXBzZ3li

Figura 10 – Sala organizada para acolhimento dos alunos da 1.ª série do ensino médio



Fonte: Fotografia tirada pela autora

No Quadro 3, a seguir, apresentamos o planejamento da revista digital, que foi elaborado como parte de uma proposta pedagógica integrada ao currículo de Filosofia e Sociedade Moderna.

Quadro 3 – Planejamento da revista digital

Disciplina	Filosofia e Sociedade Moderna
Tema	A ética na Política de Aristóteles
Habilidades desenvolvidas	<ul style="list-style-type: none"> - Levantar e testar hipóteses sobre temas históricos, sociais, econômicos, filosóficos e políticos. - Contextualizar conhecimentos na realidade local. - Utilizar procedimentos e linguagens adequados à investigação científica.
Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> - A noção do poder em múltiplas escalas e contextos. - O papel do Estado e sua organização. - A teoria de Aristóteles sobre ética e política e sua relação com as sociedades contemporâneas.
Metodologia	<ol style="list-style-type: none"> 1. Introdução: Explicação do conteúdo e leitura de textos. 2. Problematização: Discussão sobre o modelo ideal de sociedade e a teoria de Aristóteles. 3. Atividades Práticas: Elaboração da revista digital, leitura de textos e perguntas direcionadas. 4. Recursos: Dispositivos móveis, aplicativo Canva e textos selecionados.
Apresentação e Replicabilidade	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação das Revistas: Exposição das revistas produzidas. - Replicabilidade: Aplicação nas salas da primeira série A, B e C do ensino médio. - Seminário Final: Discussão sobre a importância da participação ativa e do exercício da cidadania.

Fonte: Autora

O plano de aula foi estruturado de forma adaptada ao Material Digital, com o objetivo de atender às necessidades e aos interesses dos jovens no contexto

contemporâneo. Como ponto de partida, abordamos o papel do Estado e sua organização, relacionando-os à vontade geral, às leis e à garantia de uma sociedade democrática e participativa. A metodologia que adotamos buscou fomentar o desenvolvimento da autonomia dos educandos por meio da elaboração da revista, promovendo o protagonismo juvenil e a reflexão crítica sobre a política vigente.

Durante a atividade, os alunos demonstraram-se engajados e curiosos, dialogando entre si e com a comunidade escolar. Eles expressaram interesse em compreender como cada indivíduo pode contribuir para a organização e a transformação da sociedade. A proposta teve uma abordagem pragmática, conectando a teoria filosófica de Aristóteles, em especial sua ética política, às questões atuais que permeiam as estruturas democráticas.

Com o desenvolvimento da proposta, as mudanças na dinâmica das aulas foram significativas para despertar a curiosidade dos jovens, recorrendo a métodos que permitem o engajamento ativo, instigam a criticidade e incentivam a experimentação. As produções realizadas em casa e em sala de aula, de forma coletiva, autônoma e responsável, demonstraram o quanto esses jovens são potentes e possuem as condições necessárias para refletir sobre fatos relevantes, elencando as problemáticas do seu meio.

Muitos alunos que nunca tiveram um contato aprofundado com textos filosóficos tiveram, nesse espaço, a oportunidade de se aproximar desses conteúdos e apresentar suas produções para outros estudantes de diferentes séries. Isso inspirou outros jovens da mesma escola a desenvolverem a disposição para a argumentação e a autonomia do sujeito.

O método, ajustado às condições dos estudantes, teve um impacto positivo no empoderamento dos jovens. É parte do nosso ofício permitir que os alunos tenham espaços de experimentação e descoberta, promovendo o desenvolvimento de suas capacidades críticas. Os meios que incentivam os estudantes são essenciais para criar estratégias que favoreçam um ambiente de aprendizado significativo e ampliem o olhar para além dos muros da escola.

Pesquisas apontam para a necessidade de um caminho norteador no processo educativo em relação à introdução das TICs, com estratégias que favoreçam diferentes formas de aprender (McLuhan, 1996, p. 63). Nesse contexto, as mídias são propostas como meios que enriquecem o ambiente cultural, colaborando tanto nos

aspectos subjetivos quanto nos objetivos da aprendizagem. Dessa forma, emerge uma nova fórmula de ensino, na qual o professor atua em parceria com os alunos, promovendo questões e debates que incentivam atitudes proativas e o desenvolvimento do pensamento crítico e autônomo dos educandos.

McLuhan (*op. cit.*) argumenta a favor de uma nova abordagem que utiliza as tecnologias modernas como proposta metodológica, na qual o professor atua como mediador da mensagem. O foco não deve estar apenas no conteúdo, mas na forma como ele é trabalhado, transformando o ambiente em um espaço de imersão para os alunos. Os meios tecnológicos são agentes essenciais para as mudanças, ampliando a extensão do ser humano por meio da conexão com as mídias e dos canais de comunicação. Segundo seu estudo, os meios de comunicação modernos aprimoram a extensão das capacidades humanas e de suas habilidades. Nas palavras do autor: “As novas tecnologias e os novos meios pelos quais cada um se amplia e prolonga-se, constituem ações com repercussão na sociedade como um todo” (McLuhan, 1996, p. 82).

Em suma, o autor destaca o fascínio humano pela extensão de si, relacionando o meio e a mídia ao desenvolvimento dos acontecimentos, à liberação de energia e à promoção de mudanças. As novas tecnologias, em sua relação com as ações e suas repercussões na sociedade como um todo, oferecem estratégias que abrem caminhos para uma nova cultura conectada e transmidiática. Essa abordagem, em paralelo aos dispositivos tecnológicos, favorece o processo educativo (McLuhan, *op. cit.*).

O acesso aos meios de comunicação e às tecnologias contribui, assim, para uma cultura participativa e colaborativa nas práticas educativas em sala de aula. Os desafios em sala de aula ocorrem na busca por informações, favorecendo a inteligência e a autonomia dos alunos na apropriação do conhecimento de forma sólida. Com as experiências proporcionadas pela tecnologia e sua relação com a cultura contemporânea, é possível estimular a imaginação e a criatividade, apoiando conteúdos pertinentes aos interesses dos estudantes na busca de soluções para situações problemáticas.

Faz-se necessário reconhecer que o meio é um elemento fundamental, não apenas um canal ou veículo de transmissão. Esse ponto gerou controvérsias na linha de pensamento de McLuhan (*op. cit.*). Portanto, é essencial enfatizar que o foco não

deve estar apenas no conteúdo, mas na forma como a mensagem é transmitida e no impacto que essa transmissão exerce sobre a sociedade.

Diante disso, a expressão criada “o meio é a mensagem” torna-se uma referência para a sociedade atual, destacando a relevância do papel do professor no controle e na mediação da disseminação desses meios na sociedade. De acordo com McLuhan (1996, p. 62), o meio e a mensagem são elementos fundamentais para a extensão da experiência humana. Nesse contexto, as novas tecnologias conferem sentido ao ser humano, levando o autor a afirmar que o meio de comunicação é, em si, a própria mensagem.

McLuhan (1996) classifica os meios de comunicação como “frios” e “quentes”. Os meios frios necessitam de maior intervenção e participação do receptor para completar a mensagem, enquanto os meios quentes possuem alta definição e oferecem informações de forma mais completa, dispensando uma intervenção ativa do público.

Assim, a forma como recebemos as informações, ou seja, o meio, é significativa, pois molda e articula a maneira de pensar. Nesse contexto, é fundamental considerar como, nessa aldeia global, a comunicação se reflete em uma era dominada por concepções ideológicas. Para McLuhan (*op. cit.*), os efeitos da comunicação de massa são cruciais para a reformulação na construção de novos padrões relacionados ao pensamento e às ações digitais, com princípios que engajam o consumo.

Em sua linha de pensamento, o meio não é um simples canal, mas colabora como um determinante canal de comunicação. Segundo a premissa da internet, ela colabora para uma ruptura de pensamento, pois representa uma forma de cognição que é explorada pela extensão das capacidades humanas. Essa extensão contribui para o uso da mente, reconfigurando a mentalidade humana. De acordo com essa corrente, a humanidade necessita conectar-se à rede em meio aos conflitos de conexões, sendo os meios determinantes para o desenvolvimento dessa conexão.

Para McLuhan (1996), o meio assume a capacidade de programar a consciência, levando-nos à necessidade de reformular constantemente nossos ambientes. Essa transformação ocorre de tal maneira que um ambiente já nos prepara para a chegada do próximo, refletindo a velocidade das mudanças que experimentamos. As tecnologias começam a desempenhar a função da arte,

tornando-nos conscientes das consequências psíquicas e sociais da tecnologia (McLuhan, *op. cit.*).

Assim, a sala de aula se transforma em um espaço de arte, ressignificando-se como antigamente, mas, mais do que nunca, reconfigurando-se para novos treinamentos cognitivos. Essa linha nos posiciona como participantes ativos nos meios de comunicação, atribuindo-lhes um papel fundamental na sociedade. De acordo com seu pensamento, a era digital pode influenciar a forma como as pessoas pensam, sentem e agem. Atualmente, os indivíduos estão imersos em condições que possibilitam a reconfiguração cultural na era digital. As ideias de McLuhan (*op. cit.*), embora escritas há décadas, permanecem extremamente atuais, repercutindo nas estratégias pedagógicas que buscam aproximar o ensino da realidade dos alunos.

Considerando as práticas vivenciadas na escola em que atuo, observo como os alunos de hoje se engajam com os dispositivos móveis. A participação deles é garantida de maneira efetiva, demonstrando um interesse crescente ao se apoiarem em recursos tecnológicos.

No mundo esboçado por McLuhan (1996), o problema do controle dos meios de comunicação pelo homem, que inicialmente parecia ser o tema central de sua obra, rapidamente se transforma na questão do controle dos indivíduos por meio das mídias. Isso se relaciona às condições de "programação" dessa nova e profunda forma de domínio global em nível planetário. A pesquisa remete à necessidade de refletir sobre como as mídias devem ser incentivadas, considerando seu papel tanto como recurso educativo quanto como um meio que pode influenciar comportamentos e moldar a percepção dos indivíduos.

5.1 ENTREVISTAS COM PROFESSORES E ALUNOS

Nesta seção, apresentamos os dados coletados junto aos professores e alunos da 2.^a série A do ensino médio acerca de métodos tradicionais e metodologias ativas. Primeiramente, trazemos os dados referentes aos professores e, a seguir, aos alunos.

5.1.1 Professores

Foram entrevistados 12 professores das seguintes disciplinas: Educação Física; Língua Portuguesa, Redação e Leitura; Projeto de Vida; História; Física; Biologia; Educação Financeira; Matemática; Geografia e Inglês.

A análise enfoca as práticas aplicadas pelos professores e suas experiências ao trabalhar com métodos tradicionais de ensino e métodos construtivistas, visando avaliar o envolvimento e o protagonismo dos estudantes.

A seguir, apresentamos as perguntas realizadas aos professores, bem como suas respostas, com o objetivo de estabelecer a relação entre métodos tradicionais e construtivistas no contexto da prática pedagógica.

1 – Os modelos tradicionais de ensino nos moldes da atualidade promovem engajamento total dos alunos?

Todos os professores responderam negativamente, evidenciando a falta de interesse dos alunos em aulas baseadas em um conteúdo excessivamente teórico, que não os desafia. Diante disso, torna-se imprescindível a criação de conceitos que despertem o prazer pela elaboração e recriação, lançando desafios que promovam mudanças e transformações.

Nesse sentido, é fundamental que nós, educadores, interrompamos nossas práticas habituais para ouvir os estudantes sobre quais temas desejam discutir. Essa escuta atenta nos permitirá planejar aulas que atendam às necessidades dos jovens, incorporando conceitos que reflitam seus anseios. Assim, possibilitaremos um espaço de invenção e reflexão, que incentive o pensamento crítico e remeta à experimentação (Deleuze; Guattari, 1995).

2 – O desenvolvimento das metodologias ativas aplicadas nas aulas promovem o protagonismo dos alunos?

A essa pergunta, 85,7% dos professores responderam que sim, enquanto 14,3% disseram que não, indicando que a maioria acredita que as metodologias aplicadas em sala de aula têm resultados positivos para o engajamento dos alunos.

Contudo, persiste o desafio de como apropriar métodos que sejam verdadeiramente relevantes para o contexto dos estudantes, promovendo um aprendizado mais significativo e conectado à realidade em que estão inseridos.

3 – Qual a relação entre metodologias ativas e a aprendizagem significativa?

Nos depoimentos dos professores responsáveis pela turma da 2ª série A, observamos que as metodologias adotadas são vistas como uma possibilidade de ensino atrelada a uma aprendizagem significativa, conforme os excertos a seguir, extraídos dos relatos dos docentes em 23 de setembro de 2024.

"É muito importante para o aprendizado do aluno."

"A relação de aproximar os alunos no contexto, de uma aproximação maior do conteúdo com a prática do cotidiano."

"O engajamento do aluno promove sentido na sua vida, levando ao protagonismo e criatividade e para emancipação humanas."

"Ambas estão conectadas e promovem aprendizagem do aluno."

"As metodologias, adaptadas ao contexto dos alunos, promovem uma melhor aprendizagem."

"Elas proporcionam uma assimilação mais afetiva dos objetos de estudo, porém verifico que apenas os comprometidos com sua formação agem com responsabilidade tanto para desenvolver atividades tradicionais quanto as metodologias ativas."

"Uma auxilia a outra."

Diante dos dados, percebemos que, na visão dos professores, as metodologias ativas buscam aproximar os alunos do conteúdo, de forma a relacioná-lo ao seu cotidiano. Algumas respostas indicam que essa abordagem dá sentido à vida dos estudantes, o que contribui para sua formação como cidadãos. Seguindo a linha de pensamento de Deleuze e Guattari (1995), podemos afirmar que nos construímos por meio do ato de criar, recriar e inventar, sendo esses processos essenciais para o aprimoramento e a potencialização da nossa formação enquanto indivíduos.

4 – Quais atividades na sua prática em sala de aula podem ser consideradas metodologias ativas?

Os professores descreveram uma diversidade de atividades que refletem o uso de metodologias ativas em sala de aula, conforme os excertos a seguir de seus depoimentos:

"Prática experimental relacionada com o conteúdo, o resultado foi positivo em todos os aspectos."

"Montagem de figuras espaciais (pirâmide, cilindro, paralelepípedo, cone, prisma) a partir de recorte e colagem."

"Sequência de circuito de exercícios, onde os alunos foram protagonistas das suas próprias atuações."

"Responda ou passe: Sorteio do primeiro aluno, depois escolhe o próximo. Se ele responder, ganha um ponto, ou seja, ganha dois pontos se acertar."

"Os alunos participaram de um quiz no kahoot com perguntas relacionadas ao conteúdo do 1º Bimestre."

"Várias. Utilizo games, seminários, mãos na massa, Word Café."

"Roda de conversa. "

Os dados acima revelam a diversidade das estratégias aplicadas com a turma, embora a utilização de recursos tecnológicos seja limitada. Considerando que estamos lidando com nativos digitais, é fundamental reconhecer a prontidão desses alunos para estabelecer conexões e explorar novas possibilidades de aprendizagem. Apontamos que a combinação de abordagens tradicionais com estratégias inovadoras pode contribuir para um ambiente de aprendizagem mais dinâmico, interativo e alinhado às demandas contemporâneas, promovendo o engajamento dos alunos e o desenvolvimento de competências essenciais para o século XXI.

5.1.2 Alunos

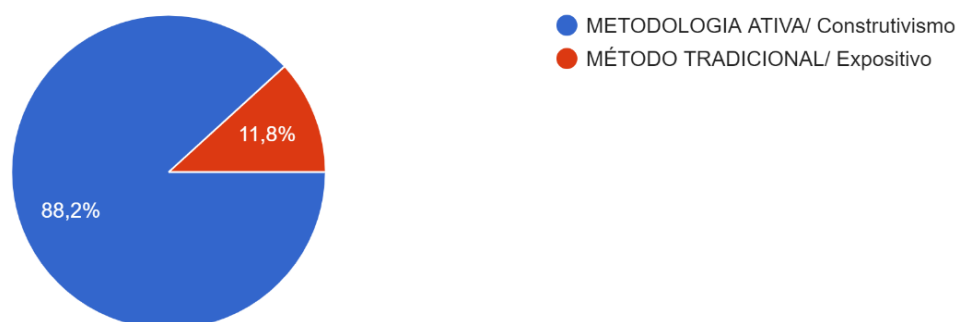
Dezessete alunos da 2.^a série A do ensino médio responderam à entrevista. A seguir, apresentamos as perguntas realizadas aos estudantes, bem como suas

respectivas respostas.

1 – A interação em sala é promovida por meio de aula tradicional (aulas expositivas) ou com metodologias ativas (construtivismo)?

O Gráfico 1, a seguir, apresenta as respostas dos alunos.

Gráfico 1 – Interação por meio de metodologia ativa e tradicional



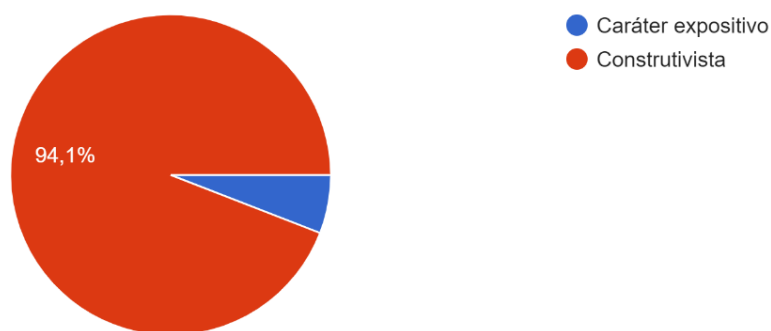
Fonte: Autora

Como podemos observar no gráfico acima, os alunos expressaram desinteresse em aulas expositivas, evidenciando nosso desafio como educadores de planejar métodos de ensino mais eficazes. O ajuste no uso de materiais digitais pode contribuir significativamente para superar esse desafio. Como suporte à nossa prática docente, podemos mencionar as técnicas de Lemov, que enfatizam a prática em sala de aula e estabelecem uma rotina capaz de promover maior engajamento dos alunos. Nesse contexto, as estratégias de ensino devem ser variadas, colocando o estudante no centro do processo educativo e favorecendo sua participação ativa.

2 – Qual tipo de aula é capaz de produzir maior engajamento, expositiva ou construtivista (por meio de metodologias ativas)?

Dos dezessete alunos, 94,1% (n = 16) responderam que aulas do tipo construtivista promovem maior engajamento, conforme mostra o Gráfico 2, a seguir.

Gráfico 2 – Engajamento por meio de metodologia ativa e tradicional



Fonte: Autora

Os dados revelam que as aulas que mais despertam o interesse dos alunos são aquelas que promovem a criatividade, permitindo que explorem diferentes tipos de saberes e se engajem em discussões e diálogos entre si. Um exemplo observado nessa turma é a dificuldade de concentração durante as aulas expositivas, que se tornam cansativas devido ao tempo prolongado em uma única posição e ambiente.

Os dados coletados corroboram nossa pesquisa, na qual os estudantes demonstraram interesse por aulas mais atrativas, que se conectem com seu contexto.

No início do ano, o desafio era despertar o interesse dos alunos pelas aulas. Após o Programa PROF-FILO, surgiu em nós o desejo de buscar caminhos para aproximar o Ensino de Filosofia da vida dos estudantes. Mesmo diante das dificuldades, buscamos constantemente estratégias e repensamos as práticas de ensino, o que resultou em aulas voltadas para estudos e investigações teóricas, com temas propostos pelos próprios alunos, aproximando-os dos textos filosóficos.

No dia a dia em sala de aula, a adoção de métodos que identificam as causas e os conflitos vivenciados pelos jovens demonstrou que o trabalho do professor não se baseia em uma receita pronta e acabada. É necessário, a cada instante, iluminar o ambiente escolar, transformando-o em um espaço de diálogo e questionamento sobre questões relevantes para o contexto dos estudantes.

Cada conquista e encantamento pela disciplina mostram que o Ensino de Filosofia não pode se limitar à mera transmissão de informações, o que deixa os alunos desmotivados e presos em um ambiente escolar sem sentido para eles. A pesquisa realizada com os estudantes revelou como eles se sentem durante aulas expositivas, quando sua participação não é efetiva.

A realidade vivida pelos jovens é desafiadora, pois muitos encontram na escola um abrigo. É no olhar atento que paramos para ouvi-los e tentamos iluminar suas lutas diárias. O professor, por sua vez, tem a missão de permitir que esses jovens tenham acesso e sejam inseridos e valorizados em todos os espaços sociais. O ambiente escolar deve ser um espaço vivo, onde possamos ouvir as experiências dos alunos e, por meio delas, conectar a história da Filosofia com suas realidades.

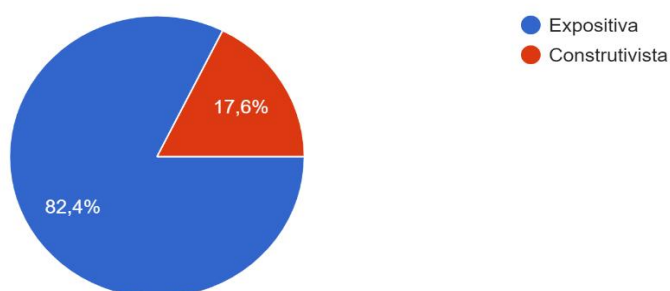
Esse espaço deve ser acolhedor e contribuir para as histórias de vida dos nossos estudantes. Nesse contexto, o papel do professor como mediador é crucial para que as conversas sejam significativas e ressoem na vida escolar, promovendo a criação e recriação de saberes que se tornem efetivos na realidade dos alunos (Rocha, 2015).

Diante dessa proposta, precisamos repensar nossa prática: como as aulas estão sendo conduzidas? Como os alunos participam? Em que momento são convidados a serem autores dos saberes? Nesse processo, o professor deve refletir e buscar estratégias e conteúdos adequados aos contextos dos estudantes.

3 – Em que tipo de aula você tem mais dificuldade em aprender, expositiva ou construtivista (por meio de metodologias ativas)?

Dos dezessete alunos, 82,4% (n = 14) responderam ter mais dificuldade em aprender nas aulas expositivas, conforme o Gráfico 3, a seguir.

Gráfico 3 – Dificuldade em aprender conforme tipo de aula



Fonte: Autora

A predominância de dificuldade de aprendizagem por meio de aulas expositivas, relatada pelos alunos, ecoa críticas consolidadas na literatura sobre métodos

passivos, conforme destacamos ao longo desta dissertação. No entanto, acreditamos que seja essencial evitar dicotomias: o ideal é adaptar estratégias às necessidades específicas do conteúdo e do perfil discente, respaldado por evidências de eficácia pedagógica

4 – A revista digital realizada foi desenvolvida a partir de um método expositivo ou construtivista?

Para esta pergunta, todos os alunos responderam que se trata de um método construtivista, indicando que a revista digital proporcionou um ambiente de aprendizagem ativo, no qual os estudantes foram incentivados a construir o próprio conhecimento por meio da pesquisa, da troca de ideias e da colaboração.

5.1.3 À guisa de síntese

A pesquisa realizada junto aos professores e alunos evidencia que os dados a respeito das metodologias e do interesse em sala de aula apresentam sinergia. Os professores estão inovando nos métodos e verificando, por meio das experiências, como os alunos participam, promovendo a autonomia para a resolução de problemas.

Nas informações coletadas com os alunos do ensino médio da 2.^a série A, notamos a dificuldade de absorverem conteúdos em aulas tradicionais, modelo em que o professor transmite seus saberes por meio de narrativas verbais, sem dar espaço para explorar o empoderamento dos estudantes.

Os relatos dos professores e alunos estão conectados na importância de ajustarmos o planejamento de aulas criativas, em que o sujeito da construção do conhecimento possa passar por experiências de acertos e erros, tornando-as significativas para sua existência. A revista elaborada em sala, com duas versões e formatos, proporcionou aos estudantes a autoria de suas criações e reflexões voltadas para um olhar crítico sobre a sociedade.

Promover o diálogo e as discussões sobre questões problemáticas é essencial para a construção de uma sociedade participativa. Na pesquisa realizada, um aluno destacou que o método expositivo, quando bem conduzido, contribui para um maior envolvimento e protagonismo dos estudantes. A coleta de dados demonstra as

diversas abordagens metodológicas empregadas pelos educadores responsáveis pela turma.

As diferentes estratégias de ensino aplicadas à turma são válidas para a colaboração no processo de ensino-aprendizagem. Essa turma produziu, em minhas aulas, uma revista digital com o auxílio da plataforma Canva, demonstrando colaboração em equipe. Os alunos com necessidades especiais também participaram ativamente, contribuindo na escolha de imagens e oferecendo opiniões para a realização da revista. As etapas para a construção da revista foram mediadas por mim, com orientação nas sequências temáticas necessárias e nas argumentações elaboradas pelos grupos responsáveis por esta pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresentou estratégias de ensino que abordam os desafios atuais do sistema educacional para aproximar o ensino de Filosofia da realidade dos estudantes, diante de um cenário em que o ensino dessa disciplina não é visto como uma prática significativa para a vida. A pesquisa demonstrou como a prática do ensino de Filosofia pode ser ressignificada por meio de metodologias e recursos digitais, aproximando os estudantes da prática filosófica.

Em um cenário marcado pelo desinteresse e pela desmotivação dos alunos, devido à transmissão de conteúdos pouco relevantes e ao uso de plataformas digitais mecanizadas, distantes do contexto social, torna-se evidente a necessidade de metodologias adequadas e conectadas com a vida dos estudantes. O Programa PROF-FILO da UFSCar trouxe luz em meio à tempestade, promovendo a investigação e o desenvolvimento de métodos que colocam o aluno no centro do processo de ensino, com experiências e práticas que contribuem significativamente para a transformação do cenário educacional.

As experiências vivenciadas ao longo do curso, com base nos teóricos que contribuíram para minha prática docente, permitiram trazer aos estudantes novas vivências. Conforme Dewey (1979), a educação deve ser voltada para a experiência, em que teoria e prática são indissociáveis, cabendo ao educador direcionar e construir espaços que tornem o aprendizado significativo para o aluno. O cenário anterior, marcado pelo desinteresse, foi repensado com métodos e estratégias adequados ao contexto, proporcionando experiências que favoreceram o desenvolvimento da aprendizagem significativa.

Na proposta de enfrentar o desafio do ensino de Filosofia e torná-lo significativo para os estudantes, recorreremos a metodologias de ensino que ressignificaram a sala de aula, promovendo a experiência do pensamento conceitual (Gallo, 2012). Segundo essa perspectiva, as aulas de Filosofia tornam-se mais ativas e, em minhas experiências com os alunos, busquei uma prática que não implicasse a transmissão direta de saberes, permitindo que eles atuassem como protagonistas do conhecimento, promovendo sua emancipação intelectual.

Conforme Prensky (2010), a presença mediada pelo educador deve ter um olhar atento para que o aluno, de maneira atuante e emancipatória, participe do

processo de aprendizagem. Trabalhamos com a metodologia da sala de aula invertida, permitindo que os alunos, com o uso das mídias digitais e mediados pelas TICs, criassem uma revista digital. Em sala de aula, ocorreram debates apresentados pelos estudantes, enquanto a professora mediava o diálogo com textos filosóficos que promoviam questionamentos e problematizações. Diante dos desafios enfrentados, os alunos preparavam, em casa, temas que seriam debatidos em sala, o que, com o uso dessa estratégia, os tirou da passividade do método tradicional, promovendo sua participação ativa.

No entanto, devemos assegurar que a contribuição da Filosofia como disciplina seja voltada para a formação de sujeitos críticos, com condições de exercer sua potência para a transformação social. Nesse sentido, a Filosofia é fundamental para o processo de consolidação da autonomia e da emancipação dos estudantes. O presente trabalho demonstra a importância da formação específica do professor, possibilitando a adoção de métodos adequados, tornando a Filosofia viva e presente na prática dos alunos.

A pesquisa destaca a relevância de promover estratégias que garantam um aprendizado significativo, assegurando que os estudantes não apenas adquiram conhecimento, mas também se conectem com sua realidade e sejam capazes de transformá-la a partir desse conhecimento. Por meio de pesquisas e estudos, buscamos enfatizar o processo de investigação como uma forma de reformulação dos métodos, visando despertar o interesse dos jovens e introduzir novas práticas que integrem tecnologias ao desenvolvimento de metodologias ativas.

Antes da implementação do Programa PROF-FILO, a sala de aula era marcada por angústias e falta de métodos que empoderassem os jovens. Diante disso, destacamos, novamente, a importância da formação contínua do professor, pautada na investigação e na observação dos desafios encontrados.

A escola é um espaço privilegiado para a troca de experiências e o diálogo entre os estudantes, sendo o educador uma referência importante. As atividades desenvolvidas com o apoio da tecnologia demonstraram um aumento significativo no interesse dos alunos, evidenciado pela autonomia e criatividade na elaboração da revista digital, além de sua replicação na comunidade local.

A adoção de recursos tecnológicos despertou o interesse dos nativos digitais pelo ensino de Filosofia. Diante desse cenário, é fundamental refletir sobre as

mudanças necessárias e considerar o planejamento de práticas que favoreçam o engajamento dos alunos, criando espaços para o desenvolvimento de suas próprias criações.

Assim, ao considerar os métodos tradicionais frequentemente utilizados, que se restringem à exposição do conteúdo, observamos que eles não despertam o interesse dos estudantes, tampouco valorizam a prática filosófica e sua contribuição para o aprendizado. Esses métodos anteriores falharam ao não reconhecer os alunos como protagonistas de suas relações sociais, resultando no desinteresse e na perda do potencial de exploração dos saberes filosóficos (Dewey, 1979).

Compreendemos e observamos que aproximação entre teoria e prática é fundamental para o empoderamento juvenil, tornando o processo educativo mais significativo. A pesquisa realizada em uma escola pública do interior do Estado de São Paulo comprova a importância de se oferecer metodologias que explorem e facilitem o processo de aprendizagem. As informações e vivências relatadas pelos docentes confirmam que essa abordagem promove uma aprendizagem significativa.

O resultado foi uma participação efetiva dos estudantes, demonstrando a necessidade de ressignificar constantemente as metodologias e a formação docente, para implementar mudanças nos métodos que não favorecem o ensino ativo. O trabalho permitiu uma mudança satisfatória no cenário, promovendo estudantes mais ativos, críticos e preparados para transformar suas vidas e a sociedade.

A metodologia aplicada mostrou-se exitosa, superando os métodos tradicionais e promovendo uma nova abordagem que favorece o desenvolvimento do pensamento crítico e a resolução de problemas, estimulando os estudantes a se tornarem protagonistas do próprio aprendizado e impulsionando o motor do pensamento reflexivo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 2008.
- ARISTÓTELES. **Política**. Tradução Antônio Capelo Amaral e Carlos Gomes. Lisboa: Veja, 1984.
- AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.
- AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. **Education psychology: a cognitive view**. 2. ed. Nova York: Holt, Rinechart and Winston, 1978.
- AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. **Psicología educativa un punto de vista cognoscitivo**. México: Trillas, 1983.
- BACICH, L.; MORAN, J. (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BERGMANN, J.; SAMS, A. **Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem**. Tradução Afonso Celso da Cunha Serra. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016.
- BRASIL. Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025. Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 162, n. 10, p. 3, 14 jan. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – Ensino Médio**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei n.º 9394/96**. Brasília, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Nacional Comum Curricular: Educação é Base**. Brasília: MEC, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN: ensino médio**. Brasília: MEC/SEMT, 1999.
- CANDAU, V. M. F.; MOREIRA, A. F. B. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, 2003.

CERLETTI, A. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COELHO, P. M. F.; COSTA, M. R. M.; MATTAR NETO, J. A. Saber digital e suas urgências: reflexões sobre imigrantes e nativos digitais. **Educação & Realidade**, v. 43, n. 3, p. 1077–1094, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/MWjfN6dGG6bbz4WsJKHpmLN/>. Acesso em: 5 fev. 2025.

COSTA JÚNIOR, J. F. et al. A importância de um ambiente de aprendizagem positivo e eficaz para os alunos. **REBENA: Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 6, p. 324–341, 2023. Disponível em: <https://reben.emnuvens.com.br/revista/index>. Acesso em: 5 fev. 2025.

DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2009

DELEUZE, G. O que é um dispositivo? In: **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 155–161.

DELEUZE, G. Post Scriptum sobre as sociedades de controle. In: **Conversações: 1972-1990**. Tradução de P. P. Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 219–226.

DELEUZE, G. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DEWEY, J. **A escola e a sociedade: a criança e o currículo**. Lisboa: Relógio D'Água, 2002.

DEWEY, J. **Democracia e educação: introdução à filosofia da educação**. 4. ed. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1979. (Atualidades Pedagógicas, v. 21).

DEWEY, J. Interesse e esforço. In: **Vida e educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

DOURADO, L. R. **Alfabetização de crianças atípicas**. 2024. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia) – Escola de Formação de Professores e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2024. Disponível em:

<https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/8035/1/Monografia.%20Leticia%20Rodrigues%20Dourado%20Revisao.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2025.

FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. **Tensão e significação**. Tradução de I. C. Lopes, L. Tatit e W. Beividas. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975–1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.

FREIRE, P. A alfabetização de adultos: crítica de sua visão ingênua; compreensão de sua visão crítica. In: **Ação cultural para a liberdade: e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. **A educação na cidade**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, P. **Círculo de pais e professores: capítulo da educação de adultos**. **Diário de Pernambuco**, Recife, 1957. p. 3.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GALLO, S. **Educação e interdisciplinaridade**. **Revista de Educação**, n. 1. Campinas: SINPRO, 1994.

GALLO, S. Em torno de uma educação menor. **Educação & Realidade**, [s. l.], v. 27, n. 2, 2002.

GALLO, S. **Filosofia: experiência do pensamento**. São Paulo: Scipione, 2013.

GALLO, S. **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio**. Campinas: Papyrus, 2012.

GALLO, S. **Subjetividade, ideologia e educação**. Campinas: Alinea, 2009.

GÓMEZ, Á. I. P. **Educação na era digital: a escola educativa**. Tradução de Marisa Guedes. Porto Alegre: Penso, 2015.

GUIDO, H.; GALLO, S. D. O.; KOHAN, W. O. Princípios e possibilidades para uma metodologia filosófica do ensino de filosofia: história, temas, problemas. In: CARVALHO, M.; CORNELLI, G. (org.). **Ensinar filosofia**. v. 2. Cuiabá: Central de Texto, 2013. cap. 7, p. 105–128.

LE MOS, F. C. S.; CARDOSO JUNIOR, H. R.; ALVAREZ, M. C. Instituições, confinamento e relações de poder: questões metodológicas no pensamento de Michel Foucault. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, p. 100–106, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/hNP5ZjCYTsYpH9WSJB6qVpv/>. Acesso em: 5 fev. 2025.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MAAMARI, A. M. Filosofia como disciplina escolar. In: MAAMARI, A. M. (org.). **Novas tendências para o ensino de filosofia: campo histórico-conceitual, didático-metodológico**. Curitiba: CRV, 2017. p. 63-103.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1996.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2014.

MOREIRA, M. A. **O que é, afinal, aprendizagem significativa?** Aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais, Instituto de Física, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 23 abr. 2010. Disponível em: <https://www.docsity.com/pt/docs/teorias-de-aprendizagem-14/7170800/>. Acesso em: 5 fev. 2025.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003. (Coleção A obra-prima de cada autor, v. 22).

PLACIDES, F. M.; COSTA, J. W. John Dewey e a aprendizagem como experiência. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 7, n. 2, 2021. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/20411>. Acesso em: 5 fev. 2025.

PRENSKY, M. **Digital natives, digital immigrants.** *On the Horizon*, MCB University Press, v. 9, n. 5, 2001. Disponível em: <http://www.twitchspeed.com/site/Prensky>. Acesso em: ago. 2008.

PRENSKY, M. **Educação para um mundo melhor: como estimular o poder das crianças e jovens do século XXI.** Tradução de R. M. Oliveira. 1. ed. São Paulo: Pánda Educação, 2021.

PRENSKY, M. **Não me atrapalhe, mãe – Eu estou aprendendo! Como os videogames estão preparando nossos filhos para o sucesso no século XXI – e como você pode ajudar!** Tradução Lívia Bergo. São Paulo: Phorte, 2010.

PRENSKY, M. **Nativos e inmigrantes digitales.** Madrid: Distribuidora Sek S.A., 2010.

RANCIÈRE, J. **O desentendimento: política e filosofia.** Tradução de Â. L. Lopes. São Paulo: Editora 34, 1996.

ROCHA, R. P. **Ensino de filosofia e currículo.** 2. ed. Santa Maria: UFSM, 2015.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Currículo Paulista.** São Paulo: SEDUC, 2019. p. 67–84. Disponível em: https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp-content/uploads/2023/02/Curriculo_Paulista-etapas-Educa%C3%A7%C3%A3o-Infantil-e-Ensino-Fundamental-ISBN.pdf. Acesso em: 5 fev. 2025.

SCHÜTZ, J. A. Os perigos do facilitismo na educação escolar. In: VIEIRA, C. A.; LIMA, F. A. de; BARBOSA, L. M. M. (org.). **Educação e suas interfaces.** Ponta Grossa: Atena, 2017. p. 15–24.

SIMÕES, P. H. B. **Processos comunicacionais em instituições educativas de nível superior: o caso do Centro Universitário Radial – Estácio.** 2010. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SOBRINHO, I. P. S. Filosofia da educação: uma abordagem sobre fundamentos da educação progressista no Brasil. **Estação Científica – Juiz de Fora**, n. 13, jan./jun. 2015.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** 2. ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1986. (Coleção Temas Básicos de Pesquisa-Ação).

ANEXO

DIREITOS HUMANOS

VOL. 1 | TURMA 2ªA. |

20
24

**ITINERÁRIOS FORMATIVOS:
LIDERANÇA
SOCIOLOGIA
FILOSOFIA SOCIEDADE MODERNA**

FOTO AUTORIZADA POR
EVELYN E MAICON



0 55045 83395 78 1

www.nenabuck.com

03/04/2024

DIREITOS HUMANOS

"Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos."

O QUE SÃO?

Os Direitos Humanos constituem a categoria mais básica de direitos que qualquer ser humano, em qualquer parte do mundo, pode requerer em defesa própria ou de outro. Não há distinção de classe social, cor, gênero, nacionalidade, religião, orientação sexual ou de qualquer outro tipo que anule os direitos fundamentais de uma pessoa.

A lei dos direitos humanos obriga os governos a fazer algumas coisas e os impede de fazer outras. Os indivíduos também têm responsabilidades: usufruindo dos seus direitos humanos, devem respeitar os direitos dos outros. Nenhum governo, grupo ou indivíduo tem o direito de fazer qualquer coisa que viole os direitos de outra pessoa.

ARTIGOS

Artigo 1

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.

Artigo 2

1. Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

2. Não será também feita nenhuma distinção fundada na condição política, jurídica ou internacional do país ou território a que pertença uma pessoa, quer se trate de um território independente, sob tutela, sem governo próprio, quer sujeito a qualquer outra limitação de soberania.

Artigo 3

Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Artigo 4

Ninguém será mantido em escravidão ou servidão; a escravidão e o tráfico de escravos serão proibidos em todas as suas formas.

Artigo 5

Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.



03/04/2024

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

"Triste época! É mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito" Albert Einstein

O QUE É?

A intolerância religiosa, mais detalhadamente, é discriminar, ofender, caluniar e rechaçar religiões, liturgias e cultos. Quem é intolerante não aceita a diversidade de crenças, e, muitas vezes, a questão também pode estar relacionada ao racismo, já que as religiões de matrizes africanas são as que mais sofrem preconceito na sociedade atual, como o candomblé e a umbanda.

ORIGEM E FORMA DE COMBATER

A origem da intolerância religiosa no Brasil está implicada com o racismo. Ela consegue, via de regra, estabelecer que a religião aceitável seria a dos brancos, e há todo um desrespeito com as religiões de matriz africana ou indígena. Se alguém depredar uma igreja, a reação é imediata, porém, se alguém faz isso com um terreiro, não é da mesma maneira", explica Thiago Modenesi, historiador, cientista político e professor

A Intolerância religiosa pode se manifestar de inúmeras formas, vindo de pessoas físicas, jurídicas e até mesmo do próprio estado. Tentar atrapalhar ou impedir a realização de um culto, quebrar imagens sagradas, agredir, ofender ou zombar de alguém devido a roupas e/ou costumes religiosos, todas essas atitudes configuram intolerância religiosa.

Para combater a intolerância religiosa, é preciso defender os direitos individuais, promover o acesso à informação, com conhecimento, discussões e debates, além de lutar por políticas públicas que estimulem a tolerância e a liberdade. "Precisamos resistir, denunciar e lutar.





'A diversidade é a fonte da nossa riqueza'

DIFERENÇA

POR QUE É IMPORTANTE RESPEITAR AS DIFERENÇAS?

Sair da nossa bolha, escutar a realidade do outro, conhecer pontos de vista diversos, ter contato com contextos sociais diferentes são passos importantes para a construção de uma sociedade que enfrenta seus preconceitos, acolhe a pluralidade e respeita a diversidade. Afinal, pessoas se comportam, agem e existem de maneiras completamente diferentes e merecem ser respeitadas em suas escolhas e manifestações.

Mais do que uma necessidade, respeitar a diversidade é nosso dever como cidadãos. Por isso, cada atitude individual conta para o respeito coletivo. Conviver com as diferenças é um dos grandes desafios da sociedade.

COMO TENTAMOS COMBATER O PRECONCEITO?

Por causa dos fatos citados anteriormente, a Constituição Federal de 1988 traz a dignidade humana logo no art. 1º como um dos fundamentos da nossa República e como o guia de todo o texto constitucional. Mas, o que é a dignidade da pessoa humana? É o entendimento de que todos os seres humanos são sujeitos de direitos e podem exercê-los em condições de igualdade e na forma da lei, independentemente de suas características ou diferenças. A nossa Constituição define, em seu art. 3º, como um dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, a "promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação".

Para assegurar esse objetivo, o primeiro passo é entender que respeitar não é convencer o outro a aderir a determinado pensamento ou adotar certas atitudes. Não tem a ver com concordância, seja de ideias, seja de posicionamentos. O respeito é o espaço de permissão ao diálogo, a críticas, à livre manifestação, à diversidade, ao conhecimento, ao acolhimento e à escuta.

A não aceitação das diferenças gera desentendimentos que podem ser acompanhados de violências. Manifestações motivadas por preconceitos, de ódio, desprezo ou intolerância contra determinados grupos devem ser combatidas



15/05/2024

DIVISÃO DOS PODERES

A separação dos três poderes é um princípio fundamental da organização política e administrativa do Estado, que visa garantir a independência e o equilíbrio entre diferentes esferas do governo, prevenindo abusos de poder. Este princípio foi formulado por Montesquieu, um filósofo francês, em sua obra "O Espírito das Leis" (1748).

Essa separação visa assegurar que nenhum dos poderes tenha supremacia sobre os outros, promovendo um sistema de freios e contrapesos que permite a fiscalização mútua e a prevenção de abusos.

OS TRÊS PODERES E SUAS FUNÇÕES:

- **Poder Legislativo:** Responsável por elaborar, alterar e revogar leis. No Brasil, esse poder é exercido pelo Congresso Nacional, composto pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal.

- **Poder Executivo:** Encarregado de executar as leis e administrar o governo no dia a dia. No Brasil, é representado pelo Presidente da República, governadores e prefeitos.

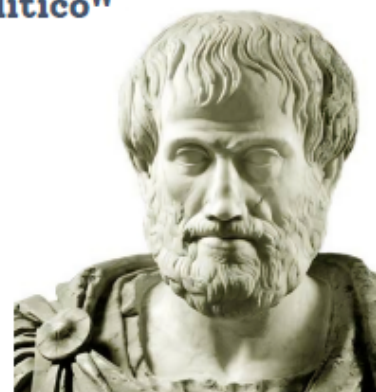
- **Poder Judiciário:** Tem a função de interpretar e aplicar as leis, garantindo sua conformidade com a Constituição e resolvendo conflitos. No Brasil, é composto por diversos tribunais e juízes, com o Supremo Tribunal Federal (STF) no ápice.



15/05/2024

"O homem é por natureza um animal político"

A CONCEPÇÃO DE ARISTÓTELES SOBRE POLÍTICA



Para Aristóteles, a política é uma ciência prática e normativa, profundamente ética e comunitária, centrada na ideia de que a vida boa é alcançada por meio da participação ativa na vida da comunidade e na busca conjunta pelo bem comum.

PRINCIPAIS PONTOS DE SUA CONCEPÇÃO:

Natureza Humana e Sociabilidade:

Aristóteles argumenta que o ser humano é um "animal político". Isto significa que, por natureza, os seres humanos são inclinados a viver em comunidades e formar sociedades políticas.

Educação e Virtude:

A educação moral é crucial para a formação de bons cidadãos. Aristóteles acredita que a virtude é desenvolvida por meio da prática e que a educação deve moldar o caráter dos indivíduos para que possam contribuir positivamente para a pólis.

Finalidade da Política:

A política, para Aristóteles, deve buscar o bem supremo, que é a eudaimonia, frequentemente traduzida como felicidade ou florescimento humano. A política deve criar condições para que os cidadãos possam viver vidas virtuosas.

A Cidade-Estado (Pólis):

A pólis é a forma de organização política ideal para Aristóteles. Ele vê a cidade-estado como uma comunidade autossuficiente, que existe para promover a vida boa e virtuosa de seus cidadãos.

Participação Cívica:

A participação ativa dos cidadãos na vida política é essencial. Aristóteles defende que a política não deve ser deixada apenas aos governantes; os cidadãos devem estar envolvidos na deliberação e na tomada de decisões.

Justiça e Igualdade:

Aristóteles distingue diferentes tipos de justiça, incluindo a justiça distributiva e a justiça corretiva. Ele acredita que uma distribuição justa dos bens e honras é essencial para a estabilidade e a harmonia da pólis.

ROUSSEAU E ATITUDE DE HOMEM SELVAGEM

Para Rousseau, a idealização do "homem selvagem" serve como uma ferramenta crítica para questionar as bases da sociedade moderna. Ele não sugere um retorno literal ao estado de natureza, mas usa esse conceito para argumentar a favor de uma reforma social que resgate a liberdade e a igualdade perdidas.

Ele também critica o progresso da civilização, argumentando que o desenvolvimento das instituições sociais, como a propriedade privada, a economia e as leis, corrompeu a bondade natural do homem e criou desigualdades artificiais. Ele vê a civilização como responsável pela corrupção moral, a perda da liberdade e o surgimento de conflitos e opressões.

PENSAMENTO DE ROSSEAU RELACIONANDO A CORRUPÇÃO DE ATUALMENTE

Em seu livro "O Contrato Social" (1762), Rousseau defende a ideia de uma vontade geral, que representa os interesses comuns de todos os membros da sociedade, em oposição aos interesses individuais ou de grupos específicos.



Relacionando essa ideia à corrupção atual, pode-se argumentar que a falta de representatividade real e a influência desproporcional de elites políticas e econômicas comprometem a capacidade dos governos de agir no melhor interesse de todos os cidadãos.

"O homem nasce livre, e por toda parte encontra-se a ferros."

15/05/2024

OBRIGADA PELA ATENÇÃO!

REVISTA FEITA POR:

Evelyn

Maicon

Maria Clara

Joelly

João Paulo

Isabela

Rafaely